

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

LOURIVAL DA SILVA LOPES

**HISTÓRIAS DE PROFESSORES APOSENTADOS:
(RE)VISITANDO TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS**

**TERESINA
2010**

LOURIVAL DA SILVA LOPES

**HISTÓRIAS DE PROFESSORES APOSENTADOS:
(RE)VISITANDO TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito parcial, para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Maria da Glória Soares Barbosa Lima

**TERESINA
2010**

L864h Lopes, Lourival da Silva

Histórias de professores aposentados: (re)visitando trajetórias profissionais./ Lourival da Silva Lopes. Teresina: 2010.

147 fls.

Dissertação (Mestrado em Educação).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria da Glória Soares Barbosa Lima.

1. Prática Pedagógica. 2. Saberes Docentes. Professores aposentados. I – Título.

C.D.D – 570.71

LOURIVAL DA SILVA LOPES

**HISTÓRIAS DE PROFESSORES APOSENTADOS:
(RE)VISITANDO TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito parcial, para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

APROVADA EM: 22/09/2010

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a. Maria da Glória Soares Barbosa Lima (Orientadora)
UFPI

Prof^a. Dr^a. Regina Maria Teles Coutinho
Examinadora Externa - UESPI

Prof. Dr. José Augusto de Carvalho Mendes Sobrinho (UFPI)
Examinador Interno

A Jesus de Nazaré, a Buda, a Lao Tsé, a Maomé, a Krishina, a Marduk, a Zeus, a Netuno, a Osíris, a Sócrates, a Platão, a Aristóteles, a Rosseau, a Feuerbach, a Marx, a Freud, a Paulo Freire, a Rubem Alves e a tantos outros iluminantes, iluminados e iluministas, que nos fizeram e nos fazem refletir sobre a vida e nossas próprias relações interpessoais.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Piauí.

A minha Orientadora, Professora Dr^a. Maria da Glória Soares Barbosa Lima, pela paciência que teve comigo, nos momentos mais difíceis dessa caminhada, pela atenção e pelo zelo com os quais lia e relia os rascunhos deste trabalho, conduzindo-me pelos caminhos da cientificidade, e pelo incentivo, durante os momentos de fraqueza, que me impediam, às vezes, de escrever.

À professora Dr^a. Antonia Edna Brito que, mesmo não sendo minha orientadora, teve uma participação especial nesse trabalho, sugerindo-me inclusive a temática.

Aos professores Dr. José Augusto de Carvalho Mendes Sobrinho e Dr^a. Bárbara Maria Macedo Mendes, pelos caminhos apontados na direção dos objetivos e da temática desse trabalho.

Aos meus companheiros de curso, pelo convívio saudável e enriquecedor.

A minha mulher, Fátima Gualberto, que sempre me conduziu na direção do estudo e do conhecimento, para que eu pudesse buscar novas experiências e, principalmente, por ter acreditado que eu era capaz de fazer um trabalho como esse.

Aos professores Antonio Martins da Rocha, Maria da Conceição Sales, Maria do Socorro Sales, Maria de Jesus Caetano, Maria de Jesus Rego e Aury Sampaio Nery, pela valiosa contribuição que deram a este trabalho, emprestando-me suas histórias de vida.

Aos meus filhos, Éverton e Eveline, que são a razão de todas as minhas buscas, de todos os meus encontros (e desencontros) nessa vida.

LOPES, Lourival da Silva. **Histórias de professores aposentados: (re)visitando trajetórias profissionais.** Dissertação (Mestrado em Educação). 147f. Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2010.

RESUMO

O presente estudo foi concebido e concretizado sob os auspícios do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd – UFPI, tendo como temática central as histórias de vida e a prática pedagógica de destacados professores do ensino fundamental da cidade de União – Piauí, que exerceram a docência em meados do século XX, mais precisamente entre as décadas de 50 a 80 do mencionado século. Nesse sentido, desenvolveu-se mediante o paradigma que direciona e consubstancia as histórias de vida, tendo como objetivo investigar as histórias de vida pessoal e profissional de professores aposentados de União – Piauí, contendo os meandros dessas histórias, o que inclui sua prática pedagógica, os saberes inerentes a esse “metier” docente, bem como as marcas significativas deixadas por essa experiência profissional. Estabelece como espaço temporal de atuação dos sujeitos as décadas de 50 a 80, do século XX, os quais são 06 (seis) professores de ensino fundamental de União – Piauí, considerados, pela comunidade unionense, bem sucedidos profissionalmente, isto é, têm seus trabalhos como referência e cuja atuação docente marcou positivamente aquela comunidade do interior piauiense. Os dados narrativos foram coletados através de entrevistas, em que cada interlocutor produzia sua narrativa autobiográfica. Esses dados foram analisados, tendo como suporte a técnica de análise de conteúdo, como sugerem Bardin (2004) e Constantino (2004). Trata-se, desse modo, de uma pesquisa qualitativa narrativa que, no seu desenvolvimento, teve o seguinte suporte teórico-metodológico: Nóvoa (2000); Nóvoa e Finger (1988); Souza (2006); Tardif (2007); Guarnieri (2005); Abrahão (2004); Ben-Peretz (2000); Goodson (2000), entre outros. O estudo apresenta como dados conclusivos um leque de possibilidades de atuação do professor; promove reflexões sobre a história dos professores aposentados de como elaborar seus conhecimentos, seus saberes, fazendo referência a sua prática pedagógica no ensino fundamental.

Palavras – Chave: Prática pedagógica. Saberes docentes. Experiência profissional. Professores aposentados.

RÉSUMÉ

Cette étude a été conçue et mise en œuvre sous les auspices du programme d'études supérieures en éducation - PPGEd - UFPI, ayant comme thème principal des récits de vie et l'enseignement pratique de l'encours des enseignants du primaire dans la ville de l'Union - Piauí, qui ont exercé l'enseignement dans le milieu du XXe siècle, plus précisément entre les années 50-80 de ce siècle. En ce sens, il a été développé par le paradigme qui guide et soutient les récits de vie, visant à enquêter sur les histoires de la vie personnelle et professionnelle des enseignants retraités de l'Union - Piauí, contenant les subtilités de ces histoires, qui comprennent leur pratique pédagogique, les connaissances inhérentes à ce métier "des enseignants ainsi que les marques importantes laissées par cette expérience. Établit un calendrier pour agir en tant que sujets de l'50-80 ans, du XXe siècle, qui sont 06 (six) des enseignants des écoles élémentaires de l'Union - Piauí, considéré par la communauté, réussissant professionnellement, c'est-à-dire leur travail comme une référence et dont le niveau de performance qui ont marqué une communauté positive au sein de Piauí. Les données ont été recueillies par le récit des entretiens, où chaque participant a élaboré son récit autobiographique. Ces données ont été analysées, soutenues par la technique d'analyse de contenu, comme le suggère Bardin (2004) et Constantine (2004). Il est donc un récit qualitatif qui dans son développement, avait ce soutien théorique et méthodologique: Nouveau (2000); Novoa et Finger (1988), Souza (2006), Tardif (2007); Guarnieri (2005), Abrahão (2004) Ben-Peretz (2000), Goodson (2000), entre autres. L'étude présente des données concluantes que toute une gamme de possibilités de rendement du personnel enseignant, favorise la réflexion sur l'histoire de l'enseignant à la retraite de façon à développer leurs compétences, leurs connaissances, en faisant référence à leurs pratiques pédagogiques dans les écoles élémentaires.

Mots – clés: Pratique de l'enseignement. Connaissances des enseignants. Expérience. Enseignants à La retraite.

LISTA DE SIGLAS

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

CADES – Campanha de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento do Ensino Secundário

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social

LDB – Lei de Diretrizes e Base

MEC – Ministério da Educação

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PTIA – Programa da Terceira Idade

UESPI – Universidade Estadual do Piauí

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UNB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I. A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR: SABERES E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL	17
1.1 Prática pedagógica e experiência profissional	17
1.2 Saberes docentes.....	23
CAPÍTULO II. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: DAS HISTÓRIAS DE VIDA À CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	25
2.1 Dos primeiros estudos com histórias de vida às discussões atuais	25
2.2 Das discussões atuais às histórias de vida de professores aposentados	35
2.3 Do espaço da pesquisa	40
2.4 Os sujeitos da pesquisa e a produção de dados narrativos	42
2.5 A análise dos dados e seus processamentos	44
CAPÍTULO III: HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES APOSENTADOS: TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS	47
3.1 História do Professor Antonio Martins da Rocha	47
3.2 História da Professora Maria da Conceição Sales	57
3.3 História da Professora Maria de Jesus Rego	61
3.4 História da Professora Auri Sampaio Nery	68
3.5 História da Professora Maria do Socorro Sales.....	77
3.6 História da Professora Maria de Jesus Caetano	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	101
ANEXOS	108

INTRODUÇÃO

A idéia inicial desse trabalho decorre de minha seleção para o Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI - PPGEd, oportunidade que se apresentou favorável para realizar uma investigação com professores do ensino fundamental, culminando com a decisão de tomar como sujeitos professores aposentados da cidade de União – Piauí. Para tanto, coloco como objetivo principal deste trabalho investigar as histórias de vida pessoal e profissional de professores aposentados da referida cidade, que, profissionalmente, exerceram a docência no decorrer das décadas de 50 a 80, portanto na segunda metade do século XX. Nesse sentido, o interesse é chegar à compreensão das trajetórias profissionais desses professores, relativamente à vivência de sua prática pedagógica e dos saberes nela implicados. Além disso, há duas constatações que considero importantes: a primeira relaciona-se à falta de registros documentais sobre o tema em questão, ou seja, a ausência de literatura a esse respeito; a segunda refere-se a interesse pessoal em discutir essa temática, a exemplo de estudos similares que deram voz a professores aposentados, perspectivando melhor compreender os meandros de sua prática profissional docente.

Diante deste direcionamento inicial, defini os seguintes objetivos específicos como meio de melhor acessar à compreensão do objeto perspectivado: a) conhecer os meandros das histórias de professores bem sucedidos profissionalmente no ensino fundamental; b) visitar trajetórias escolares e de formação pelas histórias de vida de professores aposentados; c) analisar a prática pedagógica de professores do ensino fundamental, com base em suas narrativas de vida e formação; d) identificar as marcas pessoais da experiência profissional em suas práticas docentes.

Minha pretensão, com a realização desta pesquisa, foi proceder um retorno ao passado, a fim de conhecer o trabalho docente de educadores bem sucedidos profissionalmente, na cidade de União, Estado do Piauí, que exerceram seu ofício no ensino fundamental, entre as décadas de 50 a 80 do século XX. Ao mesmo tempo, procurei entender as trajetórias desses professores aposentados, na perspectiva de analisar suas histórias de vida profissional sem, no entanto, esquecer momentos significativos de suas práticas pedagógicas, na época em que foram alunos. Essa atitude baseia-se na idéia de que nas lembranças do passado, busca-se a compreensão do que acontece no presente. Passado e presente, desse modo, interpenetram-se para constituir a história. A prática pedagógica do presente é algo que se associa ao passado como forma de compreender a sua construção ao longo da vida profissional. Desse modo, faz-se necessário ouvir, de viva voz, sobre as marcas experienciais dos professores, sobre suas histórias de vida, enfim sobre sua prática pedagógica.

É dentro dessa perspectiva que enuncio o seguinte problema de pesquisa: como se deu a construção da prática pedagógica desses professores e o que esta representa para o trabalho profissional de outros professores em início de carreira? Por outro lado, esse trabalho vai além dessa questão. Não quis conhecer apenas a história linear de cada interlocutor, mas mesclá-la com as particularidades que se apresentam em cada percurso docente. A expressão “percurso docente” evidencia essa marca pessoal, subjetiva, de cada interlocutor. Mesclar história e particularidades da vida escolar exige um esforço muito grande de quem narra.

Nesse caso, intervenho, como pesquisador, a partir de minha trajetória escolar, como aluno e como professor, tomando-a como base, para melhor compreender a construção desse traçado histórico, o foco temporal dos anos 60, 70 e 80 da segunda metade do século XX. Toda essa trajetória, marcada por encontros e desencontros com outros personagens da vida escolar tanto do aluno quanto do professor - vigias, zeladores, merendeiras, diretores, secretárias, inspetores, alunos, professores, pais – contribuiu sistematicamente para a construção de minha prática pedagógica.

A expressão “prática pedagógica” usada em pesquisa sobre educação tem, nesse trabalho, conotação de ação educativa; é o labor diário

do professor na sala de aula e a sua relação com alunos e os outros agentes da escola. É a prática dos conhecimentos adquiridos nas instituições escolares ou não-escolares, através dos saberes que vão amalhando, construindo, adquirindo, difundindo nas situações didáticas, criadas para ensinar e para fazer com que os alunos aprendam. Essa idéia encontra eco nas palavras de Guarnieri (2005, p. 12): “[...] nota-se que a prática mediatiza a relação do professor com a teoria, o que implica um movimento de superação acrítica às teorias e aos modismos pedagógicos”.

Foi com esse entendimento que busquei investigar os caminhos dessa prática pedagógica, exercida pelos professores interlocutores, durante a segunda metade do século XX, com a pretensão de compreender a construção dessa prática. Assim, o estudo partiu do entendimento de que construir a prática pedagógica é considerar aspectos tais como: o aprender, o fazer e o aprender a fazer. Este processo construtivo começa fora da sala de aula, quando o professor esquadrinha mentalmente, ou, de forma mais organizada, formalmente, o que vai fazer, como vai fazer, por que vai fazer e para que vai fazer. É como no sentido expresso por Imbert (2003, p. 14) que, citando Castoriadis (1973), afirma: “Denominamos práxis esse fazer no qual o outro (os outros) é visado como agente essencial de sua própria autonomia”.

O que acontece dentro da sala de aula, na verdade, é a configuração do trabalho do professor sob um ponto de vista subjetivo, marcado pelas lembranças, pelas emoções, pelos sentimentos, pelas alegrias, pelas tristezas e pelos relacionamentos. Dentro dessa perspectiva, faz-se necessário afirmar que o olhar do aluno e o olhar do professor são, também, ingredientes necessários à construção da prática pedagógica.

É dentro dessa perspectiva que, por exemplo, na escola, da década de 1960, sem livro didático, a professora distribuía os conteúdos das disciplinas ao longo das quatro horas de aula, o que implica dizer que todas as disciplinas eram ministradas pela mesma professora, durante os cinco anos. Os conteúdos eram anotados no quadro e explanados oralmente pela professora, em aulas exclusivamente expositivas. Aos alunos cabia apenas copiar e ouvir essas explicações. Só muito tempo depois, adentrando já à década de 1980, é que se ouve falar em “educação bancária”, que Freire (1983), na *Pedagogia do Oprimido*, caracteriza como um paradigma a ser quebrado, uma vez que esse

tipo de educação não liberta o ser humano da opressão. Ao contrário, o professor representa a figura do dominador, do opressor, do explicador, daquele que sabe e que ensina aos que não sabem (os alunos), que, dominados, repetem aquele conteúdo à exaustão até memorizá-lo.

Nessa direção, diz esse autor, o que a memória guarda e não esquece transforma-se em instrumento de reprodução nas atividades que o ser humano virá a desenvolver profissionalmente. Isso quer dizer que, se a trajetória escolar como aluno foi marcada por um paradigma educacional que a memória guardou-e não esqueceu-, vai ser muito difícil libertar-se dele no exercício futuro do magistério. Razão pela qual, ainda hoje, existem práticas pedagógicas autoritárias e discriminatórias. Diante da consideração de que o professor, além de ser um profissional, é uma pessoa, o que ele leva de experiência para a sala de aula é fundamental para o desenvolvimento do seu trabalho docente, logo, somados à sua experiência, os conhecimentos adquiridos e produzidos, bem como os modelos de educação guardados em sua memória, começam, articuladamente, a construir essa prática pedagógica.

Comporta inferir a esse respeito que a lembrança da trajetória escolar, positiva ou negativamente, ajuda no desenvolvimento do trabalho em sala de aula, porque é no interior desse espaço escolar que a prática pedagógica vai se edificando. Nesse sentido, as marcas, deixadas por determinado professor na vida escolar, ajudam, em diferentes momentos, a escolher o caminho que se quer seguir na vida de professor. Sem dúvida que o aperfeiçoamento, através de estudos formais, de leituras especializadas, de encontros acadêmicos, de grupos de trabalhos de pesquisa, contribui para a formação do professor. Mas tudo isso não basta por si mesmo. É necessário haver um esforço para articular os saberes docentes, em suas diversas modalidades, à prática pedagógica já referida a fim de melhor ressignificá-la, adequando-a à realidade sociocultural dos alunos.

Pensar sobre escola, sobre os professores que nela atuam, constitui a base da experiência que, por sua vez, influencia inevitavelmente a ação pedagógica, a prática diária de sala de aula. Desse modo, ao voltar-se ao passado escolar, revendo as histórias traçadas e trançadas pelos professores, entre fazeres docentes diversificados, trazem à tona lembranças do cotidiano escolar, das aulas e dos alunos. E, ao fazer essa retrospectiva, o que, na

verdade, se encontra? Encontram-se pessoas com as quais havia bons relacionamentos nos tempos de escola e que faziam parte do mundo, das interações e das aprendizagens.

Dessa relação intrínseca com o passado emerge a convicção de que, quando se volta no tempo para lembrar a primeira escola, a primeira professora, os colegas de aula, mexe com sentimentos, com emoções, com a saudade. É sair do presente, transportando-se ao passado e, nesse dialético movimento, lembrar e registrar a vida, neste caso: a vida de professores aposentados do ensino fundamental.

A proposta de revisitar as trajetórias escolares, profissionais e de formação, a fim de apreender como se deu a prática pedagógica de professores aposentados, com o olhar de seu tempo, focado na experiência vivida, descrita em cada história, sublinhando seus contornos mais representativos no âmbito do ensino fundamental, desde as situações mais inusitadas, os erros e acertos até às necessidades corporais, culturais e intelectuais, inclui, também, outras observações. Como, por exemplo, identificar marcas pessoais que a experiência imprimiu em suas práticas pedagógicas, durante os trajetos do trabalho docente.

É nessa perspectiva que se faz necessário ouvir a voz do professor. Ouvir a voz do professor significa conhecer a história de vida de alguém. Para desenvolver um trabalho de pesquisa, como este, em que a proposição é investigar a construção da prática de professores do ensino fundamental de União, a metodologia escolhida foi a de ouvir esses professores pelo recurso da narração de suas histórias de vida, sendo que optei por ouvir professores aposentados. Essa tomada de decisão partiu do seguinte pressuposto: se a experiência também é importante para a construção da prática dos professores, voz da experiência (a voz dos professores que já fizeram sua história) merece ser ouvida na condição de um significativo recurso auxiliar à compreensão da docência, na sua progressividade histórica, notadamente para compor/recompor essa história, seja para o momento presente, seja para gerações vindouras.

Apesar da referência que faço ao tempo, ao situar o objeto dessa pesquisa num determinado período da história, a proposição não é descrever fatos históricos isolados da educação unionense, porque entendo que a

construção da prática educativa do professor está embutida em um contexto histórico-social que também se constrói e evolui cotidianamente. Estas razões me levam a considerar como importantes as vozes dos professores aposentados, não apenas pelas informações históricas, mas, principalmente, pela descrição das ações pedagógicas vividas e observadas ao longo de suas trajetórias escolares, como alunos e como professores.

Para uma investigação como essa, não se pode desconsiderar as histórias de vida, as experiências, visões de mundo, detalhes de momentos da vida da pessoa, relações, interações e relacionamentos de quem passou a maior parte da sua vida na escola: o professor aposentado. Esse grupo de professores, certamente, possui uma visão amadurecida, carregada de observações pessoais e críticas, cheia de comparações com a história da educação da cidade de União. Embora eu tenha percebido certa nostalgia no que relatam, principalmente quando comparam a educação do passado com a do presente, suas histórias de vida são peças fundamentais para o entendimento e o enriquecimento da compreensão do presente.

A propósito, o ir e vir da construção da prática pedagógica está relacionado com ensinar e aprender, que incluem compromissos pessoais e profissionais, entre outros:

Ensinar é, sobretudo, um compromisso ético, cravado de responsabilidades. Ensinar é também aprender, reclama uma dose de compromisso por parte de quem exerce o ato. Ensinar é revisitar conceitos, práticas, valores, buscando na história recursos importantes para iluminar o pensamento presente e ao mesmo tempo criar perspectivas de uma educação que se quer mais abrangente, unitária e humana (VEIGA, 2007, p. 44).

Registradas estas considerações introdutórias, para melhor compreensão do resultado desta pesquisa, dividi o trabalho em três capítulos, assim resumidos:

No capítulo I, A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR: SABERES E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL, levando em conta o objetivo principal do trabalho, procuro relacionar experiência do professor, experiência profissional e construção da prática pedagógica, bem como compreender como são mobilizados os saberes da prática pedagógica dos professores.

No capítulo II, denominado: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: DAS HISTÓRIAS DE VIDA À CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA, trato da metodologia utilizada na pesquisa. Analiso e descrevo o método autobiográfico e as histórias de vida, no desenvolvimento da pesquisa qualitativa. Enfatizo a importância das histórias de vida para descrever a trajetória escolar de professores aposentados e sua contribuição para a construção da prática pedagógica. Neste capítulo, também, caracterizo os espaços onde desenvolveu-se a pesquisa; defino os critérios de escolha dos sujeitos da pesquisa e informo como foi procedida a análise dos dados coletados, bem como destaco que o trabalho docente possibilita o encontro com novos conhecimentos, com novos conceitos, com novas buscas, com novos relacionamentos, mas não prescinde das histórias de vida dos professores, principalmente dos que se aposentam em idade de poder contribuir com a sua experiência para a formação de novos professores.

No capítulo III, que se denomina: HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES APOSENTADOS: TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS, analiso e descrevo o conteúdo dos relatos dos professores aposentados e bem sucedidos profissionalmente, enfatizando principalmente a sua relação com a construção da prática educativa, na segunda metade do século XX (décadas de 50 a 80), na cidade de União - Piauí. Para tanto priorizo a trajetória escolar de cada um e sua visão pessoal e profissional como ponto de partida para a consecução do trabalho.

Nas CONSIDERAÇÕES FINAIS, analiso a construção da prática pedagógica, relacionando a ação do trabalho docente do professor aposentado do ensino fundamental da cidade de União/Piauí com as marcas pessoais de suas memórias, apreendidas pelas trajetórias escolares, conforme suas narrativas. E como é próprio das conclusões, procuro ressaltar que o resultado dessa pesquisa constitui um instrumento auxiliar na formação de novos professores, uma vez que a experiência, obtida a partir das histórias dos professores aposentados do ensino fundamental, serve de base para a construção de novas prática pedagógicas.

CAPÍTULO I

A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR: SABERES E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Neste capítulo, procuro compreender como a experiência do professor pode contribuir para a construção da prática pedagógica, objeto desse estudo, e como pode resultar na construção dos saberes do trabalho docente. Desse modo, como já registrado, este trabalho investigou o seguinte problema: como se deu a prática pedagógica dos professores do ensino fundamental da cidade de União/Piauí, durante o século XX? Para tanto, neste capítulo, discutem-se “prática pedagógica”, “saberes docentes” e “experiência profissional”, para, estabelecer um nexos entre eles na tentativa de perceber as interrelações desses aspectos, enquanto seus elementos mediadores.

1.1 Prática pedagógica e experiência profissional

Para chegar-se à idéia de prática pedagógica, faz-se necessária a compreensão de que não há uma prática sem teoria, nem o contrário, teoria sem prática, teoria sem conhecimento, visto que, para se conhecer algo, é necessário ter havido a prática de uma experiência anterior. É nesse sentido que há uma teoria pedagógica e uma prática pedagógica que são resultantes não só do acúmulo de experiências como também do campo perceptivo das interrelações que o professor vai acessando e das ações de estudo e de pesquisa que vai realizando. Trata-se, nesse sentido da dialética teoria – prática, na prática pedagógica docente, da intermediação que uma produz sobre a outra e vice-versa. É, na verdade, como explica Guranieri (2005, p. 12):

Considerando-se a relação teoria-prática, nota-se que a prática mediatiza a relação do professor com a teoria, o que implica um movimento de superação de adesão acrítica às teorias e aos modismos pedagógicos. A teoria, por sua vez, mediatiza a relação do professor com a prática, podendo possibilitar o movimento de superação de uma visão exclusivamente pragmática do trabalho docente.

No interior desta investigação, a concepção predominante é de que a prática pedagógica competente, comprometida, edifica-se nesta dualidade, nesta bipolaridade, nesta indissociabilidade que caracteriza o fazer do professor, que marca a ação humana, como bem percebe Giesta (2001, p. 76):

A bipolaridade apresentada pelo conceito de teoria e prática coloca sempre presentes os dois elementos fundamentais da ação humana: o **pensamento**, teoria que informa o conhecimento, a paixão, a experiência; e a **ação**, prática sem a qual não se dá o ato educativo.

Dessa idéia se depreende que, à proporção que se vai construindo a prática pedagógica, novos conhecimentos, novas experiências vão a ela, desse modo, se incorporando e se transformando em trabalho docente.

O trabalho docente é mediado pela prática pedagógica que se constrói e se reconstrói com novos conhecimentos e novas experiências. Conforme Brito (2006, p. 51), “o pensamento do professor constrói-se, pois, com base em suas experiências individuais e nas trocas e interações com seus pares”. É nesse sentido que os saberes docentes se incorporam à prática pedagógica proporcionando ao professor mais clareza e mais segurança para demandar, não só o ensino, mas também suas trajetórias de desenvolvimento profissional.

Nesse entendimento, uma questão subjaz: a experiência do professor e a experiência profissional se equivalem, têm o mesmo sentido? Ou devem ser entendidas de maneira diferente? Entendo que a experiência do professor, de alguma forma, contribui para a construção da prática pedagógica, uma vez que a experiência é algo que acontece ao professor. Para reforçar essa idéia, busquei apoiá-la em Larrosa (2002), quando ele diz que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Nesse sentido, reafirmo que a experiência não está diretamente vinculada ao tempo que passa, com tempo de serviço, mas com o

que acontece ao professor no tempo de serviço. Nessa perspectiva é que se pode falar em experiência profissional.

É exatamente essa experiência que busco relacionar com a construção da prática pedagógica, através das histórias de vida de professores aposentados do ensino fundamental. O que acontece e o que se passa com cada um no exercício da prática docente, ou na sua trajetória escolar como aluno, servem para construir o caminho a ser percorrido pelo profissional. Para melhor compreensão dessa relação experiência e prática pedagógica, através do sentido etimológico que a palavra experiência traz, recorro, mais uma vez, a Larrosa (2002, p. 25):

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a idéia de travessia, e secundariamente a idéia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pêra*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o *ex* de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. Em alemão, experiência é *Erfahrung*, que contém o *fahren* de viajar. E do antigo alto-alemão *fará* também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo.

É com esse sentido – de travessia e de perigo -, que lanço mão da experiência de professores aposentados do ensino fundamental para investigar como se deu a construção da prática pedagógica, no seu exercício profissional docente, em meados do século XX. Essas dimensões da palavra experiência, apontadas pelo autor em questão, só reforçam a noção de que a experiência profissional do professor, além de contribuir para a formação do saber experiencial, advém dos acontecimentos pessoais e interrelacionais de seu

cotidiano docente. É com esse sentido que Veiga (2007, p. 36) se manifesta a esse respeito:

O professor estrutura, ao longo do processo de construção de seu percurso profissional, o espaço pedagógico que expressa o saber do seu ofício, criado no contexto de sua trajetória e que resulta de uma pluralidade de saberes: os saberes relativos às ciências da educação e das idéias pedagógicas, os saberes curriculares, relativos à seleção dos conhecimentos acadêmicos ligados ao ensino e os saberes da experiência, oriundos da sua prática profissional, construídos individualmente ou na socialização do seu trabalho.

Esse processo de construção do percurso profissional se dá em razão daquilo que acontece com o professor no contexto do espaço escolar onde atua. Dessa forma, não há como não relacionar a prática pedagógica do professor aos saberes que vai amalhando pela construção, pela aquisição, pela troca, ao longo do percurso da experiência profissional. E o resultado de tudo isso é a produção dos saberes da experiência. O que Pimenta (2006) define como saber da experiência reforça a idéia de que na construção da prática pedagógica não se exclui a experiência profissional.

[...] os saberes da experiência são também aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática, mediatizada pela de outrem – seus colegas de trabalho, os textos produzidos por outros educadores (PIMENTA, 2006, p. 20).

O que a autora afirma inevitavelmente converge para o que Ghedin (2006) estabelece em seu trabalho como sendo o saber da experiência o centro nerval do saber docente, no qual os professores transformam as suas relações exteriores com os saberes, relativizando-os com os aspectos interiores de sua prática. Para esse autor, os saberes da experiência são formadores dos demais saberes.

Patenteia-se, desse modo, a importância dos saberes da experiência e da experiência profissional para a construção da prática pedagógica dos professores, tendo em vista que a posse desses saberes contribui para a compreensão da formação contínua como um processo que parte da experiência de quem viveu e aprendeu ao longo de algum tempo de sala de

aula, sendo o fundamento de uma educação viva, dinâmica, que evolui no dia a dia, que transforma cada momento em situação de aprendizagem.

Nesse trabalho de pesquisa, quando propus ouvir as vozes dos professores aposentados do ensino fundamental, busquei compreender a ressonância de uma vida profissional carregada, certamente, de marcas pedagógicas ocorridas no decurso da vida escolar desses professores. Vida escolar que não exclui, na vida do professor, a vida do aluno. Tudo isso vale dizer que o saber da experiência de um professor começa a partir do seu ingresso na escola como aluno, passando pelo que vivencia no dia a dia fora da escola e no trabalho docente de sala de aula.

A prática pedagógica, que é o fazer diário do professor em articulação com a realidade escolar, depende não apenas dos conhecimentos formais, adquiridos principalmente nos cursos de formação, mas essencialmente depende das observações diárias que o professor faz do seu próprio trabalho, dos seus alunos, da escola, da sociedade e da reflexão diária que impõe todo trabalho pedagógico. É nesse sentido que se apontam os saberes escolares, os saberes pedagógicos e os saberes docentes e, ainda, a experiência profissional como fenômenos que se misturam na atividade diária do professor, haja vista a definição dada ao professor, segundo seu papel e respectiva atuação:

O professor é definido como um ator, ou seja, um sujeito que assume sua prática de acordo com o sentido que ele mesmo lhe atribui, possuindo conhecimentos e um saber-fazer que são oriundos de sua própria atividade docente a partir da qual ele a estrutura e a orienta (ZIBETTI; SOUZA, 2007, p. 250).

Essa ideia de professor como ator me leva a acreditar que cada docente exerce um mesmo papel com interpretações e atuações pessoais, individuais, centrado no seu eu-pessoal e profissional. A partir daí se compreende que os saberes docentes, dos quais se apropriam os sujeitos, apresentam-se visivelmente influenciados e determinados pelo labor diário do professor. Labor no sentido que Monteiro (2006, p. 124) dá ao termo, ou seja, “uma atividade rica, pois tangencia a própria condição humana. Somos nós mesmos, com nossa idiossincrasia, em disputa, em polêmica, em labor com o outro”.

Comporta, dessa forma, ressaltar a importância dos saberes experienciais para a prática dos professores e para a sua formação, procurando caracterizá-los como aqueles saberes que sintetizam todos os demais. Não resta dúvida de que a apropriação destes saberes, segundo Mercado (1991), é parte ativa na construção dos saberes docentes que sustentam o trabalho pedagógico, já que os saberes que os precedem não são retomados em sua totalidade, mas estão mediados pela atividade reflexiva de cada professor e pela experiência adquirida na prática.

Justifica-se, por conseguinte, as motivações por que aponto caminhos para o fortalecimento da prática pedagógica, através do saber da experiência, acumulado na vivência e na sapiência do professor aposentado. Existem inúmeras formas de se promover a formação contínua dos professores, entretanto das pesquisas consultadas e empreendidas nos trabalhos acadêmicos mostram-se escassas as sugestões de utilização da experiência profissional de professores aposentados na formação de novos professores.

Entendo que a presente discussão servirá para a análise de situações vividas pelos professores aposentados e para diferenciar os saberes que são construídos no decurso da prática pedagógica, como, também, para despertar a escola e todos que nela atuam, assim como a sociedade mais ampla, para que possam perceber o valor e os saberes que residem na experiência e na vida de professores aposentados.

Portanto, utilizando as palavras de Mercado (1991, p. 69-70), encaminho o encerramento deste capítulo:

[...] os professores se formam na situação cotidiana de seu trabalho, nos contextos locais e momentos históricos particulares em que este se leva a cabo. Durante esses processos, os professores se apropriam de saberes historicamente construídos sobre a tarefa docente. Apropriar-se desses saberes implica uma relação ativa com eles: se reproduzem, se repelem, se reformulam e geram outros saberes a partir das situações pedagógicas concretas até as que enfrenta cada professor (tradução nossa).

Concretamente, penso ser viável que a escola, como o lócus da formação contínua de professores, abra suas portas para os professores aposentados, a fim de que eles possam, utilizando seus saberes da experiência, ajudar a construir a prática pedagógica de novos professores.

1.2 Saberes docentes

Para entender melhor essa relação entre o pensamento do professor e a construção da prática pedagógica, necessário se faz buscar nos estudos de Gauthier et al (1998) e de Tardif (2007) a compreensão em torno dos saberes docentes. Para esses autores, os professores se abastecem, assim como constroem e mobilizam vários saberes para efetivação do ensino. Essa diversidade de saberes, reforçam Gauthier et al (1998, p. 28): “[...] formam uma espécie de reservatório no qual o professor se abastece para responder a exigências específicas de sua situação concreta de ensino”. Como se percebe, essa pluralidade de saberes (TARDIF, 2007) dá forma e conteúdo ao fazer docente, pois, à medida que engloba outros saberes, vai se completando e se ampliando com a experiência profissional, culminando com a construção da prática pedagógica.

Na construção da prática pedagógica, especificamente de professores do ensino fundamental, não se pode deixar de lado esses saberes, até mesmo porque o trabalho docente não prescinde deles. O tempo de construção desses saberes é ao longo da trajetória escolar, quer nos cursos de formação, quer no exercício profissional, a reflexão empreendida ajuda o professor a definir o percurso de sua prática pedagógica. É desse resultado que se manifesta a experiência profissional, tão necessária ao trabalho docente.

Nesse sentido, a prática pedagógica do professor do ensino fundamental é marcada não apenas pelos saberes disciplinares, mas por um conjunto de experiências que se sucedem no contexto escolar durante toda uma trajetória profissional. A trajetória escolar do professor é composta de experiências novas, conhecimentos que se acumulam no percurso do caminho e de um saber-fazer que se aprimora a cada dia. E um outro aspecto que deve ser considerado é a experiência de aluno que cada professor guarda na memória. As lembranças da primeira professora, dos colegas de sala, dos castigos, das tomadas de lições, das brincadeiras, das festinhas compõem o quadro, juntamente com outras experiências, da experiencial profissional.

Convém, por essa razão, estabelecer uma linha de raciocínio que vincule a experiência profissional, os saberes docentes e a prática pedagógica

à profissão de professor. Em se tratando de trabalho docente, a prática pedagógica inclui-se entre o fazer docente diário, que, na sua essência, deve estar associada diretamente ao modelo de sociedade, imposto pelo modelo político e econômico. Nessa perspectiva, entendo que não há prática pedagógica neutra. O que existe é um reflexo daquilo que a sociedade imprime às instituições, dentre as quais se insere a escola.

Desse modo, a experiência profissional do professor encontra-se marcada por acontecimentos sociais e políticos, por necessidades pessoais, por inovações didáticas, por qualificação profissional, por tomadas de decisão, enfim, por uma série de atitudes e de ações através das quais vai adquirindo seu delineamento particular.

Dentro dessa visão, o que acontece com a prática pedagógica do professor do ensino fundamental é que ela se constrói no dia a dia do trabalho docente, mediante interferências internas e externas dos acontecimentos escolares. Essas interferências, às vezes conflituosas, promovem, no professor, a formação de sua personalidade profissional, também de sua autonomia, que implica transformação voluntária, escolhas, abertura para o novo.

Nessa relação entre experiência profissional e saberes docentes, vinculados à prática pedagógica, interpõe-se um aspecto relevante: a formação do professor. Como tratar de questões relativas à prática pedagógica, à experiência profissional e aos saberes docentes sem a necessária vinculação à formação profissional? É dessa forma que a construção da prática pedagógica se manifesta como uma evolução do pensamento profissional do professor. Essa evolução profissional tem relação com formação profissional e experiência profissional.

CAPÍTULO II

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: DAS HISTÓRIAS DE VIDA À CONSTRUÇÃO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Neste capítulo, analiso estudos sobre o método autobiográfico, enfatizando, principalmente, aqueles sobre as histórias de vida cujo referencial teórico é bastante variado e diversificado. Defino o espaço no qual os interlocutores dessa pesquisa construíram suas trajetórias escolares; caracterizo os sujeitos da pesquisa; descrevo como realizei a coleta de dados, bem como estabeleço como procedi para analisar os discursos narrativos produzidos pelos sujeitos, estabelecendo um caminho para acessar as histórias dos professores aposentados, em busca de compreensão do objeto de estudo estabelecido para a pesquisa empreendida.

2.1 Dos primeiros estudos com histórias de vida às discussões atuais

A literatura registra que o trabalho com o método autobiográfico e com as histórias de vida de professores é algo recente no campo da pesquisa educacional. O caminho que se abriu para a utilização da subjetividade, através do método autobiográfico, começou a ser construído e a tornar-se conhecido em 1988, quando António Nóvoa, em parceria com Mathias Finger, publica “O método (auto)biográfico e a formação”. Posteriormente, no prefácio à segunda edição da obra “Vidas de professores” (1995), Nóvoa diz que, no ano da publicação desse trabalho, a utilização das abordagens biográficas não tinha

qualquer significado. Somente a partir de 1992, quando da publicação da primeira edição de *Vidas de professores*, “a situação já tinha mudado consideravelmente, o que me leva a alertar contra a existência de práticas pouco consistentes e de metodologias sem qualquer rigor” (NÓVOA, 2000, p. 7).

Dentro dessa mesma corrente de discussões, Souza (2006) trata sobre história de vida e formação como arte de contar e trocar experiências, fenômeno a que já nos referimos anteriormente, de que as relações entre as histórias de vida do professor e a história de vida do pesquisador confrontam-se, negam-se, confirmam-se, convergem-se, na verdade, é apenas uma troca de experiência que dá vida e credibilidade à pesquisa educacional. Nesse sentido, afirma:

As histórias de vida são, atualmente, utilizadas em diferentes áreas das ciências humanas e de formação, através da adequação de seus princípios epistemológicos e metodológicos a outra lógica de formação do adulto, a partir dos saberes tácitos e experienciais e da revelação das aprendizagens construídas ao longo da vida como uma metacognição ou metareflexão do conhecimento de si (SOUZA, 2006, p. 25).

A propósito, o autor em referência evoca o pensamento reflexivo, os saberes da experiência, o autoconhecimento e a autorreflexão como elementos indispensáveis nos relatos pessoais de professores, esclarecendo que, nas histórias de vida, quem decide o que deve ou não ser contado é o próprio ator, a quem cabe o “dizível” da sua história, a subjetividade e os percursos de sua vida. É dentro desse quadro que surge uma proposta cuja perspectiva central é a pessoa do professor, o seu “sujeito”, as suas relações intra e extra-escolares. No entanto, o interesse pelos aspectos subjetivos envolvidos na vida dos atores sociais não é apenas preocupação da área da educação, é também motivado pelas mudanças paradigmáticas. Diante da tendência atual de utilização de autobiografia ou histórias de vida, cabe a seguinte pergunta: como é possível a subjetividade das narrativas de professores tornar-se objeto de conhecimento científico? A esse respeito, Bueno (2002) encaminha a resposta a esta questão considerando duas noções essenciais: a de práxis humana e a de atividade sintética.

[...] toda práxis humana é reveladora das apropriações que os indivíduos fazem dessas relações e das próprias estruturas sociais, 'interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua atividade desestruturante-reestruturante' [...]. Assim, mediante um processo de interiorização e exteriorização é explicitado o caráter dinâmico da subjetividade no âmbito de seu pensamento, de modo semelhante ao que essa questão foi abordada pela filosofia sartriana. Atribuir esse caráter à subjetividade significa, além disso, admitir que a vida humana e mesmo cada um de seus atos se manifeste como a síntese de uma história social (BUENO, 2002, p. 19).

Dessa forma, a práxis humana é o resultado das apropriações que os indivíduos fazem das relações sociais incrustadas nas estruturas sociais, enquanto que a atividade sintética é o produto final de toda uma história social, suas relações e inter-relações.

Nessa perspectiva, entendemos que na história de vida de um professor, marcada fortemente pela subjetividade, subjaz a noção de sociedade, de coletivo. Mesmo o professor sendo uma pessoa, com características próprias e individuais, as suas relações sociais transformam a sua história na história dos outros e a história dos outros dentro da sua própria história. Burnier et al. (2007, p. 347) afirmam que “[...] a imagem que o professor constrói de si mesmo e perante a sociedade faz parte do processo constitutivo de sua identidade profissional”. Queiroz (1988), sobre esta questão, salienta:

[...] não se nega mais também, que mesmo uma única história de vida possa ser objeto de um estudo sociológico aprofundado e frutífero. Todo fenômeno social é total, dizia Marcel Maus na década de 20. O indivíduo é também um fenômeno social. Aspectos importantes de sua sociedade e do seu grupo, comportamentos e técnicas, valores e ideologias podem ser apanhados através de sua história. (apud BELLO, 2002, p. 26 - 27).

O estudo das histórias de vida dos professores tanto para a análise do currículo como da escolaridade é importante, especialmente na perspectiva de Goodson (2000) que confirma a necessidade de se garantir que a voz do professor seja ouvida, preferencialmente, em voz alta, de forma bem audível e

bem articulada. E, neste caso, o que significa ouvir a voz do professor? Para esse autor ouvir a voz do professor é de grande interesse quando este profissional fala do seu trabalho. Não resta dúvida de que a objetividade científica, tradicional, mecânica tem contribuído para que a subjetividade não seja considerada elemento essencial na pesquisa. Entretanto, a pesquisa educacional, nos últimos anos, tem buscado a experiência do professor, como um trajeto possível para se chegar à compreensão de sua formação, tanto como pessoa, ou como profissional. A propósito, é como refere Goodson (2000, p. 73):

As experiências de vida e o ambiente sociocultural são obviamente ingredientes-chave da pessoa que somos, do nosso sentido do eu. De acordo com o 'quanto' investimos o nosso 'eu' no nosso ensino, na nossa experiência e no nosso ambiente sociocultural, assim concebemos a nossa prática.

Desse modo, as histórias de vida dos professores têm-se constituído atualmente em matéria estudada não apenas pela educação, mas pela psicologia, pelas ciências sociais, pela história, entre outras ciências, o que revela que essas histórias ganharam status de cientificidade. De acordo com Nóvoa (2000), existem outras pertinências que dão sentido ao desenvolvimento de modalidades de investigação e de formação que se relacionam com as dimensões pessoais e profissionais que se juntam às razões científicas. E, de fato, é isso que estabelece a cientificidade exigida nas pesquisas educacionais.

É importante esclarecer que método autobiográfico e histórias de vida têm algo em comum, pois são relatos de vida, experiências acumuladas no dia-a-dia profissional. No entanto, diferem-se na forma. Para Miguel (apud BELLO, 2002, p. 31), as autobiografias são escritas, enquanto que as histórias de vida são narrativas orais. De acordo com esse autor, as autobiografias nunca têm fim, porque a história de vida de uma pessoa se amplia até o infinito e pode ser contada de várias maneiras, sofrendo novas interpretações. Outro aspecto revelado nas histórias de vida é que elas apresentam marcadores, que são pontos de inflexão, momentos críticos, situações, que dão sentido e coerência à vida e que devem ser analisados pelo interlocutor. "Dar sentido à vida é um dos projetos típicos de uma história de vida e isso só acaba com a morte"

(BELLO, 2002, p. 32). Para interpretar as narrativas autobiográficas, há de se considerar que existem três tipos de histórias de vida, conforme sugere Miguel, autor citado anteriormente: aquelas cuja interpretação é feita pelo próprio leitor; aquelas que incluem interpretação sistemática do próprio entrevistado; aquelas que são utilizadas mais como exemplo ou certificação de uma teoria ou de um texto.

Em pesquisa com professores aposentados, como a que desenvolvi, há que se levar em consideração, pelo menos, os dois primeiros tipos de histórias de vida, pois as interpretações e análises de experiências dos interlocutores serão fundamentais para a compreensão de suas práticas pedagógicas, tanto as feitas pelo entrevistado como pelo entrevistador-pesquisador. Quanto ao terceiro tipo, aquele utilizado como exemplo ou certificação de uma teoria ou de um texto, pode, dependendo do objetivo da pesquisa, ter uma concepção teórico-prática. Interpretar as experiências do professor não significa dar conotação à subjetividade do entrevistador, ao contrário, significa mostrar as nuances e os percursos de uma vida, de forma imparcial, honesta e sensata, uma vez que “[...] não temos acesso direto à experiência dos outros, lidamos apenas com representações dessa mesma experiência por meio do ouvir contar, dos textos, da interação que se estabelece e das interpretações que são feitas” (GALVÃO, 2005, p. 330).

Estes aspectos de que se revestem as narrativas corroboram sua viabilidade enquanto um adequado método: tornar públicas as vozes dos professores, por exemplo. Em cada narrativa é possível apreender como a experiência se torna algo capaz de transformar a realidade circundante, de revelar os meandros de uma trajetória, entre outros vieses significativos, como reforça Galvão (2005, p. 331):

[...] as histórias revelam conhecimento tácito, importante para ser compreendido; têm lugar num contexto significativo; apelam à tradição de contar histórias, o que dá uma estrutura à expressão; geralmente está envolvida uma lição de moral a ser aprendida; podem dar voz ao criticismo de um modo social aceitável; refletem a não separação entre pensamento e ação no ato de contar, no diálogo entre narrador e audiência.

Estas são as razões que creditam ao método autobiográfico seriedade, criticidade e análise de contexto, proporcionando à pesquisa

credibilidade, originalidade e autenticidade. Credibilidade no que concerne ao conhecimento experiencial de cada narrador. Originalidade naquilo que cada história contém de novidade. E autenticidade no resultado das análises.

Diante desta visão, entendo que reconstruir as histórias pessoais do professor, saber acerca de seu envolvimento com os outros na escola, acessar suas particularidades, que dão o “colorido” a cada trajetória pessoal e profissional, representa um valioso contributo para professores que ingressaram na profissão e para aqueles que se encontram em formação. Seguindo este raciocínio, Maués (2003) considera que a reconstrução de histórias pessoais, analisando aspectos educacionais, crenças, valores e normas, pode contribuir para melhorar qualitativamente a prática docente individual e, em conseqüência, a prática docente no sentido mais amplo. Refere, nesse sentido, que é visível a relação entre histórias de vida e memória, deixando claro que a memória, embora desprezada por muitos e principalmente pelo paradigma da modernidade, não é um amontoado de fragmentos arruinados, mas é, sobretudo, o conjunto das descobertas e das diversas possibilidades e limites enfrentados que dão razão ao futuro e sentido ao presente, enfatizando, pois, “[...] a necessidade de estudá-la, compreendê-la e não desprezá-la, utilizando-a em nossas reflexões sobre nossas práticas buscando explicações e entendimentos que favoreçam práticas mais significativas à formação de futuros educadores” (MAUÉS, 2003, p. 3).

Considerar, pois, as histórias de vida, os relatos pessoais de professores como algo que passou e que se tornou obsoleto e ultrapassado é negar o passado, é desconsiderar ou mesmo desconhecer que as memórias estão presentes nas lembranças dos professores, que fazem reflexões, comparações, apontam situações semelhantes à realidade presente, realizam inferências do passado com a atualidade. Para Catani e Vicentini (2003, p. 16), “lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, construir imagens e idéias de hoje com as experiências do passado”. O passado, quando trazido para o presente, transforma-se no diferente e, às vezes, até na novidade, principalmente quando a distância entre passado e presente oculta fatos, valores, crenças e relacionamentos. Não se pode creditar ao presente a construção do futuro sem a anuência do passado. A esse respeito, Paulo Freire traça a seguinte consideração:

Quando hoje, tomando distância de momentos por mim vividos ontem, os rememoro, deve ser, tanto quanto possível, em descrevendo a trama, fiel ao que ocorreu, mas, de outro lado, fiel ao momento em que reconheço e descrevo, o momento antes vivido. Os “olhos” com que “revejo” já não são os “olhos” com que “vi”. Ninguém fala do que passou a não ser na e da perspectiva do que passa. O que não me parece válido é pretender que o que passou de certa maneira devesse ter passado como possivelmente, nas condições diferentes de hoje, passaria. Afinal o passado se compreende, não se muda. (FREIRE, 2003, p. 19).

Reitero, assim, que as histórias de vida de professores aposentados são relatos de vida e de profissionalidade. A experiência de que são capazes de reproduzir é, na realidade, a construção de uma identidade pessoal e profissional. É nesse sentido que os estudos de Schön (1992) apontam para três movimentos que contribuem para o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores. São eles: o conhecimento na ação, a reflexão na ação e a reflexão sobre a ação e sobre a reflexão na ação. Segundo Nóvoa (1992), esses movimentos, perspectivados por Schön (1992), produzem momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais que, na verdade, são momentos em que cada um produz a sua vida, o que no caso dos professores é também produzir a sua profissão.

A compreensão que aflora é que toda história de vida é constituída não apenas de uma ação, mas de várias ações. Recordá-las significa rever conceitos, práticas e pensamentos. Neste caso, comporta indagar: o que o professor faz ao recordar suas ações docentes? Ao refletir na e sobre a ação, como declara Schön (2007, p. 32): “Podemos refletir sobre a ação, pensando retrospectivamente sobre o que fizemos, de modo a descobrir como nosso ato de conhecer-na-ação pode ter contribuído para um resultado inesperado.” Isso implica necessariamente “parar e pensar”, para que a reflexão se efetive, para dar o grande mergulho em busca de si mesmo, de suas histórias pregressas, histórias de professores aposentados.

Ao empregar essa expressão como um dos fundamentos da metodologia utilizada nesta pesquisa, evoco as histórias de vida como um momento em que os professores contam – pensam – refletem, acerca de um percurso em que caminharam e a ele retornaram anos mais tarde. Nessa

perspectiva, a reflexão torna-se importante, porque o caminho não será mais o mesmo nem o professor é o mesmo. A riqueza de todo esse mergulho introspectivo e retrospectivo nos meandros da prática pedagógica fica disponível para uso na formação de novos profissionais.

A relação entre histórias de vida de professores e reflexividade pessoal e profissional torna-se, cada vez, mais estreita e interdependente, visto que produz uma nova perspectiva na formação continuada dos professores, principalmente daqueles em início de carreira. Considerada hoje como um dos lugares privilegiados da formação continuada, a escola deve promover momentos de troca de experiências, incluindo as histórias de velhos professores, marcada principalmente pelo conhecimento adquirido no percurso da profissão. Desse modo, com base em Nóvoa (2000), reforço esse entendimento:

Apesar de todas as fragilidades e ambigüidades, é inegável que as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes, fertilizadas pelo cruzamento de várias disciplinas e pelo recurso a uma grande variedade de enquadramentos conceituais e metodológicos. Gaston Pineu (1990) refere a existência de um verdadeiro movimento socioeducativo em torno das histórias de vida, em uma enorme profusão de abordagens, que necessitam de um esforço de elaboração técnica baseada numa reflexão sobre práticas e não numa óptica normativa e prescritiva. É importante que este movimento socioeducativo continue a enriquecer-se em termos da acção, caminhando, todavia, no sentido de uma integração teórica que traduza toda a complexidade das práticas. (NÓVOA, 2000, p. 19).

A experiência do conhecer a si mesmo e do conhecer o outro fortalece o trabalho profissional. Na expressão “nós trabalhamos com os outros”, sujeito e objeto se encaminham para a mesma direção. É o encontro do “eu” e do “tu” ou do “eu” e do “isso”, como Buber (2003) estabelece nas relações do homem com o próprio homem e a natureza. “O TU encontra-se comigo por graça; não é através de uma procura que é encontrado.” (BUBER, 2003, p. 12). Desse processo, nascem as relações e interrelações entre as pessoas que, naturalmente, contribuem para a formação da minha identidade como pessoa e como profissional. Cada vez mais estou convencido de que a formação do professor depende muito mais da própria pessoa (o professor) e de suas

relações com outros profissionais da escola do que da formação acadêmica unicamente.

A formação acadêmica, tal como é concebida hoje, volta-se mais para os conhecimentos teóricos prescritos por filósofos, pedagogos, psicólogos e outros estudiosos e, muito menos, para os conhecimentos curriculares, práticos, interdisciplinares, enfim para o conhecimento na ação, como refere Schön (2007). Dessa forma, ao concluir seu curso na Universidade, o futuro professor, em geral, se depara com um abismo que se interpõe entre o que ele estudou e o que ele vai encontrar na escola. Ocorre que é preciso ultrapassar esse “abismo”, a barreira existente entre a vertente teórica e a prática, entre o que estudou e o que ainda precisa estudar. É preciso, pois, tomar uma decisão:

[...] se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vida dos novos e dos jovens. [...] se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDDT, 2005, p. 247).

As contradições com as quais o professor se confronta, ao assumir a profissão, revelam o grau de incertezas e de dúvidas que o esperam na escola. Eis mais um motivo por que a formação deve continuar – de forma muito mais intensa – dentro da própria escola ou em ambiente extra-escolar. No entanto, uma outra questão se interpõe na busca dessa formação, visto que a própria organização das escolas desencoraja um conhecimento profissional partilhado por professores, o que dificulta o investimento em experiências significativas nos percursos de formação. Nóvoa (1992) deixa claro, desse modo, que a formação está indissociavelmente ligada à produção de sentidos sobre as vivências e sobre as experiências de vida. Desse modo, parece que o âmbito da escola se transforma em outro abismo que o professor iniciante precisa transpor.

A minha proposição, ao refletir sobre essas questões, como referido inicialmente, foi discutir os vieses teóricos que integram o método

autobiográfico ou as histórias de vida no contexto dos cursos de formação de professores. Como já afirmado, educação é algo que acontece entre o passado e o futuro, como a vida, diferentemente de aprendizagem que acontece numa relação com o que passou. Dessa forma, os encontros de professores com professores, partilhando seus conhecimentos, suas vivências e suas experiências transformam-se em momentos extraordinários de aprendizagem e de educação.

Esse trabalho de interações profissionais entre professores pode servir para um vir-a-ser do novo professor. Nesse caso, não se trata de o velho influenciar o novo e vice-versa, mas a questão da formação está naquilo que se pode extrair do outro, após examinar, através do pensamento reflexivo, o que é pertinente para o seu trabalho e para o trabalho de ambos.

Não existe nenhuma relação com receituário, ou fórmula pronta para se aplicar na sala de aula, posto que, como reflete Arendt (2005, p. 239), “a qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo.” Não se trata de uma visão individualista, egocêntrica, de cada professor por si, mas, sobretudo, é o coletivo do trabalho profissional influenciando em cada um, sem necessariamente tirar a sua individualidade.

Os professores, de fato, desempenham um papel importante na produção e na estruturação do conhecimento pedagógico. Isso porque refletem na e sobre a interação que se gera entre o conhecimento científico e a sua aquisição pelo aluno, refletem na e sobre a interação entre a pessoa do professor e a pessoa do aluno, entre a instituição escola e a sociedade em geral. Tudo isso reforça a idéia de que os professores não são apenas técnicos que executam normas e propõem receitas ou se preocupam apenas com a aplicação de teorias em seu trabalho profissional, mas que sejam também construtores de novos conhecimentos, principalmente advindos da ação, das relações e da convivência refletidas com outros profissionais da escola.

Entendidos nesta dimensão, os relatos de vida dos professores aposentados contribuem com as demandas de formação continuada na escola, se se considerar que a construção e reconstrução do passado sejam importantes para avaliar o papel social dos professores como profissionais,

pois esse papel se transforma com a sociedade que está continuamente se modificando.

Ouvir professores, suas histórias, seus sucessos, fracassos e mal-estares, suas certezas e incertezas, seus conhecimentos teóricos, suas experiências de vida e de escola, é conceder-lhes oportunidade de se tornarem partícipes nos projetos e nas ações da escola é viabilizar-lhes o diálogo, é romper barreiras burocráticas, é permitir que novos professores juntamente com os mais experientes interajam na perspectiva de abrir novos caminhos. E, neste entorno, reiteramos que as narrativas e as histórias de vida propiciam adentrar nesses novos caminhos, permitindo, sobretudo, dinamização e fortalecimento da pesquisa com os professores, colaborando com os seus processos de formação e de auto-formação continuada.

2.2 Das discussões atuais às histórias de vida de professores aposentados

É nessa perspectiva que investigamos como as histórias de vidas de professores aposentados devem fazer parte dos trabalhos com formação de professores; como as práticas pedagógicas, os percalços, as frustrações, as alegrias, os dilemas podem surgir e ter alguma pertinência a partir de narrativas com histórias de vida desses profissionais. E por que professores aposentados? O que eles podem apresentar de significativo para a educação atual? Que perfil formativo tem esses profissionais? Como se sentem com o toque de recolher da aposentadoria? O que eles podem acrescentar de novidade aos estudos sobre educação? Entre outras, estas são apenas algumas das indagações que fazemos aos professores que, durante muitos anos, deram suas vidas a seus alunos, doaram-se a escolas, participaram do dia-a-dia da sociedade e contribuíram para a formação de muitos adolescentes.

Dar voz aos professores aposentados significa conhecer experiências, virtudes, comportamentos, valores, saberes, relações, problemas; significa dar-lhes oportunidade para se sentirem úteis. É sabido que, ao se aposentar, o professor, principalmente o primário ou ginasial (hoje fundamental), que não é pesquisador nem escritor nem exerce outra atividade, tende normalmente a

cair no esquecimento, no anonimato, perdendo-se toda a sua rica experiência de sala de aula, todo um saber prático carregado de exemplos e de situações que só o exercício da reflexividade pode recompô-lo em suas nuances, em suas continuidades e descontinuidades, tornando-o útil às gerações do presente e às gerações futuras.

Dentro dessa observação, encaixa-se a reflexão feita por Loureiro (2007, p. 86) ao considerar sobre o fenômeno aposentadoria e a realidade que ela encerra:

A aposentadoria sonhada chegou! O tempo livre de horários é a realidade, mas como preencher esta realidade sem seus alunos, seus coadjuvantes na criação da dramatização? Como viver sem estudar, ler, planejar objetivamente ou de maneira direcionada para seu espetáculo, sua aula? Como deixar de ser a traça no meio dos papéis que só ele consegue organizar? O foco se perdeu! As cortinas do teatro da docência compartilhada se cerram e as luzes da ribalta pedagógica se apagam e o principal: a platéia crítica que o faz sempre crescer desaparece!

A rigor, o que se constata é que o professor que se aposenta se ausenta da escola, não participa de mais nada, não se renova. E a escola, por sua vez, trata também de esquecê-lo, até por causa da separação legal, do afastamento físico e pedagógico. É toda uma vida que é deixada para trás, como se ela não tivesse importância nenhuma. Enquanto professor “da ativa”, todas as atenções estavam voltadas para ele, todos os projetos escolares, programas, formação, tudo a sua volta era bem-visto. Entretanto, a idéia que transparece, mal comparando, é que o professor aposentado morre na e com sua própria história. Ou é visto, até mesmo, como se não tivesse uma história. O fato é que a sociedade, a escola, ainda não aprenderam a preservar e a cultuar sua própria história, a história de seus professores, de seus alunos.

É bem verdade que, atualmente, a pesquisa em educação, a pesquisa nas ciências sociais, tem-se voltado mais para as práticas pedagógicas de professores que atuam em sala de aula: as suas práticas, os seus saberes, a sua formação e profissionalização (CONTRERAS, 2002; PERRENOUD, 1997; GUARNIERI, 2005; IMBERNÓN, 2002; ENRICONE, 2004; GIL-PEREZ; CARVALHO, 1993, entre outros). Normalmente, trata-se, na pesquisa

educacional, do que se está fazendo na escola, numa perspectiva do vir-a-ser, ou seja, numa perspectiva de futuro, a partir de um dado relevante do presente. É claro que, mesmo entendendo que o hoje será, inevitavelmente, amanhã, não se pode descartar o passado, posto que a educação esteja situada entre o passado e o futuro, uma vez que “a vida transcorre entre o passado e o futuro” (GADOTTI, 2004, p. 26). Daí o passado ter um sentido freireano de não se falar do que passou a não ser na e da perspectiva do que passa (FREIRE, 2003).

O esquecimento traz a frustração e o isolamento (o que não é nada produtivo), transformando velhos educadores em seres sem importância, como se a experiência e os saberes acumulados, durante toda uma vida escolar, não tivessem nenhum valor. Tardif (2007), que se debruçou sobre os saberes docentes e a formação profissional, entende que o professor é alguém que sabe alguma coisa e que sua função é transmitir esse saber a outros. Esquecer e não reconhecer a experiência de um professor aposentado é perder a oportunidade de, muitas vezes, conhecer sobre os saberes pedagógicos, profissionais e pessoais importantes para o trabalho de sala de aula, como refere esse autor:

O tempo não é somente um meio – no sentido de “meio marinho” ou “terrestre” – no qual se encontram mergulhados o trabalho, o trabalhador e seus saberes; também não é unicamente um dado objetivo caracterizado, por exemplo, pela duração administrativa das horas ou dos anos de trabalho. É também um dado subjetivo, no sentido de que contribui poderosamente para modelar a identidade do trabalhador. É apenas ao cabo de um certo tempo – tempo da vida profissional, tempo da carreira – que o Eu pessoal vai se transformando pouco a pouco, em contato com o universo do trabalho, e se torna um Eu profissional. A própria noção de experiência, que está no cerne do Eu profissional dos professores e de sua representação do saber ensinar, remete ao tempo, concebido como um processo de aquisição de um certo domínio do trabalho e de um certo conhecimento de si mesmo. (TARDIF, 2007, p. 108 - 109).

O Eu-pessoal e o Eu-profissional do professor não podem ser tomados separadamente, como adverte Nóvoa (2000, p 17), “as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal.”

Cabe, portanto, a correlação entre a vida pessoal do professor aposentado e os caminhos de uma trajetória profissional repletos de crenças, de culturas, de medos, de angústia, de sabedoria e de relações, aspectos que vão ficando retidos numa memória que tende a desativar-se. Daí a importância de se perguntar: o que pensam e o que podem revelar os professores aposentados sobre suas práticas pedagógicas passadas? O que um professor aposentado pode ensinar, através de sua história de vida? É possível aprender com ele? No entanto, uma outra idéia surge: a de que a história de vida de um professor aposentado merece publicidade. A esse respeito, entendo oportuno citar Ben-Peretz (2000, p. 203):

As memórias profissionais podem considerar-se como uma componente central da consciência dos professores e, como tal, potencialmente ao serviço de cada indivíduo, e bem assim dos seus “pares”. Aquando da utilização desta consciência, terá de se confiar nas recordações de factos passados.

Estudos de Ben-Peretz (2000), em trabalho realizado com professores aposentados, registram uma constatação de que os relatos apresentados por professores em exercício são, no geral, inconclusivos, não didáticos e orientam-se para a decisão; enquanto que os professores aposentados gostam de partilhar as suas conclusões e vivências com os outros. Eis um enigma que se decifra: se os professores aposentados aceitam dividir suas experiências com os outros, por que deixá-los sem voz, presos ao ostracismo? Por que se privar de partilhar de momentos formativos que, no geral, são mesclados com momentos de rara beleza e de profunda sabedoria?

Retomo, portanto, a idéia de que o professor é uma pessoa e que está no interior daquilo que o faz um bom ou um mau profissional. A propósito, é como reforça, reportando-se às palavras de Nias (Apud NÓVOA, 2000. p. 15): “o professor é uma pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”, o que leva ao entendimento de que marcantes experiências de uma prática pedagógica estão guardadas dentro da pessoa do professor, do professor aposentado inclusive. O professor e sua experiência acumulada ao longo dos anos vão dando o “tom” de uma identidade própria. Conforme Nóvoa (2000), a identidade profissional acaba-se revelando um lugar de lutas e de conflitos,

como o recôndito de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Implica dizer que ser professor e construir a sua história, envolve, talvez, relatar situações conflituosas, na convivência social, na evolução cronológica da própria carreira, na reflexão acerca do fazer pedagógico e principalmente no convívio com as diversas experiências de outros profissionais.

O fato de haver rememoração de fatos importantes de uma carreira profissional, como a do magistério, induz, não somente a um posicionamento crítico com relação ao passado, como também a uma tomada de consciência do fazer docente do presente ou do que pode vir-a-acontecer na sala de aula em outras situações. Em uma vida profissional, aspectos internos e externos, relativos à pessoa, são capitais para a formação da história de cada um.

Nesta perspectiva, é que se sustenta a opção pelas narrativas, pelas histórias, pelos relatos de experiências profissionais, pelas reflexões sobre o ontem e o hoje, tendo em vista o futuro. É nessa preocupação com o futuro que reside a questão central da educação: não se educa para o passado nem para o presente, educa-se para o futuro. Neste caso, a pesquisa com histórias de vida de professores aposentados tem um significado para o presente e para o futuro das escolas, tal como diz Bello (2002, p. 44):

A construção e reconstrução do passado é importante para avaliar o papel social de cada um, inclusive dos professores como profissionais, naquele momento, uma vez que esse papel se transforma, assim como a sociedade que está em constante mutação.

Fazer pesquisa com histórias de vida de professores para, simplesmente, cumprir etapas de projetos de Pós-Graduação, sem finalidade educativa e transformadora, perde-se no vazio e na inércia do pesquisador. Ainda mais quando se trata de pesquisa com professores aposentados em que o valor subjetivo das lembranças de experiências pedagógicas tem que ser transformado em algo pertinente e sedutor e, sobretudo, algo formador.

É nessa perspectiva que a condução desta pesquisa se encaminha para uma ação que se quer transformadora. Fazer pesquisa com professores aposentados, ouvir suas histórias, rememorar trajetórias assinaladas dentro e fora de sala de aula, a exemplo do presente estudo, pode significar um passeio à segunda metade do século XX e um resgate de página importante da história

da educação de uma comunidade, pode, pois, mostrar não só como se efetivou a construção da prática pedagógica, mas a construção de uma vida profissional, com seus aspectos internos e externos, a revelação do público e do privado, enfim, a edificação de uma história que coloca o professor aposentado em cena.

2.3 Do espaço da pesquisa

A utilização do método (auto)biográfico, nesta pesquisa, deveu-se, basicamente, a uma inquietação de professor e de pesquisador em compreender como se construiu a prática pedagógica de professores do ensino fundamental do município de União - Piauí, na segunda metade do século XX. De documentos escritos sobre essa realidade não há informações. Para a consecução deste objetivo, procurei reconstituir os caminhos dessa prática pedagógica através das histórias de vida de professores aposentados, que tiveram como cenário da docência escolas de ensino fundamental em União – Piauí. Em vista disso, a cidade de União, localizada a 54 quilômetros de Teresina, foi o local escolhido. As razões que me levaram a escolher este espaço estão ligadas ao fato de que tenho residência fixa naquela cidade. Nessa cidade exerço a docência há mais de trinta anos e, principalmente, porque, praticamente, não há, no município-sede, registros de pesquisa que tenha investigado sobre aspectos da educação local, que tenha tomado professores aposentados como interlocutores, contando com a própria história que não deixa de ser um pouco da história do município, da própria cidade.

Dentro do espaço territorial, onde se desenvolve a educação municipal, procurei especificar mais ainda o local onde os interlocutores construíram, dia após dia, as suas práticas educativas, voltando o foco do estudo para a escola, considerando que ela é o lugar no qual acontecem as interações e as relações pedagógicas. Em razão disso, aprobei-me escolher duas unidades escolares. Não para estudá-las. Nem para servir de base para essa pesquisa. Mas para serem referências para aqueles que um dia se dedicaram à tarefa de ensinar, se doaram à educação escolar de seus alunos, dividiram-se, multiplicaram-se na hora de resolver os problemas inerentes ao seu fazer pedagógico. Essas

duas escolas são a Unidade Escolar Fenelon Castelo Branco (1ª a 4ª série) e a Unidade Escolar Filinto Rego (5ª a 8ª série). Ambas são reconhecidas pela comunidade as instituições escolares públicas mais tradicionais da cidade, e nelas exerceram a docência os professores – sujeitos da pesquisa. Mas por que a essas duas unidades escolares e não outras? A escolha deu-se em razão de serem escolas implantadas durante o século XX, lapso temporal utilizado como referência nesse trabalho. No entanto, não se trata de tê-las como o lócus privilegiado do presente estudo. Elas servem apenas como parâmetros para se situarem os protagonistas e o lugar onde cada interlocutor gerou seus discursos autobiográficos.

A Unidade Escolar Fenelon Castelo Branco foi criada na década de 1920, e, durante décadas, funcionou como a principal escola do município. Pela importância que tem na cidade, essa escola ganhou prédio próprio, com arquitetura igual à de outros grupos escolares, espalhados pelo Piauí, inaugurado no ano de 1938. A maioria dos interlocutores estudou e trabalhou nessa unidade escolar. Para muitos estudantes que concluíam o primário nas primeiras décadas de funcionamento dessa escola, não restava outra alternativa que não fosse esperar pela criação de um curso ginásial. Na verdade, foram necessárias algumas décadas para que um grupo de cidadãos, formado por políticos, comerciantes e funcionários públicos, tivesse a ideia de criar uma fundação para ser a entidade mantenedora de um curso ginásial. Foi assim que nasceu a Fundação União, na década de 1950, representando um passo importante para a criação do Ginásio Estadual Filinto Rego.

Com a criação do ginásio, muitas pessoas, jovens e outros de mais idade, que haviam deixado de estudar, fizeram o exame de admissão, candidatando-se a uma vaga no curso ginásial. Para todos eles e para o município, certamente, representou um enorme passo no campo educacional, haja vista que, desde a instalação de uma escola primária na cidade, em 1927, até a criação de uma escola com curso ginásial, 1957, decorreram 30 anos em que o nível escolar mais elevado era o 5º ano primário.

A Unidade Escolar Filinto Rego está localizada na Rua Tomás Gonçalves, no centro da cidade de União. Durante muito tempo funcionou apenas com o curso ginásial, equivalente ao ensino fundamental II (5ª a 8ª série). Criado em 1957, através da Fundação União, nos primeiros anos de

existência o seu ensino era pago. Somente a partir da década de 1960 é que passou a ser uma instituição pública. Em 1966, durante o Governo de Petrônio Portela, ganha prédio próprio, com amplas salas de aula, biblioteca, em uma área equivalente a um quarteirão.

2.4 Os sujeitos da pesquisa e a produção de dados narrativos

Definidos os espaços físicos, tomados aqui apenas como uma referência para situar os interlocutores, selecionei os sujeitos da pesquisa. Para essa seleção, utilizei três critérios básicos: a) ser professor aposentado, faixa etária a partir de 55 anos; b) ter atuado como professor, em regência de classe, em uma das escolas-referência; c) ter exercido a docência no decorrer das décadas de 50 a 80 do século XX.

Como é natural em processos investigativos, dediquei-me a mapear, auxiliado por leituras documentais, informações orais de habitantes da cidade, os possíveis professores que atendiam aos critérios preestabelecidos. Diante de minha condição privilegiada de habitante nato da cidade de União, de professor deste município e de ex-aluno das duas instituições-referência desta pesquisa, não representou tarefa tão complexa chegar aos professores (aposentados) que encaixavam naquele perfil previamente delineado. Assim é que figuram como sujeitos os seguintes professores: Antônio Martins da Rocha, Maria da Conceição Sales, Maria de Jesus Rego, Auri Sampaio Nery, Maria do Socorro Sales e Maria de Jesus Caetano.

Na sequência, tracei e organizei os roteiros de entrevistas que propiciaram a produção dos dados da pesquisa, seguindo os direcionamentos estabelecidos por esta tipologia de instrumental de coleta de dados. A entrevista diretiva permite a recolha de um “corpus” de dados que se pode dizer homogêneo, mas sem com isso estar afirmando que foi empregado um roteiro fechado. Na verdade, inspirei-me um pouco em Ferrarotti (1988) e em Poirier et al (1999), esses autores, conforme revela Loureiro (1997, p. 133), ao realizarem a entrevista, dedicaram um significativo e importante olhar sobre o contexto relacional, segundo o tipo conversacional da interação cotidiana, como em Goezt e LeCompte (1988), cuja situação requer que se estabeleça

uma direção no decorrer da entrevista que viabilize, via narrativa dos professores, “[...] uma comunicação sumamente significativa”. Em razão disso, optei por entrevistar cada um dos interlocutores em sábados diferentes, a fim de que cada entrevista se efetivasse sem interferências que viessem prejudicar o fluxo de cada narrativa. As principais questões tinham sempre como objetivo centralizar a discussão acerca da construção da prática pedagógica de cada um, procurando, ao mesmo tempo, fazê-los rememorar os tempos dessa prática na escola: a docência e suas intercorrências; os saberes dessa experiência.

Durante as entrevistas, deixei que cada um pudesse, aos poucos, rememorar as lembranças de uma escola distante trazendo-a para o tempo presente, de modo que as histórias ficassem claras, narrativamente falando. As entrevistas prestaram-se a induzir os interlocutores a revisitarem pontos importantes de suas vidas escolares. Desse modo, os professores descreveram suas trajetórias escolares, através das lembranças guardadas na memória e que fazem parte de um passado distante, mas que trazem, no bojo dessas descrições, os elementos indispensáveis para compreensão da prática docente, através dos quais o passado, em forma de narrativa, foi se tornando um tecido denso e bem tramado, que se configurou como a história professoral da vida de cada um deles, história tecida sob o olhar e sob o sentimento de quem vivenciou cada etapa, a exemplo do que revela Dominicé (apud NÓVOA, 2000, p. 24): “a vida é o lugar da educação e a história de vida o terreno no qual se constrói a formação. Por isso, a prática da educação define o espaço de toda a reflexão teórica”.

As trajetórias foram sendo trançadas, considerando início, meio e fim, iniciando-se pelas descrições relativas à infância e prosseguindo conforme cada etapa. O olhar distante da aposentadoria, focado nas memórias escolares da primeira escola primária, fez com que cada interlocutor atasse as duas pontas da vida, para restaurar, na velhice, cenas, vivências e histórias da infância, da adolescência e da vida adulta, revelando sua constituição como sujeito e como sujeito - professor. Essa tessitura de vida, formação e prática pedagógica revelou nuances sobre os estudos iniciais, sobre o ingresso no magistério e sobre as dificuldades para continuar estudando. Tudo isso com o objetivo de trazer à compreensão o objeto deste estudo que, conforme

mencionado, diz respeito à prática pedagógica e aos saberes inerentes a essa prática. Como escrevem Mosquera e Stobäus (2004, p. 75), toda essa “compreensão, bem como a narrativa, fazem parte de um novo método para poder adquirir o conhecimento das conexões de sentido do mundo subjetivo, espiritual e próprio”.

Em razão disso, enfoca a trajetória escolar do professor aposentado, considerando a experiência de cada um numa mesma época ou em épocas distintas, a saber: o primário, o secundário, o médio e o superior, caso tenham estudado. Também enfatizo as “marcas” da vida escolar, sejam positivas ou negativas, como forma de perceber como a prática pedagógica se manifesta no professor. Outras questões são enfocadas, nesta pesquisa, tais como, uso do livro didático, eficiência do ensino (antigamente o ensino era melhor?), disciplina na sala de aula, planejamento de atividades, relação aluno-professor. Isto posto, destaco que na vida do professor há a experiência de aluno, a experiência pedagógica e a experiência da aposentadoria, configurando a história, e também, a trajetória do grupo de professores-interlocutores da pesquisa.

2.5 A análise dos dados e seu processamento

Os relatos narrativos da vida escolar de professores aposentados, obtidos a partir das entrevistas semi-estruturadas, constituíram a base para as análises dos dados da prática pedagógica e dos saberes adquiridos pelos professores-interlocutores, na atividade docente. O estudo desenvolveu-se tendo como base as narrativas autobiográficas que foram obtidas através do emprego da técnica de entrevista diretiva, que, após seguidas leituras, transformaram-se em texto, denominado “História do(a) Professor(a)”, reorganização permitida pela “reconstituição integral, [...], da expressão verbal dos entrevistados” (LOUREIRO, 1997, p. 120), à semelhança do estudo desenvolvido pela mencionada autora. Para tanto, relativamente aos dados e ao seu tratamento analítico, empreguei, como técnica, a análise de conteúdo, que, segundo Constantino (2004, p. 67), “são técnicas para ler e interpretar o conteúdo de qualquer espécie de documento e, mais concretamente, de toda

espécie de documento escrito”, portanto um mecanismo que se mostrou apropriado para este fim.

As análises desenvolveram-se tendo como esteio os conteúdos das entrevistas. Na análise, procurei destacar os relatos que evidenciavam a prática pedagógica desenvolvida pelo professor no ensino fundamental ou ginásio como era denominado à época. Assim, destaquei, também, a prática pedagógica do professor no exercício da profissão e a sua formação profissional como forma de aquisição de conhecimentos que integram a construção dessa prática profissional.

Em determinado momento, pensei em utilizar a expressão “evolução da prática pedagógica”, no entanto, optei pela terminologia “construção” por entender que a prática pedagógica é construída no dia a dia da sala de aula, no fazer diário do trabalho docente. Como a experiência é algo em construção, não é estática, torna-se um elemento, muitas vezes, mais importante para o desenvolvimento da prática pedagógica do que outros. Segundo Ghedin (2006, p. 135), a experiência é o “centro nerval do saber docente, a partir do qual os professores procuram transformar suas relações de exterioridade com os saberes em relação à interioridade de sua prática”. Entendendo que a vida de um professor começa a partir do momento que ele entra na escola como aluno, ou seja, que a trajetória escolar do professor não exclui a do aluno, percorri uma longa caminhada juntamente com cada um dos interlocutores, fazendo-os buscarem no fundo da memória as lembranças de suas vidas escolares. Alguns chegaram a se emocionar quando relataram casos de sua infância na primeira escola, quando lembraram colegas com os quais estudaram, quando lembraram antigas professoras, quando se esforçaram para entender o que havia acontecido com suas vidas, que, naquele momento, pelo exercício da reflexividade, da retrospectiva pessoal, tornava-se história/memória.

Notei como os olhos de cada um brilhavam com intensidade ao relatarem os tempos de escola, o aprendizado das primeiras letras, das primeiras palavras, das primeiras frases, das primeiras leituras, lembranças das sabatinas, dos castigos, da disciplina. Havia em cada gesto, em cada palavra, em cada situação, a sinceridade, a emotividade e orgulho de quem, ao longo de muitos anos, acumulou experiências tão importantes não só para suas vidas pessoais como também profissionais. Deixavam antever, entre outras

revelações, que “ser educador é não se contentar com a obrigatoriedade da instrução e tudo fazer para que haja aprendizagem” (NÓVOA, 2004, p. 11). Inclui, portanto, valorização da cultura de cada um, o entendimento de que todos os alunos são passíveis de serem educados e de que só há ensino se houver aprendizagem.

Diante desse olhar e dessa compreensão, após leituras e releituras das entrevistas, fui destacando os excertos narrativos, organizando-os em eixos categoriais denominados “histórias de professores”, que, na sequência, assim se estabeleceram no plano organizativo: História do Prof. Antônio Martins da Rocha; História da Prof^a. Maria da Conceição Sales; História da Prof^a. Maria de Jesus Rego; História da Prof^a. Auri Sampaio Nery; História da Prof^a. Maria do Socorro Sales; História da Prof^a. Maria de Jesus Caetano.

Desse modo, organizei os relatos narrativos, estruturados em formatos de histórias, tendo em consideração o critério da faixa etária dos interlocutores dessa pesquisa. Utilizei a ordem decrescente, do mais idoso para o menos idoso, por considerar que as lembranças escolares, nessa ordem, recairiam nas primeiras décadas do século XX. Sendo assim, estabeleci a seguinte ordem: Professor Antonio Rocha (86 anos), Profa. Conceição Sales (80 anos), Profa. Maria Rego (79 anos), Profa. Auri Nery (73anos), Profa. Socorro Sales (66 anos) e Profa. Maria Caetano (64 anos).

CAPÍTULO III

HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES APOSENTADOS: TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS

Ponho como objetivo, neste capítulo, desenvolver um olhar analítico-crítico acerca das narrativas dos professores, analisando, sobremaneira, como e em que circunstâncias os professores, destacados profissionais do ensino fundamental, trazem à cena, e se põem em cena, ao narrarem suas histórias de vida. Para dizerem de si, de sua prática pedagógica e de seus saberes experienciais, da complexidade e da realidade envolvidas nessas trajetórias.

Assim dispostas, as histórias, seu conteúdo, o dito e o não-dito explicitamente, as idiossincrasias, tudo que as compõem, tornaram-se o discurso memorialista de professores, tomados aqui, nesta seção de análise de dados, como experiências de vida, formação e de atuação docente, na perspectiva de que a vida (dos professores também) deve ser dita, deve ser contada, como uma maneira de melhor se compreender a complexidade humana e científica e concordar com Nóvoa (1995), que cruza e entrecruza a maneira de ser e estar na profissão, que baliza o percurso de cada história de vida.

3.1 História do Professor Antonio Martins da Rocha

O professor Antonio Martins da Rocha, dentre todos os interlocutores do estudo, é considerado como o mais velho ou o mais idoso, se se considerar pelo aspecto da faixa etária. Porém, um dos mais admirados e celebrados dos professores unionenses. Símbolo de uma época marcada pela disciplina e pela

autoridade, ele foi diretor e professor do antigo Ginásio Estadual Filinto Rego, por mais de vinte anos, tendo se dedicado com austeridade e abnegação à educação secundária dos unionenses. Lúcido e sábio, foi o que, mais apropriadamente, opinou sobre educação.

De família tradicional da cidade de União/PI, o professor Antonio Rocha, ou Dr. Antonio, como muitos preferem chamá-lo, muito cedo teve que se ausentar de sua terra natal por questões particulares de sua família. Relembrando esse momento, narra:

Eu nasci em 1923. seis anos depois, eu deixei União. Minha família, porque meu pai, a firma que meu pai trabalhava com ela era uma firma inglesa que comprava produtos de exportação. Era jaborandi e outros, para exportar, ela faliu. Então, meu tio que era um dos altos comerciantes e industriais de Parnaíba, José Narciso da Rocha Filho, convidou meu pai para trabalhar com ele.

Chegando a Parnaíba, o menino Antonio foi estudar em escola pública. Parnaíba, na década de 1930, já contava com escola primária e secundária, diferentemente da cidade de União, onde só havia o primário. O professor Antonio Rocha destaca esse momento:

Fui pro estudo oficial, porque acredito que aqui ainda não tava lá essas coisas. Era uma escola pública, Miranda Osório. Nessa época, era um, dois ou três professores, no máximo, por turma. Então, por exemplo, um professor, dois professores, suponhamos na 4ª série primária, um tomava conta de duas matérias, o outro tomava de conta de três matérias, quer dizer, para formar o conjunto. Já quando passamos para o ginásio, era um professor por matéria, no Ginásio Parnaibano. Eu fiz o primário e o secundário em Parnaíba.

O professor Antonio Rocha destaca, ainda, lembranças/fatos relativos à época em que fez o primário:

[...] era considerado como um elemento superior, coisa que não acontece hoje. Muitas vezes o aluno quer levar o professor até no deboche, os mais avançados. Mas era um respeito. O Ginásio Parnaibano, onde fiz o curso ginásial, era um colégio de primeira classe. Não só o estudo em si como o próprio prédio.

As palavras do professor remetem a uma comparação, no mesmo período, entre as escolas públicas de União e as de Parnaíba. Enquanto em Parnaíba, as escolas, na década de 1930, já apresentavam uma estrutura diferenciada no plano arquitetônico, e adequada para o ensino, na cidade de União, as escolas primárias funcionavam em casarões improvisados. Somente em 1938 é que o Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco teve prédio próprio inaugurado. Em Parnaíba, segundo narra o professor Antonio Rocha, “as instalações eram pra ninguém reclamar. Tudo era próprio para aquilo. O gabinete de química era de química, o de física era física. Tudo, tudo era desse jeito, coisa que muitos colégios não possuem hoje”.

Ao terminar o ginásio em Parnaíba, o professor Antonio Rocha foi estudar em Pernambuco, na cidade de Recife e, em seguida, em Salvador, na Bahia, conforme destaca na sua narrativa: “Após o término do ginásio, eu fiz o curso pré, um ano, no Colégio Pernambucano, em Recife, Pernambuco e outro no Colégio Marista, Salvador Bahia”.

Ao prestar concurso vestibular para Odontologia, na UFBA (Universidade Federal da Bahia), o professor Antonio Rocha jamais imaginaria que o seu futuro estaria reservado ao magistério. De acordo com suas palavras, no ano em que ingressou na universidade foi exatamente o ano de federalização dessa IES (Instituição de Ensino Superior). A expressão do professor Antonio Rocha evidencia o fato: “E uma coisa interessante: o primeiro ano que a escola foi federalizada. A partir daí, que eu entrei, que ela passou a ser Federal. Lá eu fiz o curso de Cirurgião-Dentista, terminando em 1943”.

Após concluir o curso de Odontologia, na Bahia, retorna ao Piauí. Mas não regressa a União. Nesse período, é nomeado para chefiar a saúde pública, no município de Valença do Piauí, conforme seu próprio relato: “De certo que eu cheguei a Valença, a convite do Alcides, quer dizer, o cargo era dele, veio aqui, me convidou pra Valença. Disse que não me preocupasse, que lá tinha casa, tinha tudo. Era para ocupar o cargo de chefe de saúde em Valença”.

Como se pode notar, a trajetória do professor Antonio Rocha começa pela saúde pública, pois é na saúde que as pessoas passaram a conhecê-lo melhor. O seu ingresso no magistério se deu de forma inesperada. Ele próprio não imaginava que pudesse vir a ser professor em alguma escola. E,

coincidentalmente, ingressaria no magistério pelas mãos de um unionense, o Padre Marques. O seu relato confirma esse fato:

Meu ingresso no magistério deu-se assim: o Padre Marques era dono de uma escola em Valença. Chegou, foi me visitar e me convidou para lecionar. Disse o seguinte: olhe, sei que você em geografia, história, que lá no meio dos estudantes era elemento de destaque lá em Salvador, lá no bloco dos piauienses. Então, eu vim lhe convidar, me ajude no colégio. Essa foi a expressão do Padre Marques. Nessa época, eu era dentista, fui para lá para assumir a saúde pública. Eu fui para lá, porque o Dr. Ângelo Pereira ia se aposentar. Aí eu entrei. Eu não era formado em Geografia, só depois. O Alcides Nunes informou ao Padre Marques: olha, esse aí era o mais atualizado do nosso bloco, e tanto de geografia como de história.

Nota-se que o curso não importava, o que importava mesmo era o conhecimento que o professor tinha da disciplina, no caso específico do professor Antonio Rocha, de Geografia e de História. Outro dado importante: o seu ingresso no magistério deu-se pela escola privada confessional.

O ingresso do professor Antonio Rocha na escola pública só aconteceria em 1959, através da Fundação União, entidade mantenedora da Escola de Comércio Marcos Parente e do Ginásio Filinto Rego. Nos relatos do professor Antonio Rocha há momentos de confusão de datas. Em uma passagem ele diz: “Eu entrei na escola pública em 49, no dia 14 de novembro de 1949 [...]”. Em outra parte, ele nos informa o seguinte: “Eu comecei no ginásio em 59, porque em 58 eu estava em Valença”. A confusão, no entanto, se desfaz, quando consideramos que 1958 foi o ano da implantação da primeira turma do ginásio. Em 1949, ainda não havia ginásio na cidade.

Sua admissão no Ginásio Filinto Rego, ocorreu, em 1959, em razão de problemas administrativos. Aquele que deveria dirigir a escola não tinha condições nem profissionais nem de saúde. Então, o professor Antonio Rocha foi convidado a assumir a vice-diretoria da escola. Segundo sua narrativa, é possível constatar o porquê de ter passado da condição de vice-diretor a diretor definitivo:

Aqui a situação do ginásio era esquisita. Aqui tinha um médico: Olavo Mendes de Carvalho. Veio para cá como médico e para ser diretor do ginásio, mas o Olavo era doente, ele tinha umas

crises pesadas de nervos. Ele nunca assumiu direito. Ele entrava no ginásio um dia, dizia que era o diretor, desaparecia mais tarde, passava um mês sem ir lá. Era desse jeito. E eu entrei lá: era vice, mas quem pegava o abacaxi era eu. Eu assumi a vice em 59 e logo depois assumi a direção.

Dessa forma, dada a sua efetiva presença e trabalho cotidiano, associados à experiência docente trazida do município de Valença, o Professor Antonio Rocha assume a instituição educacional mais importante, na época, da cidade de União.

No início da implantação do ginásio na cidade, os problemas eram muito grandes. Um deles, talvez o mais grave, fosse a falta de professores qualificados para a docência no ensino secundário. A começar pela direção da escola: primeiro um padre, depois um médico e o professor Antonio Rocha que era Cirurgião-Dentista. Com muita naturalidade e com a consciência do dever cumprido, ele relata os fatos, tais como:

Naquela época, tinha dificuldade para arranjar professor, porque precisava curso de inspetoria, precisava treinamento. Chegava lá, assistia uma aula, quatro ou cinco dias de aula. Eles perguntavam de uma só vez a parte didática, pegava um giz, o sujeito ficava parado, a maioria ficava parada na frente do quadro. Havia professores sem formação, às vezes desenvolviam bem o seu papel. Eu peguei, eu assumi a diretoria com alguns professores desse tipo.

Nesta fala, o professor Antonio Rocha critica os cursos da CADES (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário), de duração de um mês, e que credenciavam qualquer pessoa para ministrar aula no ensino secundário, com registro de professor.

O professor Antonio Rocha exerceu papel fundamental na implantação, no desenvolvimento e no aperfeiçoamento do Ginásio Filinto Rego. Um problema na visão, o afastou definitivamente da área para a qual se formara na UFBA, aproximando-o definitivamente do magistério. Só a parte administrativa não lhe bastava, o contato direto com o aluno na sala de aula era a sua principal missão, como é por ele confirmado: “Além de diretor do ginásio, eu dava aula de história, geografia, estudos sociais”. Na condição de professor, conhecedor dos meandros da sala de aula, Antonio Rocha comenta sobre sua prática pedagógica: “Nessa época, não se usava livro didático. Era o professor

expondo”. Predominavam, como se percebe, as aulas expositivas, na ausência do livro didático e de outros recursos.

O exame de admissão ao ginásio foi um marco histórico na gestão do professor Antonio Rocha à frente do Ginásio Filinto Rego. Segundo ele, “O curso de admissão, aqui, não tinha exame, não. Aí me deram. Era o curso mais moderno de ginásio do Piauí. Foi o nosso, durante três anos”. A implantação do exame de admissão provocou, segundo o relato do professor Antonio Rocha, uma verdadeira revolução nas outras cidades. Fato este que, por sua vez, gerou uma reação imediata da Secretaria Estadual de Educação no sentido de fechar tal curso. Em suas narrativas, o professor Antonio Rocha reconstrói suas lembranças e acrescenta acerca desse fato:

[...] quem falou foi o representante da Secretaria de Educação. Disseram o seguinte: que o nosso pré-ginásio, foi assim que nós batizamos, pré-ginásio, ginásio, pré-ginásio. Nós tínhamos quatro turmas. Três em União e uma em David Caldas e estávamos criando uma em Novo Nilo. Quando veio a bomba: fechar, porque estava criando problema em todo o estado. Parnaíba, Campo Maior, Piripiri, Floriano, todo bicho queria implantar o pré-ginásio e o estado não teria condições de arcar com as despesas.

O pré-ginásio, como o próprio Professor Antonio Rocha o denominou, era, na verdade, um ano intermediário entre o primário e o ginásio, era um 5º ano, um preparatório para o aluno ingressar no curso ginásial. Era, inclusive, a única série que utilizava um livro didático, consoante as palavras do insigne professor: “Às vezes se indicava um. Aqui, por exemplo, nós usamos muito, principalmente quando eu criei o exame de admissão”. Esse livro do exame de admissão continha todas as disciplinas curriculares necessárias para o ingresso no curso ginásial. Na verdade a obra a que se refere o mencionado professor intitula-se “Admissão ao Ginásio”, cujo autor (ou autores) não foi declinado. Trata-se de um livro-currículo, assim denominado por conter em seu formato estrutural e organizacional todas as disciplinas correspondentes às séries de 1ª à 4ª, como preparação para o ingresso na 1ª série do curso ginásial.

Ser diretor de um ginásio significava desempenhar diversos papéis na escola: da gestão administrativa até a gestão pedagógica. De acordo com o

professor Antonio Rocha, “nessa época, quem fazia tudo, tudo na escola, era o diretor. Tudo, tudo, tudo. Resolvia, às vezes, até os abacaxis.”.

Durante um bom tempo o professor Antonio Rocha exerceu o seu ofício sem a qualificação específica para tal. Mas a oportunidade para sua qualificação para o magistério não demoraria muito. A convite do então Presidente da Fundação União, Carlos do Rego Monteiro, o professor Antonio Rocha faria um curso intensivo de estudos Sociais. Ele relembra: “Eu fui fazer o curso, me deram casa, até casa me deram. O curso era toda equipe de fora, não tinha nada do estado, nada, nada, nada. [...]. Era um curso superior, equivalente a uma licenciatura plena. Era um curso intensivo de 120 dias.”. Após o término do curso, o professor Antonio Martins da Rocha entraria definitivamente para o magistério, com registro no MEC (Ministério da Educação e Cultura).

Às vezes, o trabalho na direção do ginásio o obrigava a exercer, também, a função de supervisor de ensino. A sua supervisão, muitas vezes, evitava o desempenho antiético de alguns professores. Atento a cada detalhe do que se passava na escola, o professor Antonio Rocha, em certas ocasiões, se via obrigado a intervir na prática pedagógica de alguns professores, conforme fosse a lacuna ou a natureza do problema; assume também o papel de coordenador pedagógico, mesmo sem ter feito curso ou treinamento para atender a essas questões emergenciais da prática docente. Um caso é relatado por ele e que demonstra a capacidade que o ser humano tem de proteger os seus, mesmo que para isso tenha atitudes pouco convencionais. O caso é o seguinte, como segue em sua narrativa:

O Juiz era professor. Preste atenção. O Juiz fez uma prova parcial. E aí ele completou a maior parte da prova do filho com letra verde, tinta verde, você sabe que é proibido escrever com letra verde. [...]. Quando eu peguei a prova, alguns alunos reclamaram, que achavam que tinham feito prova melhor, com nota três, nota quatro. [...]. Dr., sei que o senhor tá muito aperreado, era período pré-eleitoral, o senhor tá muito aperreado, leve essas provas, veja com mais cuidado. Olhe, não use mais essa tinta verde, mesmo sendo a cor da esperança, mas aqui não dá esperança coisa nenhuma, leve. Levou uma vez, duas. Aí é que a bagunça ficava, porque ele pegava, riscava. A terceira vez, ele devolveu as provas. Não é possível, eu pedi ao senhor para rever isso, assim, assim, assado. Eu sei que o senhor tá muito aperreado, que é período eleitoral, mas vamos resolver isso aqui. Até que um dia ele se

zangou: é assim, tá feito e tá feito e pra não vale mais nada. Tudo bem. Ele saiu, e eu larguei os paus. Mandeí bater uma petição, agradecendo os serviços prestados.

Pela narrativa do professor Antonio Rocha, percebe-se a autoridade professoral que lhe era peculiar, assim como também era peculiar ao diretor de uma escola, naquela época, quando os professores, notadamente para o ginásio, não contavam com cursos de formação de professores, do mesmo modo que não era possível contar, com certa regularidade, com os subsídios pedagógicos de um especialista neste campo.

A narrativa desse professor deixa antever quão significativas são as histórias de vida, notadamente no item que diz respeito à profissão docente. No caso do professor Antonio Rocha, no cotidiano de sua ação docente ou mesmo no seu desempenho à frente da administração escolar, sua maestria em perceber dificuldades de certos professores e, consonante com cada situação, mobilizar as ações requeridas para sanar, subsidiar ou redirecionar as necessárias demandas escolares. Comporta reforçar este entendimento analítico, evocando Nóvoa (1995) ao registrar que “[...] o homem define-se pelo que consegue fazer com o que os outros fizeram dele”. A história do professor Antonio Rocha não se reduz a uma reminiscência pessoal, mas, ao contrário, contém episódios relevantes que sinalizam a presença de um aporte de saberes, tanto no agir administrativo-pedagógico, como no agir pedagógico.

A disciplina rigorosa, às vezes, tendendo para o autoritarismo, era a característica da época. O Brasil, na década de 1960, vivenciaria momentos extremos de desrespeito às liberdades individuais e coletivas, marcados pelo rigor da disciplina militar. Dentro e fora das salas de aula essa disciplina tinha que ser mantida. O professor Antonio Rocha relembra como era possível manter a disciplina:

[...] tudo na vida, todo trabalho é uma questão de início. Quer dizer, eu, desde o início, eu comecei a pautar a disciplina que o aluno compreendeu. Quem nos criava problema era o elemento que vinha de fora. O elemento que vinha de fora, aqui e acolá, nos criava problema. Mas os daqui, eles já estavam bitolados, já estavam treinados naquilo. Quer dizer, o professor entrava, o aluno levantava, sentava, por uma questão de respeito.

Observa-se que a disciplina escolar se assemelhava à disciplina militar. O Brasil e os brasileiros viveram esse período ditatorial, com a escola não foi diferente, mantidas as devidas proporções. Este foi, portanto, o modo de administrar e de ser professor que pautava sua vida profissional.

O professor Antonio Rocha sempre foi admirado e respeitado por alunos e professores, por causa da disciplina que impunha na direção da escola e por causa de seus conhecimentos gerais. Ele próprio reforça:

Saber a matéria influi na disciplina”. E vai além, quando diz que “[...] o diretor é responsável pela organização geral, mas o professor é quem é responsável pela educação, pela escola em si, pela aprendizagem em si, é o professor. Se ele não tiver manejo de classe, fica difícil, porque aqui e acolá aparece um aluno, como diz o caboclo, mais saliente, gosta de perguntar tudo, porque não tem condição de responder se zanga. Às vezes, toma como indisciplina a pergunta do aluno, quando a falha é dele. Quando o aluno percebe que o professor não domina a disciplina, aí lasca tudo.

O renomado mestre demonstra seu entendimento sobre a prática pedagógica do professor e, neste quesito, chega a parecer intransigente. Nesse sentido, dirige sua crítica, principalmente, àqueles que ingressam no magistério, mas não abraçam a causa, isto é, não se esforçam, por exemplo, quanto à aquisição dos saberes necessários ao fazer docente, aos aspectos pedagógicos que esta questão envolve, como discute Tardif (2007). A sua sinceridade, às vezes, até assusta, pois é carregada de afirmações, até certo ponto, fortes sobre os professores e sobre sua prática docente:

Concordo também com uma coisa: acho que cinqüenta por cento dos professores que estão em sala de aula não deviam estar lá dentro, porque não tem condição. Ele não gosta daquela coisa. Ele tá ali é por obrigação, porque não encontra outra saída. Muito professor está em sala de aula, porque não encontra outra maneira de ganhar a vida. Ele não gosta daquilo, ele não faz com satisfação.

A narrativa do Professor Antonio Rocha deixa antever, melhor dizendo, de fato, passa uma imagem (uma visão) negativa da condição docente na atualidade.

A crítica a seus pares, feitas pelo professor Antonio Rocha, de forma contundente e honesta, faz com que se pense na qualidade do ensino, em épocas passadas e atualmente. O professor Antonio Rocha, a esse respeito, tem uma opinião bastante coerente com o que defende no que concerne à conduta e ao saber fazer docente:

O ensino antigamente se não era melhor, pelo menos se exigia mais. Se não era melhor, a exigência era maior. Eu não vou dizer que era melhor, porque os programas geralmente são programas padronizados, não é? Então se os programas são padronizados, variam de acordo com quem desenvolve tal programa. O professor é a viga-mestra daquele programa. É verdade que muitos casos, naquela época, era mais fácil se cumprir do que hoje. Hoje, há uma liberalidade excessiva, um negócio assim fora do rumo.

As palavras do professor Antonio Rocha soam como uma realidade observável no dia a dia das escolas e das famílias. Este aspecto narrado pelo interlocutor como “liberalidade excessiva” foi um dos fatores que mais contribuiu para que ele requeresse a sua aposentadoria. O seu relato é enfático: “Eu vou lhe dizer, eu me aposentei mais porque achei que estava na hora de eu me aposentar, porque achei que não ia ler muito dentro da cartilha que estavam implantando, me aposentei mais por isso”. É como se dissesse que o seu tempo havia chegado ao fim.

A aposentadoria para ele gerou ociosidade, mas nem por isso deixou de se atualizar, através da leitura diária sobre aquilo que mais lhe interessa: História e Geografia. Ele se sente “atualizado, porque eu não deixo de ler”. No entanto sente falta, ausência, saudade: “Eu sinto a falta do contato com o aluno, principalmente do aluno que gosta de perguntar, às vezes, eu até digo, de encher o saco. Hoje a maioria não compreende o que tá lendo”. As suas últimas palavras demonstram o vazio causado pela falta do exercício docente, momento em que os saberes da docência se dissipam na ociosidade da aposentadoria.

3.2 História da Professora Maria da Conceição Sales

A professora Maria da Conceição Sales, no ano de 1937, sem ainda ter completado sete anos de idade, começa a sua trajetória escolar, no Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco. Dessa época, ela guarda as lembranças da sua primeira professora: “Minha professora chamava-se Aldenora Sampaio. Era normalista. Era muito fina, muito delicada. Ela não era muito rigorosa com o aluno, dependia do aluno”. Segundo o relato da professora, nessa época, todo mundo tinha acesso à escola. Ele conta que “nessa época, todo mundo podia freqüentar a escola, não eram apenas os ricos, os pobres também. Nós íamos para a escola de camisa manga comprida e de tamanco. Na época era moda as pessoas usarem tamanco”. Apesar de ser uma escola pública, o acesso ao ensino primário ainda era muito restrito. A despeito das dificuldades, segundo nos relata a professora Conceição Sales, ou Concebida Sales, nome pelo qual é conhecida na cidade, na época, usava-se livro didático: “Naquele tempo, tinha livro, já tinha livro. O nome do livro era: A Infância Levítica. Esse livro trazia todas as disciplinas: português, matemática, ciências, história. Cada aluno recebia um livro”. Essa informação é importante, considerando que, durante muito tempo, não se utilizou livro didático nas escolas públicas.

Nessas vivências escolares, guardadas na memória da professora Concebida Sales, ficaram marcas, detalhes de uma vida carregada de experiência. Da escola, ela entende que as marcas que ficam acompanham a pessoa pelo resto da vida. É nessa perspectiva, que ela conta:

Criança é boba e a minha professora me marcou negativamente. Tem uma marca negativa dela, porque um dia ela foi dar uma explicação de matemática e ela achou que tinha um grupo lá que não acompanhava o que ela queria explicar. E ela... eram cinco meninas e ela chamou o grupo em redor dela pela folha de chamada e me deixou com essas outras. Isso eu não esqueci. [...] Na verdade, ela me deixou no meio das alunas mais fracas e eu não me considerava uma aluna das mais fracas. Eu não tinha nenhuma nota seis. Minha nota era sempre acima de seis. Eu acho que ela me discriminou.

A professora Concebida Sales deixa emergir em sua narrativa que aquele tratamento da professora foi discriminatório, injusto. Hoje, com muito

mais convicção, com a clareza que a experiência docente lhe concede, reconhece que, àquela época, também, se discriminava e este fato pode ser nocivo à educação das crianças e, no futuro, das pessoas adultas.

Concebida Sales narra que passou muito tempo sem estudar, após concluir seu curso primário, a exemplo do que ocorria com a maioria das pessoas que estudavam naquela época. Assim reafirma essa situação: “[...] fiquei muito tempo sem estudar, porque aqui em União, naquela época, não tinha o ensino secundário. As minhas colegas que tinham condições foram estudar em Teresina”. A professora Concebida Sales só voltaria a estudar na década de 1950, quando foi fundado o Ginásio Filinto Rego, em União – Piauí.

Para ingressar no ginásio, ela descreve que “tive que passar um mês estudando, me preparando para o Exame de Admissão”. Mesmo com a instalação de um ginásio na cidade, o aluno ainda tinha que passar em um exame seletivo, denominado de “Exame de Admissão ao Ginásio”. Nessa época, como relembra a professora interlocutora, “era o exame para a formação da primeira turma do ginásio”. O quadro de dificuldade para se instalar um ginásio naquela época, fica evidente na fala da professora: “Nessa época, quase nenhum professor tinha formação pedagógica. Para poder implantar o ginásio aqui foi necessário trazer professor de Teresina. Mas depois, os professores eram mesmo daqui”.

Como se percebe, em meados do século XX, como agora no início do século XXI, uma realidade se afigura com bastante similaridade: a carência de professores formados/qualificados para o exercício da docência.

Na sua origem, o Ginásio Filinto Rego era uma instituição de caráter privada, passando à esfera do poder estatal, a partir da década de 1960, passou a ser administrado pelo poder público. Uma das dificuldades - encontrar professor com a devida qualificação – fazia com que o diretor à época procurasse a solução na própria cidade, uma vez que trazer professor de Teresina tornava-se uma solução inviável. A professora Concebida Sales relata como essa situação era resolvida. Ela conta que os professores “era o padre, o gerente do banco, o Juiz, o comerciante. Os professores eram sempre pessoas da cidade”.

Numa avaliação sobre o seu passado escolar como aluna e como professora, a professora Concebida Sales evidencia a mudança ocorrida na

prática pedagógica nas escolas. Essa mudança, segundo ela, se faz observar no uso do material:

Da época que eu estudava, na década de 30, para a década de 60, quando comecei a ser professora, esse período, a diferença lá, que eu pude sentir, era só de uso de material para a gente. Nessa época não existia a figura do coordenador, quem cuidava de tudo, na escola, era o diretor e a secretária. A gente já recebia uma programação pronta da secretaria de educação e cada professor preparava suas aulas num caderno.

Essa mudança estava ligada também à formação do professor, mas também na parte disciplinar, como ela mesma afirma: “Os alunos daquele tempo não eram como os de agora que não têm medo, nem da Maria, nem do Padre, nem da mãe, nem do pai, nem de ninguém. A maioria é assim. Naquele tempo, a criança tinha medo, tinha respeito”. Observa-se, nas palavras da professora, uma estreita relação entre medo e respeito. Os alunos só respeitam o professor se tiverem medo. Essa é uma forma autoritária de manter a disciplina em sala de aula.

Foi no final da década de 1960 que a professora Concebida Sales começou a lecionar no Ginásio Filinto Rego. Na época, como narra a professora, “O Dr. Antonio escolheu as alunas que eram mais maduras para ensinar no ginásio”. Esse é um fato importante: no final da década de 1960, dada a dificuldade de encontrar professores qualificados, os alunos concludentes, os mais experientes, eram convidados para lecionar no ginásio. Foi em razão dessa desqualificação profissional que surgiram os cursos da CADES (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário). Essa carência de pessoal para exercer a docência, muitas vezes, causava constrangimento, como se observa nessa fala da professora Concebida Sales:

Naquela época, eu tive muita dificuldade. Uma delas era ficar na frente da turma, dizer alguma coisa, porque as aulas eram mesmo expositivas. Não tinha livro, tinha que colocar tudo no quadro. [...] inclusive a gente foi aconselhada pelo Dr. Antonio. Ele dizia: leve o seu plano de aula na mão. Na hora que você tiver dando aula, o plano está na mão. Mas os alunos ficavam criticando. Eles diziam que o professor não sabia de nada.

Para o professor iniciante, sem experiência profissional, sem qualificação, o universo da sala de aula era completamente novo. Porque vivenciou essa situação, a professora Concebida Sales é sincera ao afirmar que “o professor tinha que se virar”.

Além de todas as dificuldades inerentes à profissão docente, havia aquela da necessidade da escola. A professora Concebida Sales, a respeito disso, comenta: “Eu fiz curso de Ciências e quando cheguei para dar aula ainda me deram uma turma de 3ª série de matemática. Naquela época, a gente não tinha muito escolha. A gente aprendia dando aula”. Percebe-se que a professora Concebida não via essa ocorrência como um fato inteiramente negativo, pois ser professor de uma outra área que não a sua forçava o professor a estudar mais. É uma visão sistêmica da educação. Nessa sua visão, observa um fato que deveria ocorrer atualmente: “eu acho que todo professor agora devia ter um curso de computador. Em vez de ter só o livro, devia ter um computador. Era mais fácil”. E acrescenta, com detalhes, como era a sua prática pedagógica em sala de aula:

Quando eu dava aula no ginásio, mandava eles lerem os livros. Aí eu fazia um questionário, e, às vezes, eu mandava fazer um resumo. A gente preparava os conteúdos com as leituras dos livros, fazia esquemas e botava no quadro. Eu preparava tudo e depois ia transmitir aos alunos, explicando. Eu estudava de dia e de noite. A gente preparava os conteúdos de um livro aqui, outro acolá.

Diante de sua narrativa, depreende-se que cada professor preparava a sua maneira o material para as aulas, sem ainda perceber a questão da integração disciplinar ou, no uso corrente, interdisciplinaridade.

Professora nas décadas de 1960, 1970, 1980, 1990, Concebida Sales foi aluna e professora do Ginásio Filinto Rego, estabelecendo sempre uma relação entre o ser aluno e o ser professor. Quando veio a aposentadoria, no início da década de 1990, a professora Concebida Sales não estava preparada para o fato, porque, segundo sua própria confissão, “a gente, quando recebe a aposentadoria, toma um susto”. Depois de um certo tempo começa “achando bom, depois a gente vê que não é muito bom, não”.

O fato de a aposentadoria está relacionada com o fim de uma carreira não impede que o professor tenha vontades, desejos, necessidades. A

professora Concebida Sales admite que “a gente sente a necessidade de sair, de conversar, ter liberdade de entrar, de chegar”. Para o professor do ensino fundamental, a aposentadoria pode se tornar um estado depressivo, por causa do afastamento das pessoas, da limitação de novas amizades, do esquecimento, como lembra a professora: “a aposentadoria, em relação à escola, me deixou no anonimato, porque ninguém visita a gente pra dizer assim: o que que há, vim te ver”.

Por outro lado existe uma coisa que conforta a professora Concebida Sales: “eu ainda hoje tenho aluno que, sempre que vem a União, vem me visitar. São poucos, mas vêm. A gente deixa sempre uma marca positiva ou negativa”. E essas marcas são pra sempre, porque educação é para sempre.

3.3 História da Professora Maria de Jesus Rego

Aos sete anos de idade, em 1937, Maria Rego inicia os estudos primários no Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, que havia sido implantado em União, em 1927. Dessa época, ela guarda na memória lembranças da primeira professora, da primeira diretora, da zeladora, dos colegas. A precisão de datas e de nomes demonstra sua lucidez com relação aos fatos narrados:

Iniciei meus estudos no Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, que hoje a gente chama de Unidade Escolar - naquela época não era -, em 1937, aos sete anos de idade, todos tinham a mesma idade. Tinha uma única diretora: a D. Bibi Castelo Branco Medeiros. Tinha uma só professora, uma moça de Teresina, que tinha vindo para cá. Era Aldenora Sampaio Siqueira. Só tinha uma zeladora: D. Madá.

As lembranças de seu passado escolar, numa escola primária, levam-na à comparação com o que acontece hoje no interior das escolas: “A gente respeitava a diretora, que era assim meio autoritária, a gente respeitava ela da mesma maneira que respeitava a zeladora. Hoje eu acho um pouquinho diferente”. Em suas narrativas de escola e de formação, menciona a maneira como aquela professora primária conduzia e desenvolvia a sua prática pedagógica. E o faz de forma entusiástica como algo que jamais se esquece:

[...] ela ia de carteira em carteira. Ensinava assim direto com o aluno, observando o aluno, pegando na mão do aluno. Aquele aluno escrevia com a mão esquerda, ela procurava tirar aquele defeito do aluno para ele escrever com a mão direita, embora ele não conseguisse, porque é muito difícil, o aluno escrevia com a mão direita só enquanto ela estava perto da carteira. Mas era um método muito bom e a gente aprendia.

Nota-se, através da fala da professora, que não se dava importância à individualidade do aluno, nem se compreendia a questão da diversidade, a ideia de que cada aluno é um ser diferente do outro. Mas, com sua experiência, explicava o conteúdo, todo dia estudava-se um assunto (português, matemática, geografia, etc).

Em sua narrativa, é comum aparecer a descrição detalhada dos métodos utilizados pelas professoras, naquela metade do século XX. Um exemplo disso eram as sabatinas, aplicadas às crianças e revestidas em castigos psicológicos, como se observa nessa fala:

Ela marcou um tipo de sabatina, aos sábados, então ela distribuía um bônus pra gente, um bônus para cada aluno. Durante a semana, quando a gente acertava qualquer coisa ou a tabuada ou conhecimentos gerais ou qualquer disciplina, quem acertava ela dava um bônus. Quando a gente errava, ela tomava um bônus. Quando era sábado, ela contava: quem tinha menos ia ser o rabicho, ia sentar lá atrás. Ninguém queria ser o rabicho. Não era propriamente um castigo, mas os meninos consideravam um castigo, porque ninguém queria ir lá para trás.

Hoje, como é sabido, trata-se de uma espécie de gincana, de uma competição, mas naquela época não se compreendia assim. Esse formato de ensinar e de aprender funcionava e estimulava uma certa vaidade (ou orgulho, talvez) de não perder os bônus e não ficar em último lugar.

A professora Maria Rego considera positiva a forma de organização do primário naquela época. Para todas as séries do primário, apenas uma professora, ao contrário do que acontece hoje, onde para cada disciplina há um professor. Ela acredita que mudança de professor, nas séries iniciais do primário, compromete a aprendizagem. É nesse sentido que ela observa:

Naquela época, era uma única professora da 1ª à 5ª série. Agora muda, um ano é uma, no outro ano é outra, seis meses

é outra. Naquela época não era. [...]. Ter uma só professora ajudava. Sabe por quê? Porque você pega um professor e com seis meses muda. Ela tem outra maneira de ensinar... eu não sei, eu gostei.

Em 1941, conclui o curso primário. A professora Maria Rego, como tantas outras pessoas, ficou um longo período sem estudar, porque, no período de 1927 a 1957, em União/PI, só existiam escolas com curso primário. Estudar fora da cidade era privilégio de poucos. No relato da professora fica evidente essa situação:

Depois do primário, só vim fazer o ginásio depois de dezoito anos. Quem era filho de pais pobres não tinha condições de estudar em Teresina. Começamos o ginásio ali, onde hoje é a praça de eventos. Nós terminamos o primário em 1941 e terminamos o ginásio em 1961, então, começamos o ginásio em março de 1958.

Conforme o seu relato, a professora Maria Rego só voltaria a estudar dezoito anos após a conclusão do ensino primário. Foi no ano de 1958, ano em que foi instalado o Ginásio Filinto Rego. A professora Maria Rego fez parte da primeira turma. Ela relembra como tudo aconteceu: “O Ginásio Filinto Rego não era público. Quando eu estudei era particular. A gente pagava. É tanto que eu nem ia estudar, porque, quando fundaram, que a menina veio aqui, que era particular, meu pai me disse logo que não podia pagar. Eu fiquei contrariada”. Percebe-se que, ao relatar tal fato, a professora manifesta o seu desejo de estudar e, ao mesmo tempo, mostra as dificuldades que uma pessoa humilde tinha para prosseguir os estudos. Esse hiato na educação unionense reforça a idéia de que o desenvolvimento social, cultural e econômico está associado ao desenvolvimento escolar. Quantas pessoas ficaram sem estudar, nesse período de implantação do ginásio, por falta de condição financeira? Segundo a professora Maria Rego, “Foi muito difícil eu ter entrado no Ginásio Filinto Rego”. Deduz-se da observação da professora que estudar no ginásio era para poucos privilegiados.

Uma observação importante, confirmada pelos outros interlocutores, era a de que, na época da implantação do ginásio em União, não havia professores com formação específica para o magistério, principalmente para aquela

primeira turma. Essas dificuldades foram compensadas com a contratação de pessoas que trabalhavam em outras áreas e que se dispunham a colaborar com aquele início. É nessa direção que se manifesta a professora Maria Rego:

Naquela época do ginásio, os professores não eram professores de formação. Por exemplo, o Padre Luís de Castro Brasileiro foi professor, ave, Maria, eu nem sei o que eu posso dizer com ele, foi excelente. Era professor de Latim que naquela época existia. O seu Perico foi professor de inglês. Tinha um bancário aqui que era professor de geografia e história. Tinha a D. Helena que era de Francês. O Lucimar foi de matemática. O Juiz que existia aqui, a gente gostava muito dele, era de português. O nome dele era José Luís.

Concluído o ginásio, em 1961, surge para a professora Maria Rego outra dificuldade: como prosseguir os estudos? Em União, não havia escola de 2º grau. Quem cursou o ginásio, como já foi revelado, com enorme esforço econômico, não tinha como prosseguir os estudos, em Teresina. Era muito sacrifício para uma família de baixa renda, conforme o seu relato:

Quando terminamos, a Iridam, que era filha também do Osias Nery, queria estudar em Teresina e ficou insistindo pra gente ir estudar em Teresina na Escola Normal Antonino Freire. Não era pago, era colégio público. [...]. Aí fomos para Teresina. Ninguém queria ir para Teresina. Fomos fazer o vestibular para a Escola Normal. Lá os alunos não eram só de União, eram de todas as cidades do Piauí: Piracuruca, Piripiri, Barras, Batalha, José de Freitas, União, Miguel Alves, quer dizer, era um número grande. [...] Não passou ninguém de União (...).

O grande sonho de Maria Rego era ser professora, no entanto não passar no teste para a Escola Normal foi uma grande decepção e frustração, como ela mesma comenta:

Aí nós voltamos. E eu tinha um parente em Teresina, parente do papai, ele veio me dizer que a gente não vivia só de magistério, mas eu vou falar com sinceridade, eu tinha a maior loucura para fazer o magistério. Eu pra mim que se eu não fizesse o magistério eu não iria para o céu.

Observa-se, nas palavras da professora, o caráter mítico e transcendente do magistério. O que suas palavras revelam é, na verdade, a

idéia de que ser professor é um sacerdócio, capaz, inclusive, de elevar as pessoas ao céu.

Mesmo diante das dificuldades financeiras da família, a professora Maria Rego não desiste de seu intento de estudar em Teresina. E a oportunidade veio através de um parente, como recorda a professora:

[...] esse parente veio me convidar para fazer contabilidade e como me ofereceu casa e tudo, porque é difícil a gente arranjar uma casa em Teresina, eu fui. Fui fazer contabilidade na Escola Técnica do Comércio do Piauí. Era o professor Moacir Madeira Campos. Lá fui estudar, comecei, mas o pensamento era no magistério.

O curso de contabilidade não era o seu objetivo. O que a professora Maria Rego desejava mesmo era fazer o magistério, para trabalhar com criança.

Assim que terminou o curso de contabilidade, finalmente conseguiu entrar para o magistério e matricula-se na Escola Normal Antonino Freire, à noite. Nessa mesma época começou a trabalhar no comércio, como caixa. Era preciso conciliar a vida escolar com a vida profissional. Assim recorda a professora: “Quando era cinco horas da tarde, eu saía, ia para a Escola Normal, a (Casa Comercial) Fortes & Irmãos era bem pertinho do Armazém Paraíba. Eu ia direto para a Igreja, a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, assistia à missa até a hora da elevação e de lá eu ia pra aula”.

Após o término do magistério, a professora Maria Rego foi nomeada para exercer o magistério, seu antigo sonho. Quem fez a nomeação foi o governador da época, conforme ela relata: “Quem era o governador parece que era o Helvídio Nunes. [...] Ele nomeou todas as concursadas daquele tempo”. Pelo relato da professora, as “concursadas” eram todas as concludentes daquela turma do Curso Normal.

A sua transferência para União deu-se através do então diretor do Ginásio Filinto Rego, professor Antonio Rocha. A professora Maria Rego iniciaria a sua carreira no magistério pelo curso ginásial. E não como gostaria. Seu sonho de ser professora de criança ficaria adiado. Pelo seu relato, percebe-se que a necessidade de professores para o curso ginásial ainda era

muito grande, obrigando o diretor a convidar pessoas sem a qualificação exigida pela Lei.

Em 1971, já então professora do ginásio, é convidada para fazer um daqueles cursos oferecidos pela CADES, conforme ela própria confirma: “Aí houve um curso em Teresina, a CADES, que é assim como se fosse de curta duração, não era plena não, curta duração. Então a CADES lá, que nós fizemos era Estudos Sociais. [...] Foi em 1971”. A narrativa da professora demonstra que ela, na época, não tinha muito conhecimento a respeito dos cursos oferecidos pela CADES. Na verdade, eram cursos com duração de um mês e que objetivavam suprir a falta de professores qualificados para o curso secundário. Estes cursos tiveram ampla abrangência em todo o país, principalmente nas décadas de 1950 e 1960. No período em que a professora Maria Rego fez o curso da Cades, o programa já estava em fase de extinção, como confirma Pinto (2000): “pode-se supor que a CADES tenha desaparecido no bojo da ‘reforma administrativa’ do serviço público no Brasil, desencadeada pelo Decreto Lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967, complementado pelo Decreto Lei nº 900, de 29 de setembro 1969”. Os cursos da CADES não eram licenciaturas, eram cursos de emergência.

Maria Rego era professora de Desenho, mas depois que fez o curso da CADES passou a ministrar aulas de Estudos Sociais. Este detalhe é lembrado por ela: “Fui primeiro professora de Desenho, mas depois fui só de Estudos Sociais”. A respeito de sua experiência como professora no ginásio, a professora Maria Rego detalha a prática dos professores naquela época (décadas de 1960 e 1970):

Na época, em que fui professora do ginásio, o método que a gente ensinava lá, naquela época, era moderno. Os alunos tinham bons rendimentos, bons resultados e aprendiam. Era muito bom. O professor era lá no quadro, escrevendo e o aluno anotando. Depois é que apareceu aquele mimeógrafo. A gente fazia os testes e distribuía para eles. Mas no início não era assim. Tudo era escrito no papel. A gente escrevia no quadro.

Segundo a professora, as provas eram escritas no quadro pelo professor as quais eram anotadas pelo aluno em uma folha de papel almaço, com uma dobra na margem esquerda e com cabeçalho. Só depois, era que o aluno começava a responder a prova.

O Ginásio Filinto Rego foi a escola da sua vida, no duplo sentido: foi aluna, no final da década de 1950 e início da década de 1960, e professora, nas décadas de 1960, 1970 e 1980. A professora Maria Rego não esconde a admiração e o respeito por aquele que, segundo ela, foi seu protetor no ginásio:

O professor que mais me marcou foi o Dr. Antonio, que ele era professor quando faltava professor. Ele era professor de todas as matérias. Meu Deus, dando aula de geografia, com aquele mapa, ou você aprendia ou, então, desaprendia. Ele é o professor que mais me marcou e é um grande amigo.

Quando se refere ao Dr. Antonio Rocha, um dos iniciadores do Ginásio Filinto Rego e um dos seus mais ilustres professores, a professora Maria Rego deixa transparecer, muito claramente, o motivo do respeito e da admiração: o rigor da disciplina. Sobre este aspecto faz o seguinte comentário:

Agora tinha uma coisa: o Dr. Antonio não parava um minuto. Era circulando. Então, na hora que o menino estivesse fazendo qualquer coisa, nem precisava o professor suspender o menino, deixa estar que ele mandava o menino para casa. Eu achava a presença do Dr. Antonio certa em toda a sala.

O que a professora descreve é o momento do controle da disciplina em que a presença do diretor reprimia os alunos, deixando-os vulneráveis a uma suspensão.

Após muitos anos em sala de aula, a professora Maria Rego assumiu o cargo de Superintendente de Ensino, a convite da Superintendente anterior, Carmem Medeiros. Mas, segundo ela, questões políticas a fizeram abdicar do cargo:

Eu fiquei esses anos todos parada, não é que eu quisesse. Pois, olhe, eu não sei o porquê, eu fui muito perseguida no ginásio. [...] Eu não tenho nenhuma pessoa política na minha família. Meu pai não era político, nunca foi candidato a nada. Mas, não sei por que, meu pai se dava com Eudócio Melo e achavam que meu pai era do MDB.

Ela faz referência, à polarização, durante o regime militar, entre dois partidos políticos, ou a pessoa era situação (ARENA) ou era oposição (MDB). É

nesse sentido que a professora Maria Rego se sentia perseguida, porque para aqueles que comandavam a política na cidade de União, ela era ligada à oposição.

Apesar de não citar a data de sua aposentadoria, deduz-se que, considerando a sua entrada no magistério, 1969, como professora do Ginásio Filinto Rego, A professora Maria Rego aposentou-se, na década de 1990. A aposentadoria a deixou insegura com relação à sua profissão, aquela com a qual sempre sonhou. A insegurança e dúvida ficam latentes em suas palavras: “Quando eu me aposentei, eu pensei que ia sentir saudade. Mas eu tenho, eu gosto muito do ginásio”. A instituição, onde trabalhou boa parte da sua vida, representa uma marca muito mais importante do que a sua própria trajetória escolar como professora. E confessa, com certa mágoa, sobre o esquecimento de que são vítimas os professores aposentados do ensino fundamental: “Se eu fosse nova, talvez eu fosse lembrada pela escola, mas como eu sou idosa...”. Logo, as reticências de sua fala representam o desgaste que o tempo impõe às pessoas que se doaram integralmente a uma instituição escolar. Resignada, ela conclui: “[...] eu fiz esquecer todas aquelas pedras, aqueles espinhos, aqueles obstáculos, porque se Jesus sofreu, por que é que a Maria Rego não podia sofrer?”

Analisando as narrativas da professora Maria Rego, percebe-se que sua trajetória profissional não difere da trajetória de outros professores, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento de sua prática pedagógica, às dificuldades próprias da docência, como, por exemplo, a busca da qualificação profissional, a afirmação na carreira de professor e a insegurança na hora da aposentadoria.

3.4 História da Professora Auri Sampaio Nery

De família numerosa da zona rural de União/PI, Auri Nery veio para a cidade em 1944 para cursar o ensino primário, conforme ela mesma confirma: “Eu morava no interior e meu pai me colocou para estudar aqui em União, no Fenelon, Unidade Escolar Fenelon. Naquele tempo a gente chamava Grupo Escolar. Foi em 1944 que eu vim para fazer a 1ª série, o 1º ano”. Logo após a

conclusão do 1º ano primário, volta para o interior a fim de estudar em casa, pois havia chegado à região um professor. Era muito comum, na falta de escolas na zona rural, os pais, que tinham algum recurso financeiro, contratarem um professor para ensinar as primeiras letras. “[...], sabe, estudo do interior só vai até aquele ponto: leu, escreveu, tirou conta”. Mas, apesar de ser da zona rural, acostumada com o trabalho duro da roça, sua mãe tinha uma visão diferente sobre a educação dos filhos. O fato de morarem na zona rural não implicaria deixar de estudar. Ao contrário, segundo a professora Auri Nery: “minha mãe queria mais. Às vezes, é um milagre. Lá naqueles matos, todo mundo analfabeto, não sabiam de nada, mas eles já tinham uma visão, naquela época, que todo mundo tinha que estudar, aprender, para entender melhor as coisas”.

Em 1948, retorna à cidade de União para concluir o primário. Ela lembra as professoras da época pelo nome. Nessas lembranças, o nome das professoras, todas normalistas, vem precedido da palavra “dona”. “Era a Dona Iraci Carneiro, a Dona Anita Boavista, a Dona Ordantina Rocha, a Dona Bibi, que era a diretora na época”. Além da palavra “dona” significar o respeito que o aluno tinha à professora, também significava a representação de cada uma na sociedade. Todas essas professoras faziam parte da elite local. Muitas delas eram esposas de altos comerciantes, representantes da “fina flor” da sociedade unionense, como se dizia à época.

Após a conclusão do primário, Auri Nery retorna ao interior. “Naquela época, minha mãe dizia que eu era inteligente e me levou para eu ser professora no interior, com a 4ª série. Lá eu ensinei o que eu aprendi para os meus irmãos e para os vizinhos, que moravam lá perto”. A confusão série/ano evidencia-se no relato da professora Auri. Na época, em que ela estudou o primário, o uso corrente era ano. A 4ª série a que ela se refere, na verdade é o 4º ano primário. Outro fato importante, a ser destacado na fala da professora, é a responsabilidade, imposta a uma adolescente, de alfabetizar irmãos e vizinhos. Essa responsabilidade, de certo modo, fazia com que as pessoas se tornassem experientes ainda na adolescência. “Hoje, a pessoa com 15 anos não tem muita experiência”. Convém destacar, também, que, mesmo só tendo cursado o 4º ano primário, as crianças a quem ensinara poderiam matricular-se

no 4º ano na escola pública. “Eles lá ficaram sabendo o que eu aprendi, no ponto de fazerem a 4ª série”.

A família da professora Auri Nery não era rica, mas tinha algum recurso financeiro. Dada a época em que terminou o primário, a continuidade dos estudos só poderia se dar em Teresina, uma vez que, em União, não havia escola ginásial. Desse modo, só as famílias com certo poder aquisitivo poderiam colocar seus filhos para estudar na capital. Como eram 17 irmãos, tornava-se praticamente impossível, para uma família de poucos recursos financeiros, colocar todos eles na escola. Entretanto, para quem queria educar os filhos, tinha que começar pelos mais velhos. Assim, suas irmãs mais velhas foram fazer o teste para ingressar na Escola Normal, em Teresina. Essa situação é descrita pela professora Auri, como uma conquista familiar, embora suas irmãs tivessem que morar em casa de amigos.

Minha mãe gostava assim daquele princípio de igualdade: se você não foi, as outras vão? Não. Mas vai chegar a minha vez. Naquela época, tinha a seleção do exame de admissão. Aí foi a Maria de Jesus com a Raimunda fazer o seletivo da Escola (Normal) Antonino Freire, fazer o pedagógico a nível de ginásio. A Raimunda não passou. A Maria de Jesus passou. A Jesus ficou estudando na casa da dona Valdiza [...].

As palavras da professora deixam claras as dificuldades da época para uma família formar um filho. E outro ponto que chama a atenção é o fato de haver um curso pedagógico, equivalente ao curso ginásial, que assegurava o direito à professora de ministrar aulas na educação infantil, que era o primário.

Ficando em União com outros irmãos, que estudavam no primário, a professora Aury Nery, somente com o curso primário, começa a sua experiência no magistério de forma mais organizada. Havia uma escolinha de primário particular da professora Maria de Lourdes Craveiro, cujos alunos eram oriundos da elite social de União. Foi ali, naquela escolinha, que começou a sua trajetória no magistério.

Nessa época, a dona Maria de Lourdes teve um problema na vista e quem estava com a escolinha particular dela era a dona Francisquinha Saraiva. Aí eu fui ser auxiliar da escola da dona Francisquinha. Foi aí que começou, porque não tinha o que fazer. Eu fiquei estudando, sempre como auxiliar.

Nessa época, no início da década de 1950, o Pe. Luís de Castro Brasileiro, funda o Patronato Maria Narciso. Então, a professora Auri deixa de ser auxiliar para ser professora de reforço. “Apareceram aqueles meninos do Patronato com dificuldade de aprender. Aí comecei a ensinar particular em casa”. A dificuldade de aprender a que se refere a professora é, na verdade, a dificuldade relativa à leitura, à escrita, resquícios de lacunas na alfabetização.

De acordo com o registrado em suas narrativas, professora Auri ficou nove anos sem estudar, de 1948 a 1957, mas já lecionava, como ela mesmo confirma, aulas particulares em casa. No entanto, nesse período em que ficou sem estudar, surge a sua primeira oportunidade de trabalhar numa escola pública municipal. Ela descreve esse momento assim:

Nesse período, desses nove anos, criaram aquela escola municipal Carlos Monteiro, que era ali onde é o prédio do Iapep hoje. Aí me deram um cargo de professora. Já tinha entrado professora sem ser formada. Na época que eu comecei lá no Fenelon, pelo menos no Fenelon só entrava formada. Mas nessa escola do município podia entrar quem tinha prática. Eu já tinha muita prática, trabalhava com a dona Francisquinha e tal. Aí fiquei na escola Carlos Monteiro.

Notam-se dois detalhes nessa narrativa: as escolas municipais não adotavam ainda a exigência da formação para o ingresso na carreira do magistério. O critério da prática era o mais usado. Por outro lado, as escolas primárias do Estado só admitiam professores com formação pedagógica. Esses detalhes são importantes para se compreender a prática pedagógica não só nas escolas municipais e nas estaduais da época em questão, mas, inclusive, a visão do próprio professor a esse respeito, assim como do poder público e seus investimentos na formação e bem-estar do professor.

Com a criação do Ginásio Filinto Rego, em 1958, surge a oportunidade de as pessoas, que ficaram sem estudar durante um longo período, retornarem à escola para fazer o curso ginásial. A professora Auri Nery fez parte da primeira turma do ginásio Filinto Rego. A dificuldade de encontrar professores com a formação adequada para o curso ginásial na implantação da escola fez com que o diretor da escola encontrasse, na própria cidade, pessoas com alguma experiência em alguma área para que desse início àquela turma. A professora Auri assim se manifesta a esse respeito:

[...] foi criado o ginásio. Formaram a turma. Foi feita aquela seleção do exame de admissão com professores de Teresina. O diretor, Dr. Olavo, era médico. Seu Lucimar, que era de Matemática, era do Banco do Brasil. Seu Vicente Fortes, que era de Geografia e História, era também do Banco do Brasil. Este estudou no seminário, foi quase padre, tinha uma formação muito boa. O Pe. Luís era professor de Latim. O seu Perico era professor de Inglês. Era comerciante, gerente da Marc Jacob. A dona Haydée era professora de Desenho, mas não era professora formada.

Foi, a partir do ano de implantação do curso ginásial em União, que qualquer pessoa que quisesse estudar no Ginásio Filinto Rego teria que fazer o exame de admissão. O aluno terminava o 4º ano primário e realizava o exame de admissão para o ingresso na 1ª série do curso ginásial.

Muito embora os fundadores do Ginásio Filinto Rego não fossem portadores de formação específica da área na qual lecionavam, alguns professores se sobressaíam pelo conhecimento que tinham da disciplina, pelo rigor didático e pela dedicação às aulas, ao ponto de serem admirados pelos alunos e pela sociedade em geral. Como bem exemplifica a professora Auri:

Seu Lucimar dava aula de matemática muito bem. Tinha didática. Ele sabia aproveitar o potencial dos alunos. Ele não era daqueles professores que chegavam para ensinar, dar tudo. Ele dava aquela explicação, achando que matemática... bancário geralmente estudava muito naquela época para passar. Aí, depois, pegava aqueles exercícios do livro e botava os alunos... ele chamava sempre os alunos que sabiam menos para poder ir ao quadro para se desinibir e aprender a desenvolver. De forma que, na época de seu Lucimar, que matemática era aquele bicho-papão, quase todo mundo gostava ou de matemática ou de seu Lucimar [...].

Mesmo sem ser portador de formação específica para ser professor, como, aliás, era a situação de quase todos os demais, a prática pedagógica do Prof. Lucimar (e de outros tantos) deixa antever o profundo respeito do professor para com os alunos, o respeito às diferenças de aprendizagem dos alunos, o respeito à diversidade social que permeia o ambiente social escolar, notadamente a sala de aula. É perceptível, nos relatos da interlocutora, a competência profissional desses professores, seus saberes profissionais, dialogando com os demais saberes que integram a prática pedagógica. Neste

caso comporta evocar Batista Neto e Santiago (2006, p. 114), ao revelarem que a ação professoral, o “metier” docente, “[...] solicita ao profissional a atitude de gostar e de respeitar as pessoas; solicita, ao mesmo tempo, conhecimento, criticidade e generosidade que dêem sustentação aos processos de interrelação pedagógica e social”.

Neste exercício analítico, é importante observar, também, a questão metodológica abordada na fala da professora. O bom professor não era apenas aquele que ensinava tudo. O bom professor era aquele que dava oportunidade aos alunos que “sabiam menos” para que eles pudessem se desenvolver naqueles conteúdos e também cuidar para que o aluno se desinibisse. A exigência do professor fazia com que os alunos ficassem mais preocupados, mais atentos aos conteúdos, conseqüentemente, aprendendo bem mais, como revelam os depoimentos narrativos da Prof^a. Auri.

Em 1961, a professora Auri Nery conclui o ginásio, mas já era professora de uma escola municipal e trabalhava em uma empresa privada na cidade. Nessa época, recebe o convite para ser professora no Ginásio de uma disciplina da qual ela não tinha nenhum conhecimento: francês. No entanto, surge o primeiro dilema: como conciliar o trabalho na iniciativa privada, na escola municipal e no ginásio? O segundo: como lecionar uma disciplina sem o devido preparo? Teve que abrir mão da escola municipal e ouvir as aulas de francês pelo rádio, recebendo as orientações da professora à qual sucederia. Segundo ela, “Todo mundo dizia que eu ensinava francês em União sem ter saído de União[...]ouvir a aula de francês pelo rádio para depois ela me passar a explicação”. Era uma época em que as dificuldades para se encontrar professores com formação específica possibilitavam a improvisação que, às vezes, dava certo e, outras vezes, não. Neste caso específico, deu certo.

Já em 1953, no governo de Getúlio Vargas, havia sido instituída uma Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES). Por essa campanha, organizavam-se cursos intensivos de emergência com duração de um mês para preparação aos exames de suficiência que conferiam aos aprovados registro de professor secundário, a fim de suprir as carências de professores. Conforme atesta a professora Auri Nery, esses cursos oferecidos pela CADES eram para suprir necessidades.

[...] pela necessidade, quando terminamos o ginásio, tinha aquele curso da CADES, que a gente passava aquele mês em Teresina, fazendo aquele treinamento, a gente não tinha opção de escolher. O Dr. Antonio indicou a Maria José Igreja, da nossa turma, para matemática; eu para francês; a Maria Rego para estudos sociais. Era um curso promovido pela Seccional, era um curso de suplência, de emergência, para suprir as necessidades.

Concluindo-se, a partir da fala da professora, que, na década de 1960, o aluno, que concluía o ginásio, poderia, conforme a escolha do Diretor da escola, fazer um curso de um mês, recebendo registro de professor para lecionar no Ginásio.

A professora Auri é categórica ao afirmar que “Antigamente a gente era mais comprometido com o aprendizado”. Afirmação que parece que o poder da autoridade forçava o comprometimento do aluno com as tarefas a serem realizadas em casa e o envolvimento do professor com a escola.

Não sei se era porque era na época da chamada ditadura. Ninguém fez greve. Ninguém deixou de dar aula. Todo mundo aperreado. Você sabe que professor sempre ganhou pouco e a gente dava aula normalmente. Todo mundo preocupado com suas tarefas. Todo mundo tinha tarefas para trazer para casa,

Conforme relata a Prof^a. Auri, esta forma de compreender como a escola funcionava deixa claro que havia no interior da escola uma intenção de preservar a autoridade e fazer dela algo imperioso até nas relações pedagógicas.

A disciplina escolar era rígida. Quando um professor não conseguia ministrar a sua aula, por causa de conversas paralelas e de indisciplina, o diretor, usando todo o seu poder como autoridade inquestionável da escola, mãos para trás, passava em frente à sala, obrigando os alunos a se “comportarem”. A professora Auri relembra esse momento como um importante mecanismo de controle da turma: “[...] o diretor, ele era muito exigente. Às vezes, era preciso ele ficar rondando na frente da sala de uma colega lá, porque os alunos ficavam conversando, ficavam aquela coisa toda”. A disciplina escolar fazia-se no compartilhamento diretor-professor-alunos.

Na década de 1970, com a promulgação da Lei nº 5.692/71, em todo o país, surgem os cursos de licenciatura de curta duração (3 anos), para suprir

as necessidades no quadro de formação de professores de 1º grau (5ª à 8ª série). Para as cidades do interior do Estado do Piauí, esses cursos eram ministrados no período de férias, em convênio com a UFPI (Universidade Federal do Piauí). A professora Auri recorda essa época, evidenciando, principalmente, as dificuldades que os professores tinham para ser aprovados no vestibular.

No ginásio, quem não tinha curso superior, programaram um vestibular de licenciatura curta. Foi aberto para todo mundo. Isso foi na década de 70. como era que a gente ia estudar?[...] Aí fomos fazer o vestibular para a Federal. Eu passei [...]. Eu fui fazer para Técnicas Comerciais. E Técnicas Comerciais eram poucas vagas. Eram praticamente as vagas para os professores inscritos.

Nessa época, as escolas de primeiro grau, devido à idéia do desenvolvimento econômico do Brasil, mantinham disciplinas curriculares que funcionavam como preparação do jovem para uma profissionalização. Havia as Técnicas Comerciais, as Técnicas Industriais, Técnicas Agrícolas e Educação para o Lar. No ginásio, na época, já estadualizado, essa preparação para o mundo profissionalizante se restringia aos alunos. Às alunas, era-lhes reservada a Educação para o Lar.

Fica muito evidente na fala da professora Auri que, nas décadas em que ela lecionava (1960, 1970, 1980), era comum o professor ministrar mais de uma disciplina. O professor não era um especialista, mas precisava ter um certo conhecimento geral. Segundo ela, essa condição obrigava o professor a estudar mais, a se preparar melhor.

Dei aula de francês, de desenho, de história, quando faltava professor. O Dr. Antonio não deixava ficar aluno sem aula. Ele botava a gente para estudar. Hoje eu sempre digo: quando o pessoal escolhe é porque não quer estudar, porque se a gente estudar e a pessoa tiver manejo de classe, a pessoa tem condição de passar o recado para a frente. Mas hoje, não. É a minha cadeira ou não é a minha cadeira. Por isso é que eu acho que, de primeiro, o pessoal tinha mais empenho pelo estudo.

Nota-se, na versão da professora, que o conhecimento geral que o professor tinha facilitava a exposição do conteúdo. Na sua observação, o que

acontece hoje com cada professor dentro da sua especialidade é uma certa acomodação, razão pela qual os alunos também se acomodam.

No final da década de 1980, depois de vinte e nove anos de magistério, a professora Auri aposentou-se. Como, durante sua vida profissional, conciliava a educação pública e a iniciativa privada, a aposentadoria nas duas instituições veio quase simultaneamente, como ela mesma confirma: "Praticamente do mesmo tempo do Estado, veio a da Marc Jacob, do INSS". No entanto, para a professora Auri, a aposentadoria não representaria o fim, a ociosidade. Ao contrário, significava a busca de outras atividades. Experiente e ainda jovem, com boas perspectivas pela frente, assumiu uma postura de recomeço em uma outra área que não fosse a do magistério. Nesse sentido que ela recorda:

Vou procurar outra atividade. Não quero ficar sem trabalhar. Aí programei para a agricultura, morar perto das roças. Eu sempre gostei de campo, de plantas. Mas como a gente já tinha essa chácara, o papai veio para união, mas a mamãe morreu logo que chegou. Disse: é melhor a gente ir para a chácara, porque fica perto da cidade. Aí eu fiquei aqui e não parei de trabalhar. Parei da educação, mas as outras atividades me encheram o tempo.

A sua decisão de não querer mais se envolver com educação estava ligada à mudança de comportamento da sociedade, principalmente dos jovens. A lembrança da professora confirma essa situação:

Naquele tempo que eu tava no ginásio, como professora, e, depois, como diretora, o negócio já tava virando um pouco. Naquele tempo já tava meio avançado, imagine hoje como é que não tá para o professor lidar com os alunos. As meninas já vinham pra aula, no turno da noite, com as camisetas dentro da mochila dos livros para que, quando saíam de lá, já estavam arrumadas para ir ao Balão, que o Balão era novo, nessa época.

Além disso, outro fator contribuiu para que a professora Auri Nery se aposentasse mais rapidamente: as mudanças políticas. Muitas vezes, quando mudava o governante, as pessoas que eram nomeadas pelo antecessor eram perseguidas, conforme ela guarda na lembrança:

Mesmo assim teve aquele corte pela política. Podia até ter ficado mais, que eu sempre gostei de lecionar, mas eu tava na

direção e o partido que ganhou era contrário. E hoje eu fiquei decepcionada, porque a gente não vai para um lugar, no Estado, por competência. Vai porque o pessoal é daquele partido. Quando o Alberto Silva ganhou, me voltaram lá para a sala de aula e nem minha cadeira me deram ainda, que era a cadeira de Técnicas Comerciais. Não me botaram nem como auxiliar do professor de minha matéria. Me botaram como auxiliar de Técnicas Industriais que era o professor [...] que nem tinha formação pedagógica. Fiquei assim. Isso está errado. Me aposentei.

As interferências políticas na educação, através de perseguições pessoais, sempre estiveram presentes dentro e fora das escolas. Essas interferências convergem para o que diz sabiamente Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia da Autonomia”, que ser professor e saber ensinar requer saber escutar, exige liberdade e autoridade, assim como aceitação do novo e rejeição a quaisquer formas de discriminação (FREIRE, 1996). A prof^a. Auri, dentro de sua competência profissional, optou pelo afastamento da carreira docente, é bem verdade pela aposentadoria. E, como diz a interlocutora, com a aposentadoria vem o esquecimento...

É como diz a interlocutora, com a aposentadoria vem o esquecimento. “O professor com a aposentadoria fica esquecido. A escola não lembra mais dele. Quando a gente tem um bom relacionamento ainda é lembrado. Mas tem uns que ficam totalmente no esquecimento. É uma desvalorização da experiência”. Essa desvalorização da experiência é uma desqualificação do professor aposentado, segundo a interlocutora em questão.

3.5 História da Professora Maria do Socorro Sales

A professora Socorro Sales figura entre os professores aposentados que integram esta pesquisa como a única que retornou à vida profissional docente. O seu reingresso ao magistério deu-se através de recontração, efetivando-se novamente na carreira profissional docente. Atualmente, exerce seu trabalho docente na Unidade Escolar Filinto Rego, antigo Ginásio, onde estudara e lecionara.

Segundo suas narrativas, sua história, cursou primário, na década de 1950, no Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco. Desta escola ela guarda detalhes dos momentos que aconteciam antes e depois de começar a aula: a entrada, o Hino Nacional, a educação física, os materiais didáticos. A descrição desses detalhes observa-se nesta fala:

Antes de a gente entrar, se formavam todos os alunos no pátio. A D. Mundica Ferreira era a inspetora. A gente cantava o Hino Nacional. Todo mundo sabia o Hino Nacional. Aí a gente entrava para a sala de aula. A educação física era como hoje, felizmente fizeram a mesma coisa. A gente também fazia educação física. Hoje é no mesmo período, se é de manhã é de manhã. A gente fazia educação física e a gente ia pra dentro da sala de aula. Na sala de aula, nós não tínhamos livro. A gente usava um caderninho. Eu me lembro que, às vezes, a gente costurava até umas folhas. [...] Costurava as folhas para a gente copiar ponto.

A lembrança da primeira professora é uma marca que a professora Socorro Sales carrega até hoje. É difícil para qualquer pessoa que freqüentou escola esquecer a primeira professora. Rememorar a primeira professora mexe com a emoção da professora Socorro Sales:

Tínhamos alguns professores, mas a minha professora, que sempre foi, a D. Francisquinha, que era chamada de D. Francisquinha de seu Onofre Saraiva. Ela me marcou. Toda a vida ela foi minha professora. Ela era dinâmica. Naquela época, ela fazia as atividades na sala de aula, era impressionante como ela fazia as festinhas na sala de aula, mas era dentro da sala, fazia parte da aula. Ela obrigava cada um fazer um discurso, para aprender aquilo ali. Ela gostava muito dessas coisas. Cada um no final do ano, na colação, fazia um discurso bem pequenininho.

Um detalhe importante, que chama a atenção nesta fala da professora Socorro Sales, é a idéia de que para o aluno aprender ele tem que ser obrigado a fazer determinada atividade. Nessa visão, a aprendizagem que poderia, para alguns, ser algo traumático, como se percebe, é bem vista pela professora, como algo positivo em sua vida escolar. Nota-se, dessa forma, que a prática pedagógica de um professor incorpora-se na cultura do aluno que depois se incorpora novamente na vida do professor, nas trajetórias profissionais.

As sabatinas, utilizadas ainda nessa época, em que a professora Socorro Sales freqüentava o curso primário, eram usadas, principalmente, para reforçar aqueles alunos com maiores dificuldades de aprendizagem. Ela, assim, as recorda:

Nos sábados, pela manhã, a gente ia fazer a sabatina. Esta sabatina era só pra burrada. E aí de quem... não tinha palmatória. Ela dava as casas da tabuada, de multiplicar pelo menos. A gente trazia na semana, ela dizia: - no sábado vai ser por dois, por três. E você trazia para estudar. E na hora ela reunia os alunos ao redor da mesa. Naquela época, a mesa da professora era mais alta, tinha aquele estrado que ficava mais alto. E agente ao redor da mesa, ela chamava por grupo. E aí ia perguntando salteado a tabuada. E a nota da sabatina era colocada nas costas, com lápis vermelho. Quer dizer, todo mundo se obrigava a estudar para não vir com a nota ruim nas costas.

A idéia do castigar para aprender, comum nas práticas pedagógicas passadas e, às vezes, nas atuais, tem o seu lado cômico e perverso, como se apoiada na expressão latina “castigat ridendo mores”.

Na época em que a professora Socorro Sales fez o primário, no Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, todas as professoras eram normalistas. Tratava-se de uma profissão dominada pelas mulheres. Ser professora era um orgulho para aquelas senhoras e senhoritas da sociedade. A professora Socorro Sales se refere a elas da seguinte forma:

A professora era normalista e elas se orgulhavam disso. Naquela época só ia fazer o normal quem tinha uma condição financeira mais ou menos. E elas eram normalistas: a D. Francisquinha, a D. Nazi Barros, a D. Anita, a D. Elita. Eram do quadro da escola. A diretora era a D. Anita, antes era a D. Bibi.

Percebe-se que o respeito que o aluno tinha para com a professora relacionava-se à própria condição social e profissional de cada normalista.

As festas escolares eram, conforme o relato da professora Socorro Sales, eventos muito comuns, naquela época, inclusive, diz ela, já havia uma preocupação com o meio ambiente. Isso porque, segundo a interlocutora, “a maior festa da escola era o vinte e um de setembro, que era o dia da Árvore”. As festas do dia da Árvore, organizadas pelo Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, movimentavam todas as outras escolas, conforme o relato da

professora: “Nesse dia, a escola era de festa, convidavam todas as escolas para participar, porque era a maior festa, o dia da árvore. Só faziam essa festa na escola. Aquelas carnaúbas que têm na frente do Fenelon foram plantadas nessa época, na comemoração do dia da árvore”.

É possível ler, nas lembranças da trajetória escolar da professora Socorro Sales, que a prática pedagógica dos professores difere, principalmente, na maneira como cada um se relacionava com os alunos na sala de aula. Ela relata um caso, hoje considerado inaceitável, por constranger as crianças, de uma professora do 1º ano que “dizia todas as vezes para a gente – só gente pobre que estudava lá – que a gente tava fedendo a mijo”. Através do relato, nota-se a mágoa que ficou gravada, por toda a vida, na expressão da professora Socorro Sales: “Ela dizia: Madalena – Madalena era a zeladora da escola - faz um algodão com álcool. Aí ela colocava o algodão no nariz. [...] Ela colocava o algodão para não sentir o cheiro dos alunos. Isso massacrava a gente”. Por outro lado, havia professores preocupados com a aprendizagem do aluno, com a motivação, com procedimentos metodológicos adequados. A narrativa da professora evidencia essa situação:

Toda sexta-feira era uma aula assim diferente. Ela sempre dava um verso – naquela época a gente chamava verso -, para a gente decorar. Aí a gente ia apresentar na sala de aula para os outros alunos. Outra vez, ela levava a gente para a casa dela, pra gente ensaiar cantos. Para a gente cantar na escola. Dia de sexta era isso. [...] era declamar, cantar, era apresentação. Era assim as aulas dela, naquela época, levava a gente até pra casa dela, para a gente ensaiar.

Eram aulas dinâmicas e compreensivas, onde ocorriam tanto a aprendizagem como, também, o lúdico, a brincadeira. Porque a prática pedagógica exige reflexão, exige ação e criatividade, exige de igual modo que o professor tenha a sensibilidade de fazer uma leitura (e releituras) da realidade circundante, implica, desse modo, como diz Freire (1991, p. 126), a invenção e a reinvenção do cotidiano, dentro de uma ética humanizadora e de respeito aos saberes e modos de viver de cada um, como forma de efetivar o ensino e a aprendizagem, como forma de reduzir “[...] a distância entre o sonho e sua materialização”.

Em 1959, a professora Socorro Sales ingressa no Ginásio Filinto Rego, na segunda turma. Na sua passagem pelo ginásio, ela destaca o problema de professores sem a devida qualificação: “Nessa época, os professores faziam parte da sociedade. Não eram professores de fato. Eram médicos, juízes, padres, bancários, comerciantes. E ainda havia alguns professores que vinham de Teresina”. Mesmo funcionando com professores sem a devida qualificação profissional, no ginásio daquela época, sobressaiam-se alguns professores pela didática aplicada que implementavam em sala de aula. A esse respeito, a interlocutora, no seu relato, faz referência a um desses professores: “Mas tinha um professor de matemática, gerente do Banco do Brasil, que era igual o Oswald de Sousa”. A referência ao matemático Oswald de Sousa, especialista em probabilidade, segundo a interlocutora, tem caráter simbólico e analógico. Por outro lado, havia aqueles que não tinham muita intimidade com a matéria: “Nessa época tinha um professor de inglês, que era comerciante, que não sabia nada de inglês. Foi colocado porque não tinha outro”. Esses aspectos são, na verdade, contrastes bastante comuns no campo da educação escolar.

Após a conclusão do curso ginásial, a professora Socorro Sales foi estudar em Teresina, no Colégio Leão XIII. É nessa época que surgem, para o município de União, os cursos de emergência da CADES. Para a escolha dos participantes, utilizava-se o critério político. Mesmo rejeitada por esse critério, conseguiu matricular-se no curso de emergência. Segunda ela própria relata: “Conseguimos nos matricular para fazer o teste e passamos. Aí fomos fazer o curso de emergência. Era um curso pedagógico, mas não era parcelado. [...] Era intensivo, não tínhamos férias”. Era um curso para professores leigos que garantia o registro de professor para o ensino secundário, onde não existissem professores qualificados.

De acordo com a professora, “o nome era Curso para Formação de Professores de Emergência”. Este curso ocorreu em 1963, porque, de acordo com a narrativa da professora, “foi um ano de curso que preparava para dar aula”. Como era um curso que garantia um registro de professor de emergência, sendo que sua nomeação aconteceu no dia 8 de maio de 1964, à luz de sua narrativa, deduz-se que o curso foi feito durante o ano de 1963. É importante salientar que, mal terminava o curso ginásial, o aluno-professor, dependendo de critério político, já ingressava num desses cursos de

emergência para exercer, em seguida, o ofício de professor. A narrativa da professora Socorro Sales confirma esse fato: “Quando nós terminamos o curso, nós já saímos com a nossa nomeação efetiva”.

Segundo suas memórias autobiográficas, sua nomeação aconteceu no período em que o Brasil passava a ser governado pelos militares. Naquele período da história, estudando em Teresina, no período de férias, cursando o pedagógico parcelado, na Escola Normal, a professora vivenciou momentos de instabilidade, como o que ela narra: “Nessa época, início da Ditadura Militar, teve muita confusão. Nós estávamos em Teresina. Teve muita confusão, o povo na rua, um alvoroço. Eu quase morro de medo por causa do boato de que iam botar todas as professoras para desfilar nuas”. A narrativa revela apenas o cenário vivido pelas pessoas, o qual era marcado por uma onda de boatos que se espalhava, principalmente dentro das escolas.

Efetivada sua nomeação, inicialmente, a professora Socorro Sales foi ministrar aulas no Grupo Escolar Murilo Braga, uma escola primária da cidade de União. Só algum tempo depois, é que passaria a lecionar no Ginásio Filinto Rego. Dessa época, guarda muitas lembranças da prática pedagógica:

Na minha época de professora primária e ginásial, pude vivenciar diversas transformações na sala de aula. O Dr. Antonio, no ginásio, quando ia para a sala de aula, só levava a caderneta. Não copiava nada. A gente tinha que se virar de qualquer jeito para anotar alguma coisa que ele falava. As suas aulas eram inteiramente expositivas.

A referência que a professora Socorro Sales faz é ao professor Antonio Rocha, que exercia as funções de diretor e professor do Ginásio Filinto Rego. O que ela narra é o que acontecia na sala de aula, naquela época. O professor era um expositor de conteúdos. As aulas eram copiadas no quadro e expostas pelo professor. O que o professor, a que ela se refere, fazia era expor conteúdo oralmente, sem nada anotar no quadro e, em geral, no decorrer da aula só quem falava era o professor, ao aluno, raramente, era concedido o direito de falar, de expor seu ponto de vista, de manifestar-se.

As mudanças ocorridas na educação nacional com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus – LDB nº 5.692/71, foram percebidas e narradas pela professora Socorro Sales:

Vivemos todas as transformações na escola. [...] Já na década de 70, as escolas começaram a exigir planos, planejamento. Inicialmente, os professores acharam ruim, porque entendiam que estavam perdendo a confiança. Era muita fiscalização em cima do professor, muita exigência.

Na época, a meta era fortalecer o crescimento econômico, através do desenvolvimento industrial, proporcionando à economia o que ficou conhecido como o “milagre econômico”. Todas as escolas sentiriam os reflexos dessa política, principalmente as de 1º grau, ao se implantar nelas uma introdução à profissionalização do jovem, como nas Técnicas Agrícolas, Comerciais, Industriais e Educação para o Lar (só para meninas). A professora Socorro Sales lembra essa época como algo positivo para o ensino e para a disciplina do jovem estudante:

Se a gente comparar, naquela época, aquelas escolas técnicas que tinham no ginásio mesmo. As escolas técnicas, agrícolas, todas. Aí acabaram. Hoje, os alunos, comparando os alunos de hoje com os daquela época, os daquela época faziam aquilo ali, era tão bom para o aluno. Eu acho que se hoje tivesse um negócio daquele, ali, eu acho que a gente controlaria melhor o aluno.

A professora comenta acerca da importância e das vantagens de um ensino técnico, profissionalizante nas escolas de ensino fundamental. Compara o contexto passado com o presente, posicionando-se sobre aquela realidade.

Os problemas, principalmente da falta de professores qualificados nas áreas específicas, enfrentados pelo Ginásio Filinto Rego, continuam até hoje, o que leva professores formados em uma área específica a ministrarem aulas em outra área. A professora Socorro Sales confirma esse problema no seu relato: “Eu dava aula de geografia sempre. Só que, no ano passado, me deram Ciências, uma disciplina completamente diferente da minha”. Esse problema continua afetando a qualidade do ensino. A própria professora observa bem essa problemática: “Pelo menos se a gente começasse da 5ª série, que os alunos estão iniciando e a gente também. Mas, não. Eles pegam a gente e botam lá na oitava. Não havia um critério de formação, mas de necessidade, tanto da escola como da gente”.

Como se percebe, diferentemente dos outros interlocutores, a mencionada professora aposentou-se por tempo de serviço e, em seguida, foi recontratada para ministrar aulas de estudos sociais, de modo que esse detalhe da sua vida profissional ajuda a fazer comparativos entre o passado e o presente. Ela comenta, em sua narrativa, sobre as dificuldades para lidar com os alunos hoje:

O aluno é assim indisciplinado, eles falam qualquer coisa dentro da sala de aula. É uma liberdade sem controle. Esse tipo de aluno, que eu tô dizendo, é horrível, eles não respeitam, um aluno na sala de aula não respeita uma velhinha na vista do professor. Essa frouxidão de hoje faz o ensino ficar mais relaxado.

Seu relato deixa claro o desrespeito com a pessoa idosa, com professores idosos também. Estes comportamentos contribuem para o fracasso da escola, mas, ao mesmo tempo, porém, sob outro olhar, a professora interlocutora reconhece que

o aluno de cada época é diferente, por causa das informações que são mais. Tem computador, tem televisão, naquela época não tinha. Eles estão ouvindo, estão vendo. Então eles estão ouvindo. Uns ouvem tudo aquilo e vão pôr em prática, outros não. Tem de diferentes tipos na sala de aula.

É nesse sentido que a prática pedagógica do professor vai mudando, alinhando-se a diferentes realidades, a diferentes pessoas (os alunos), mas sem perder o foco que é o ensino e a aprendizagem.

Como vivenciou dois momentos importantes na sua vida profissional, como aposentada e, ao mesmo tempo, da ativa, a professora Socorro Sales, na sua prática docente, procurou sempre se adequar às diferentes realidades. No início de sua carreira teve que se virar sozinha, como faz questão de realçar, para preparar as suas aulas. Suas palavras deixam muito clara essa marca importante de sua vida profissional:

Os alunos não tinham livro. Eu fazia muito isso. Minhas primeiras aulas no ginásio, que a gente ia com medo, nervosa. O que eu fiz? Arranjei um livro e estudei, fiz um resumo com apresentação de um mapa. Eu apresentei primeiro no mapa e

depois eu dei o resumo pra eles terem alguma coisa. Era assim.

Tempos depois, aposentada e recontratada, muita coisa havia mudado no interior da escola, principalmente na prática docente. Alunos e professores passaram a utilizar livros didáticos em todas as áreas curriculares. Questionando o uso do livro didático por professores e alunos, ela enfatiza:

Se o professor souber lidar com o livro didático, se não se bitolar só no livro didático que o aluno tem, é melhor. Por que? Para o aluno e para o professor. O professor tem uma sequência de tudo que você vai dar e a programação pede. E o aluno tem vezes, tem aula que a gente usa o livro didático, porque a gente vai fazer outras atividades, uma pesquisa, manda pesquisar outra coisa. Mas eu acho que ajuda um pouco, dependendo da orientação do professor, se ele souber lidar com o livro didático. O livro didático acomodou o professor, porque ele, eu tô falando de um modo geral, mas existe professor que se bitola só nos exercícios, porque já vem respondidos no livro do professor. Há professores assim. Eu acho que acomoda. Mas se o professor souber lidar com o livro didático, é muito bom, porque ele tem uma coisa a se apoiar. Eu tenho meu livro aqui para saber até onde eu vou, até onde eu posso chegar.

Essa preocupação da professora Socorro Sales com o livro didático tem a sua razão de ser, uma vez que só o livro didático não é capaz de preencher o vazio entre o ensino e a aprendizagem.

A dupla condição de professora aposentada e de professora da ativa coloca um diferencial em sua história de vida. Por um lado relata acerca da formação e de práticas pedagógicas pregressas; por outro lado, sua história funde-se com o presente, porque continua sua trajetória docente, deixando claro não só a pertinência dessa trajetória, como também seus investimentos formativos (autoformação), a exemplo da mobilização de saberes para melhor exercer a docência, valendo-se, principalmente, dos saberes experienciais. Experiência como um jeito de incluir o passado e o presente nas narrativas autobiográficas. Conforme sua narrativa, bastou para que ela se sentisse angustiada:

Me aposentei cedo. Passei um ano sem trabalhar. Mas foi um ano de angústia, porque você está habituada a todo dia sair de casa, a ter outra atividade, a lidar com aluno, com professor,

com o colega. Aí você passa um ano dentro de casa sem saber o que vai fazer. Horrível. A sensação é ruim, porque a sua vida é aquilo ali como estudante, como professor, você saindo todo dia. Você se habitua àquilo, ali. Você está acostumado àquilo. De repente, acaba o vínculo com aquilo ali.

Essa sensação sentida pela professora Socorro Sales denota a dimensão da palavra inatividade. O professor aposentado do ensino fundamental é, verdadeiramente, um inativo, como a narrativa da interlocutora:

A gente se sente envergonhada, rejeitada, quando chega a uma escola que a gente se doou, doou a vida por aquilo ali. Quando você chega na escola, você sente a frieza da secretaria, a sala dos professores congelada, a gente se sente, assim, rejeitada. O aposentado é um rejeitado.

3.6 Histórias da Professora Maria de Jesus Caetano

Foi na década de 1950 que a professora Maria Caetano iniciou a sua trajetória escolar, na cidade de União/PI. Todo o curso primário foi feito em uma escola de caráter confessional, administrada pelas Irmãs Cordimarianas. Na sua narrativa, ela confirma: “Eu iniciei minha trajetória escolar no Patronato Maria Narciso, na década de 50”. O Patronato Maria Narciso era uma escola privada, onde estudava a elite social e econômica da cidade. No entanto, na época, funcionava como as escolas públicas, conforme narra e reconhece a professora Maria Caetano, portanto: “Era um professor para todas as disciplinas. Eu tive uma professora da 1ª à 3ª série: Irmã Leocádia”. A mesma prática de outras escolas da cidade: uma mesma professora em todas as séries do primário. Por outro lado, percebe-se, nas palavras da professora Maria Caetano, que o diferencial daquela escola estava na prática docente de seus professores: “Na primeira escola, o tratamento era carinhoso, dentro de um ambiente de respeito e preocupação com o desenvolvimento do aluno. Não tinha aquele professor de só jogar. Tinha aquele professor de ensinar e colher”.

Em meio a sua narrativa, pondera: “Eu acho que fiz um primário muito bem feito que me ajudou muito a desenvolver o primeiro grau”. Ao mesmo tempo em que as lembranças de práticas docentes eficientes de seus professores, como algo positivo, a professora Maria Caetano não deixa de

rememorar os castigos aplicados aos alunos que não cumpriam as suas tarefas escolares. Ela recorda:

Nessa época tinha castigo. Ah, tinha castigo. Um exemplo é que você ficava sem recreio. Exigiam muito a tabuada e a leitura correta. Então, se você não cumprisse aquela tarefa... Aos sábados, havia uma sabatina só de matemática. E, se você não se saísse bem, ficava sem recreio.

Como se pode perceber, os castigos já não eram mais tão rigorosos. Mas, em geral, surtiram o efeito desejado: a aprendizagem.

Mesmo já tendo sido instalado um ginásio em União/PI, Maria Caetano foi estudar em Teresina, no Liceu Piauiense. Mesmo sendo uma escola tradicional do Piauí, o Liceu apresentava, praticamente, os mesmos problemas das escolas das cidades interioranas. Tal fato se explica pela falta de programas das universidades visando à formação de professores para áreas específicas. Convém salientar que, nas décadas de 1950 e 1960, quando a professora Maria Caetano fez o primário e o secundário, ocorreu a proliferação, em todo o país, dos Cursos de Emergência promovidos pela CADES (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário). Dessa forma, em sua narrativa a professora Maria Caetano registra o seguinte fato:

Lá eu notei assim que cada disciplina tinha um professor. Muitos professores não tinham formação acadêmica. Alguns até só tinham o ginásio. Mas o diretor tinha um plano bem observado que a gente como aluno gostava. Os professores não tinham formação pedagógica. A gente descobria e questionava. Só que naquele questionamento dava uma polêmica que o professor daqui sou eu, se você sabe mais do que eu, se retire. Sempre teve essa polêmica.

Tanto na cidade de União/PI como em outras cidades brasileiras, a situação educacional era muito parecida. Os cursos da CADES surgiram exatamente para suprir lacunas relacionadas a pessoal não qualificado para o ensino secundário. Havia, nessa época, muito “professor leigo”. A forma encontrada para legalizar a situação desses professores Brasil a fora eram os cursos de emergência da CADES.

Após concluir o curso ginásial, em Teresina, a professora Maria Caetano volta para a cidade de União/PI, ficando um período sem estudar. Nessa

época, só com o curso ginásial, começa a lecionar no Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, que antes só admitia professores com formação pedagógica. A professora Maria Caetano lembra essa época: “Eu comecei já trabalhar no Fenelon só com o ginásio como professora. Peguei o quinto período que correspondia à 3ª série. Eram duas séries em um ano, com comunicação e expressão”. Observa-se que, apesar dos cursos da CADES, na década de 1970, muitos professores continuavam sem a formação pedagógica exigida pela nova Lei da Educação Nacional (nº 5.692/71) para exercer a docência no 1º grau.

Até o ano de 1975, a professora Maria Caetano lecionou sem a formação pedagógica necessária para o 1º grau. Somente, a partir desse ano, ela começa a pensar numa qualificação para o exercício de sua profissão. É assim que ela se manifesta sobre essa época:

Só que eu sentia que precisava mais. Eu fiquei até 1975 e surgiu o LOGUS. Mas eu achei que era pouca bobagem porque era só nos finais de semana. Eu me deslocava daqui para Teresina com muita dificuldade, na época. Sempre era o dia todo de sábado e eu notei que quase nada não tinha proveito. O LOGUS era uma formação pedagógica a nível de Ensino Médio. Era formação para professores leigos. A primeira etapa do LOGUS era para concluir o ginásio e depois é que tinha a segunda etapa que era professor.

O professor leigo é aquele que não tem formação para o ofício de professor. Em muitos casos, esses professores nem o 1º grau completo possuíam. Assim, a professora Maria Caetano, diante da inoperância do LOGUS, na sua avaliação, abandona o projeto para fazer o curso pedagógico. As suas palavras confirmam essa situação:

Mas antes de terminar a segunda etapa, me matriculei no Instituto de Educação, em Teresina. Eu já era casada. Eu ia e vinha. Aí surgiu uma época que o Instituto de Educação estava oferecendo no período de férias. Eu passei ainda um ano. Eu já estava mais avançada com duas formações: uma pelo LOGUS e outra pelo Instituto de Educação.

Em sua narrativa a professora confirma que antes de concluir o Logus, matricula-se para fazer o curso pedagógico no Instituto de Educação Antonino Freire. Porém continua a fazer os módulos do LOGUS II.

Depois de algum tempo lecionando no Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, a professora Maria Caetano foi convidada para ministrar aula no Ginásio Filinto Rego. Pela sua narrativa, a história é esta: “Depois, fui trabalhar no ginásio, como professora de Matemática, sem curso de matemática. Deixei Português. Fui para o ginásio só com o curso pedagógico. Mas eu tinha uma turma no Maria Simplícia que eu dava aula de português”. Constata-se, através da narrativa da professora Maria Caetano, que o professor, nessa época, não tinha muita escolha sobre a disciplina a ser ministrada. Ser professor de Português e de Matemática em duas escolas diferentes parece não ter muita importância, pela naturalidade com que o fato é narrado. Entretanto, este, ao que tudo indica, representava uma das marcantes lacunas no exercício docente, fenômeno que com a desprofissionalização de categoria, posto que segue sem nenhum código ou um Estatuto que a regule, que colabore com o desenvolvimento da profissão e do profissional, de modo que não prevaleça só o saber (muitas vezes só o saber experiencial), estes são somente referência para que, com mais competência, o professor desenvolva sua prática pedagógica. (RAMALHO; NUÑEZ; GAUTHIER, 2003).

De acordo com suas memórias de professora aposentada, a citada professora não tinha certeza do ano em que prestou vestibular, descrevendo, assim, esse momento:

Quando foi nos anos 80, 79, 80, fiz vestibular para Letras. Só que não passei, mas não desisti. No meio do ano, houve novamente. Foi assim: eu fui me inscrever e tinha muita gente na fila de Letras, então eu pensei de ir pela concorrência e peguei matemática que tinha menos gente. E fiz o vestibular. Quando saiu o resultado, eu estava em nono lugar. Fiquei feliz e fui a frente. Cursei. Era um curso de férias que fazia parte de um programa do governo do estado para qualificar professores. Era licenciatura plena.

Esses cursos, em convênio entre Secretaria Estadual da Educação e UFPI, eram restritos aos professores da rede pública estadual que não eram portadores de qualificação específica para o 1º e 2º graus. Eram cursos de Licenciatura de curta duração para o 1º grau e Licenciatura Plena para o 2º grau. Os cursos eram oferecidos no período das férias dos professores. Segundo a professora Maria Caetano, “essa formação me ajudou no meu

desempenho na sala de aula”. Esse era o principal objetivo daquela qualificação profissional: melhorar o desempenho dos professores na sala de aula e, conseqüentemente, melhorar a qualidade do ensino. No entanto, para a professora Maria Caetano,

só a formação universitária não basta, tem que buscar outras fontes. Quando a gente está estudando, você vê que eles não fazem nenhuma relação com o meio que você vai viver, só com o conteúdo em si. Quando a gente vai partir para a prática, a gente mesmo que precisa se aperfeiçoar.

A crítica feita pela professora aos cursos de licenciatura, converge para o que discute a literatura neste âmbito, só os saberes acadêmicos não são suficientes para formar professores. Só a teoria também é insuficiente, razão por que Tardif (2002) faz referência aos saberes de base ao ofício de professor, para desenvolvimento da prática pedagógica.

Muitas vezes, o professor, mesmo com os cursos de licenciatura para qualificá-lo, via-se obrigado a ministrar aula em mais de uma disciplina. A professora Maria Caetano confirma essa situação: “Eu lecionei matemática, física, química e biologia. Você sabe que a gente sempre teve dificuldade de professor [...]”. Mesmo formada em matemática, ela não fugia aos desafios de novas disciplinas. Conforme as suas palavras: “Para ser professor, é preciso ter vontade de ensinar. Não é vocação. Você vê muito professor por aí que não é vocação. Temos muito professor aí que vai só pelo emprego. Mas o ser professor hoje é ter aquela vontade, aquela disposição de ensinar”. Ao que acrescento e, em contrapartida, constatar que o aluno aprende. Assim, para tornar o ensino eficiente, faz-se necessário, primeiramente, a formação específica, a formalização de um repertório de saberes que, conjuntamente, formará “[...] o reservatório no qual o professor se abastece para responder a exigências específicas de sua situação concreta de ensino”, como discutem Gauthier et al (1998, p. 28).

Para a professora Maria Caetano, o que importa mesmo na prática pedagógica é o professor ter uma metodologia bem definida. Na sua narrativa, ele salienta:

Quando se fala em metodologia, eu digo o seguinte: se você é um professor e tem vontade de ser professor, tem vontade de levar alguma coisa pro seu aluno, você vai trabalhar dentro de uma metodologia, você vai fazer uma metodologia para aqueles alunos se desenvolverem. Esses que não têm dinamismo em sala de aula são esses que têm vontade de uma aposentadoria, que passam o tempo todo de licença.

No seu discurso, ela reafirma a sua versatilidade no ofício de ensinar: “Hoje, eu não vou lhe dizer que eu tenha saudade, mas se eu fosse convidada para substituir um professor numa certa disciplina, dessas que domino, eu iria e eu ia procurar as técnicas mais fáceis que lhe conduziria”. Implica a compreensão de que somente os conhecimentos do currículo são insuficientes. São necessários, como já se enfatizou, a produção, a aquisição e a difusão de saberes, assim como as condições materiais e científicas indispensáveis à prática pedagógica, o que incluirá, entre outros aspectos, a invenção, a criação e a reflexão sobre a prática (SANTIAGO, 2006).

O que diz a professora Maria Caetano reflete a realidade da educação brasileira, principalmente nas cidades do interior dos estados, onde a carência de professores ainda é muito grande e onde um professor leciona duas ou três diferentes disciplinas. Esse problema vivido pela educação no Brasil tem um desdobramento diferente em cada realidade, o que leva a professora a refletir, utilizando-se de comparações:

Antigamente, o ensino era melhor, porque a base é o primário bem feito. E o que é o primário bem feito? É quando você aprende a ler bem e a escrever. E antigamente, como a gente utiliza essa palavra, eles tinham essa preocupação. Até os professores que não tinham formação pedagógica tinham essa preocupação de levar o aluno a ler bem e a escrever bem.

Para a professora Maria Caetano a aposentadoria não foi de todo o seu sonho. Ao contrário, segundo ela afirma: “Quando me aposentei, me dediquei mesmo, coloquei uma escolinha particular e eu continuei o trabalho”. Diferentemente do que acontece com outros professores, a professora Maria Caetano quer estudar: “a aposentadoria me afastou do trabalho, mas não me afastou dos livros e nem do modo de querer estar sempre informada”. O professor que não lê, que não tem tempo “entraram e até saíram (da profissão), porque a aposentadoria estava custando”.

No seu relato, nota-se, quase sempre, que a professora Maria Caetano tece duras críticas aos professores das escolas públicas. Ela é enfática, quando diz: “O professor não lê, não tem tempo. O professor é mais desleixado, porque ele mesmo não cria um tempo para se organizar como professor”.

Neste capítulo de leitura e de interpretação analítica das histórias de vida de reconhecidos professores do ensino fundamental de União – Piauí, estabeleci uma certa estrutura para composição de cada história que, a rigor, contempla aspectos relativos ao ingresso na escola e trajetórias de vida escolar no ginásio e em cursos de formação de professores. Inclui, ainda, menções, depoimentos e lembranças de vida professoral e da prática pedagógica na escola, seguida de considerações sobre os saberes experienciais e de alguma crítica sobre essa prática, sobre a escola e sobre o contexto político da época.

Desse modo, a discussão que ora encaminho, para fechar este capítulo, coloca em realce uma multiplicidade de modelos, denominações e concepções que podem definir os ilustrados professores que colaboraram com a realização deste estudo. Como se percebe, há sinalizações de vários paradigmas que se incluem e que se mesclam desde o professor culto ao professor prático, sinalizando sobre o professor teórico, o artesão, o professor reflexivo, enfim apontando para o professor ator-social e para o professor-pessoa (BATISTA NETO; SANTIAGO, 2006).

No discurso pedagógico e também na sua conseqüente prática docente, é visível a presença dos saberes dos professores, de seus saberes experienciais, que Tardif et al (1998) chama de a jurisprudência particular, nos quais, como reforçam esses autores, a experiência e o hábito têm um estreito relacionamento. Cada professor, conforme sua experiência acumulada, suas vivências docentes, constrói (e se apropria, sempre que necessário) seu repertório de saberes.

Regra geral, nos relatos narrados, sobre a prática pedagógica, detectei marcas da “experiência privada” de cada professor (Prof. Rocha, Prof^a. Maria Rego, Prof^a. Auri Nery, Prof^a Socorro Sales, Prof^a Maria Caetano e Prof^a. Conceição Sales), entretanto, é como acena a literatura neste âmbito, essas experiências, muitas vezes, permanecem nos confinamentos de cada sala de aula, nas lembranças da prática pedagógica de cada professor, o que pode vir

a limitar esses saberes, porque não são verificados à luz dos métodos científicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À proporção que o discurso foi se desenvolvendo, pelas narrativas registradas em cada história protagonizada pelos interlocutores, “[...] as recomendações vão emergindo e os acontecimentos vão-se reconstruindo na confrontação de um com o outro. A tomada de consciência opera-se através do assumir da palavra, do reflectir sobre o seu discurso” (FONTOURA, 1995, p. 193).

Assim, ao percorrer os caminhos da prática pedagógica do ensino fundamental de União - Piauí, ao longo do século XX, através das histórias narradas por professores aposentados, tive a certeza reafirmada de que, entre as valiosas conquistas do ser humano, a experiência se inclui. Experiência que, transformada em saber, conduz à reflexão sobre a realidade da educação na vida humana, nas esferas pessoal, escolar e profissional.

Logo, ousou afirmar, com base nos dados, que o olhar do professor, depois da aposentadoria, reveste-se de crítica consciente, de análise abalizada e de avaliação precisa dos processos desenvolvidos durante toda uma caminhada profissional. Na verdade, é enriquecedor ouvir as vozes de quem teve alegrias, tristezas, decepções, dúvidas, frustrações, compromisso, empenho e aprendizagens variadas, de quem traçou sua trajetória de vida unindo o pessoal e o profissional. Como em Nóvoa (2000), cuja crença é de que o pessoal e o profissional não podem existir separadamente na prática docente, uma vez que um interfere na formatação do outro.

Como o objetivo principal desse trabalho foi investigar como se desenvolveu a prática pedagógica no ensino fundamental de um grupo de professores, perspectivando chegar ao desvelamento da realidade dentro da

análise e da observação das histórias reveladas, cabe, aqui, afirmar que este estudo trouxe informações sobre o saber da experiência dos professores, viabilizando, assim, revisitar a vida nas lembranças do passado em confronto com a realidade do presente.

Emerge dessa releitura de vida que os professores do ensino fundamental, ao se aposentarem, sentem-se no anonimato, no esquecimento, diferentemente dos professores do ensino superior que, ao se aposentarem, voltam à ativa por causa da titulação que possuem e da experiência que acumulam (VEIGA, 2007). De acordo com esse grupo, com os professores do ensino fundamental a situação é muito diferente, haja vista que apenas uma professora aposentada continua na ativa.

Das histórias da vida escolar de cada professor, pude extrair os seguintes pontos mais considerados em suas narrativas, que permearam e que evidenciaram o desenvolvimento da prática pedagógica no ensino fundamental, em meados do século XX:

1. As marcas de uma escola primária caracterizada, às vezes por uma disciplina rigorosa, por castigos constrangedores para as crianças; pela unidocência do 1º ao 5º ano, por aulas meramente expositivas, pela autoridade do professor, pelos valores sociais dos professores, pela predominância do gênero feminino na docência (normalistas);
2. O período considerado entre a instalação da primeira escola pública - Grupo Escolar – (1927) e a criação de uma escola de ensino secundário (1958), na cidade de União, somou quase trinta anos. Assim, aqueles alunos que freqüentaram a escola primária nas décadas de 1920, 1930, 1940 e 1950 tiveram que esperar alguns anos para cursar o ensino secundário, salvo aqueles que possuíam suficientes recursos financeiros e podiam freqüentar escolas da capital – Teresina, ou de outros centros maiores;
3. A primeira escola secundária da cidade de União - Piauí, no início de sua instalação, apresentou carência de professores qualificados para o curso secundário. A superação dessa carência se deu através dos Cursos de Emergência realizados

pela CADES. Existia a prevalência de professores com, apenas, ensino secundário e que exerciam outras profissões fora da escola: médicos, bancários, comerciantes, padres, juízes;

4. Alguns professores, através do Logus I e II, concluíram, respectivamente, o 1º grau e o pedagógico (2º grau), como uma forma de superar a carência de professores sem qualificação específica para o magistério;
5. Surgimento dos cursos de Licenciatura de curta duração e plena, em períodos de férias, para a qualificação dos professores de 1º e 2º graus, em convênio entre a Secretaria Estadual de Educação e a UFPI.

Diante do aporte de narrativas docentes, de formação e de prática pedagógica, emerge a ratificação de que os problemas da educação pública brasileira podem até variar de cidade para cidade, mas, no geral, apresentam a mesma textura, os mesmos vieses, as mesmas vicissitudes, os mesmos dilemas, as mesmas controvérsias. Não é, pois, sem razão, ou em razão desse contexto, que a formação do professor e a sua qualificação profissional até hoje estão na pauta como um dos problemas a serem resolvidos. Convém ressaltar, a propósito, que, de acordo com as histórias de vida dos professores aposentados, analisadas nessa pesquisa, a formação não está necessariamente ligada a curso superior. A formação está muito mais ligada ao desempenho pessoal e à vontade de desempenhar bem uma função, mesmo assim, referem sobre a necessidade de aquisição de diploma superior, uma vez que, segundo cada um dos interlocutores a preocupação oficial era prover os professores de diplomas específicos para a função do magistério e, para tanto, foram oferecidos cursos denominados de: Cursos de Emergência, cursos parcelados, cursos para professores leigos, cursos de férias, cursos intensivos. Em outras palavras, a intenção era prover o professor, embora, nem sempre, isso acontecesse.

Outro aspecto, que se apresenta, aponta para a qualidade do ensino, feita por todos os interlocutores dessa pesquisa, deixando claro que, em meados do século XX, comparativamente com o século XXI, o ensino era mais exigente, principalmente na base: o curso primário. Prova deste aspecto

exigente é que o aluno que não sabia ler, escrever nem trabalhar com as quatro operações matemáticas não concluía o curso primário. O exame de admissão ao ginásio no que se cobrava o domínio da leitura, da escrita e as das quatro operações matemáticas, serve de exemplo para essa situação. Na comparação que os professores aposentados fazem com a educação na atualidade ficam evidentes essas questões que, à luz do pensamento desse grupo de professores, parece que, no passado, havia mais exigência no que se refere ao saber ler, escrever e contar. Não sendo possível afirmar que a mesma exigência se aplicava na contratação de professores, nas facilidades para prover a formação docente.

Com relação à prática pedagógica, entre outros aspectos, esta evolui da disciplina rigorosa das décadas de 1930, 1940, 1950, 1960 e 1970, de estudos reiterados, para quase uma liberalidade excessiva da década de 1980 e 1990, segundo as narrativas dos professores aposentados. Esta constatação decorre, também, por conta do campo político, em que o Brasil conviveu com regimes ditatoriais, nos quais exigia-se disciplina rigorosa em todas as áreas. Os reflexos de toda essa situação se fizeram notar em todas as áreas, principalmente na educação. Os debates sobre mudanças na legislação educacional foram muito importantes, mas, muitas vezes, serviram de pretexto para o retardamento da nova LDB, que seria promulgada somente em 1996, mais de dez anos após a instalação da Nova República. Interesses adversos e inconseqüentes, porque políticos e ideológicos, impediram que as transformações pudessem ter começado já na década de 1980. Nessa instabilidade da sociedade brasileira, houve situações de acomodação, principalmente dentro das escolas públicas.

Nesse sentido, o estudo revelou relações de poder, de mando, de controle, de comando; relações verticais, razão por que, na maioria das narrativas surgiram expressões como: “eu domino a turma”, “eu dou aula”, “eu tenho controle sobre meus alunos”, “na minha sala quem manda sou eu”. “Naquele tempo havia mais disciplina” e, com essas expressões, às vezes, buscam justificar que “antigamente o ensino era melhor”.

Fica patente, ainda, que, de acordo com as narrativas dos professores aposentados, a essência da prática pedagógica, no século XX, era, na verdade, o rigor da disciplina. Os professores falam em respeito, mas, na

verdade, respeito era consequência de disciplina rigorosa. Por outro lado, esse respeito está relacionado à condição social do professor ou da professora normalista. O professor era o Juiz de Direito da cidade, era o Padre, era o Gerente do Banco, era a mulher do Coronel, do Prefeito, do Deputado, entre outros. O respeito, também, advinha dessa realidade socioeducacional, que nem sempre se tratava de um respeito conquistado, mas um respeito imposto.

Assim, um ponto que se evidencia é que a prática pedagógica do professor tem influência marcante na qualidade do ensino, não resta dúvida, favorecendo o desempenho do professor em sala de aula. Implica dizer que a prática educativa, conforme revelada pelos professores aposentados, não era estática nem imutável. Ao contrário, ela foi se aperfeiçoando a partir do momento em que entraram em cena a experiência acumulada, a formação contínua, a interação entre professores, os cursos de aperfeiçoamento, as transformações sócio-políticas e o lado econômico. É nesse sentido que se inclui a discussão sobre o saber da experiência do professor aposentado. Só eles são suficientes para prover a prática pedagógica do professor? Tem algum valor? Ou não tem valor algum? Uma discussão aberta sobre essa questão pode mudar completamente a situação do professor aposentado do ensino fundamental.

É bem verdade que já se ensinavam ações voltadas para a formação do professor, a exemplo da CADES, dos Cursos de Emergência. Conforme pude observar, nas narrativas, a CADES promovia cursos de emergência para professores que tinham apenas o ensino secundário e que precisavam de um registro de professor. Nessa situação, coloco como exemplo quase todos os professores do Ginásio Filinto Rego possuíam apenas o ensino secundário. Muitos deles, antes de terminar a 4ª série ginásial já estavam ministrando aulas na 2ª série. Há o caso, por exemplo, da professora que, sem sair da cidade, ministrava aula de francês. Aprendeu nas aulas da Rádio Educativa.

Mediante o exposto, o estudo revela que a construção da prática pedagógica e dos saberes docentes vão se acumulando e se incorporando à vida do profissional ao longo da existência de cada professor. Os saberes, por exemplo, passam a constituir mecanismos capazes de promover transformações dentro das salas de aula e da própria escola. Por conseguinte, mediante os olhares analíticos sobre práticas pedagógicas construídas ao

longo do século XX, pelos professores interlocutores, duas constatações se sobressaem:

- 1) Os saberes docentes, às vezes surgidos de forma inconsciente no professor, são responsáveis pelo desenvolvimento das práticas educativas ao longo de sua carreira do profissional e que o saber da experiência é importante e fortalece o trabalho docente;
- 2) A qualidade do ensino está diretamente ligada à prática pedagógica do professor. Daí a necessidade contínua de formação profissional, uma vez que ser professor é ofício, é profissão que precisa, dia a dia, ser aperfeiçoada e considerada como uma conquista permanente ao longo da vida.

E, para encerramento das discussões relativas ao estudo empreendido, utilizando narrativas de professores, na dimensão bibliográfico-científica, a exemplo deste que ora chegamos às suas considerações conclusivas, registro que este permitiu traçar uma compreensão (mesmo que ainda parcial) sobre os modos como professores aposentados dão sentido a sua prática pedagógica no ensino fundamental e como referem sobre os saberes experienciais, que são produzidos nessa prática e que lhe dão sustentação.

Neste caso, coloco como relevância pontual do estudo, entre outros pontos, a que emerge das discussões, a percepção que a docência lhes atribui, bem como acerca dos saberes profissionais, do status conferido pela profissão (mesmo que não enobrecida pelo meio social mais amplo), ou seja, pela sociedade na qual exerceram o magistério, ou dizendo de outra forma, na sociedade onde deixaram inscritas suas histórias de vida profissional, que, na realidade, são, também, suas histórias de vida pessoal. São histórias que revelam na sua tessitura, sobre cada professor-interlocutor, na sua construção identitária, um cuidadoso senso ético, estético, assim também, compromisso social, educacional no desenvolvimento de uma educação e de um ensino que desejavam humanizante e transformador, o que se percebeu no esforço expresso pela história de cada professor aposentado, que imprimiram a esse caminho educacional ousadia, responsabilidade, sabedoria e confiança, que,

sem sombra de dúvidas, até hoje, marcam indelevelmente a educação unionense.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. **A aventura (auto)biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004.

ALARCÃO, I. Ser professor reflexivo. In: ALARCÃO, I. (Org.). **Formação reflexiva de professores**: estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora, 1996. p. 171–189.

ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: questão de teoria e de método. **Educação e Tecnologia**, Belo Horizonte, v.10, n. 1, p. 29–35, jan./jun., 2005.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BASTOS, M. H. C. Memoriais de professoras: reflexões sobre uma proposta. In: MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. (Org.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 167-183.

BATISTA NETO, J.; SANTIAGO, E. (Org.). **Formação de professores e prática pedagógica**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangara, 2006.

BELLO, I. M. **Formação, profissionalidade e prática docente**: relatos de vida de professores. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

BEN-PERETZ, M. Episódios do passado evocados por professores aposentados. In: NÓVOA, A. (Org.) **Vidas de professores**. 2 ed. Lisboa: Porto Editora, 2000.

BOLIVAR, A. (Org.). **Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BRASIL. Lei das diretrizes e bases da educação brasileira nacional. Nova LDB (Lei n. 9394/96). Rio de Janeiro: Qualitymark/DUNYA, 1998.

BRITO, A. E. Formar professores: discutindo o trabalho e os saberes docentes. In: MENDES SOBRINHO, J. A. de C.; CARVALHO, M. A. de (Org.). **Formação de professores e práticas docentes: olhares contemporâneos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BUBER, M. **Eu e Tu**. 8. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun., 2002.

_____ et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985 – 2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, maio/ago, 2006.

BURNIER, S. et al. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, maio/ago., 2007.

CARVALHO, A. M. P. de; GIL-PEREZ, D. **Formação de professores de Ciências**. São Paulo: Cortez, 1993.

CATANI, D. B.; VICENTINI, P. P. Minha vida daria um romance: lembranças e esquecimentos, trabalho e profissão nas autobiografias de professoras. In: MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. (Org.) **Práticas de memórias docentes**. São Paulo: Cortez, 2003.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

CONSTANTINO, N. S. de. Teoria da história e reabilitação da oralidade: convergência de um processo. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

ENRICONE, D. (Org.). **Ser professor**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; MATTHIAS, F. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde/Depto. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.

FONTOURA, M. M. Fico, ou vou-me embora? In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995. p. 171-197.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Cartas a Cristina**: reflexão sobre minha vida e minha práxis. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Os mestres de Rousseau**. São Paulo: Cortez, 2004.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, 2005. p. 327 –345.

GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da Pedagogia**. Ijuí: Unijuí, 1998.

GHEDIN, E. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GIESTA, N. C. **Cotidiano escolar e formação reflexiva do professor**: moda ou valorização do saber docente. Araraquara: JM Editora, 2001.

GIL-PEREZ, D.; CARVALHO, A. M. **Formação de professores de Ciências**: tendências e inovações. São Paulo: Cortez, 1993.

GOETZ, J. P.; LECOMPTE, M. D. **Etnografía y diseño cualitativo en investigación educativa**. Madrid: Morata, 1988.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000.

GUARNIERI, M. R. (Org.). **Aprendendo a ensinar**: o caminho nada suave da docência. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GUEDES-PINTO, A. L.; GOMES, G. G.; SILVA, L. C. B. da. **Memórias de leitura e formação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

IMBERT, F. **Para uma práxis pedagógica**. Brasília: Plano Editora, 2003.

LALANDA, M. da C.; ABRANCHES, M. M. O conceito de reflexão em J. Dewey. In: ALARCÃO, I. (Org.). **Formação reflexiva de professores**: estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora, 1996. p. 41–61.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr, 2002.

LOUREIRO, A. M. I. Posfácio. In: VEIGA, I. P. A. (Coord.) **Docentes universitários aposentados**: ativos ou inativos? Araraquara, SP: Junqueira & Marin editores, 2007.

_____. O desenvolvimento da carreira dos professores. In: ESTRELA, M. T. (Org.). **Viver e construir a profissão docente**. Porto: Porto Editora, 1997.

MAUÈS, J. **Memória, história de vida e subjetividade**: perspectivas metodológicas em pesquisas educacionais. Belém, ano 4, nº 1, p. 37-45, set, 2003.

MERCADO, R. Los saberes docentes en el trabajo cotidiano de los maestros. **Infância e Aprendizaje**, México, n. 55, p. 59-72, 1991.

MONTEIRO, A. M. F. da C. Professores entre saberes e prática. **Educação & Sociedade**, ano XXII, nº 74, p. 121-142, abril, 2001.

MONTEIRO, S. B. Epistemologia da prática: o professor reflexivo e a pesquisa colaborativa. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. Narrativas de vida: fundamentos de uma dimensão metodológica. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **A aventura (auto)biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004.

NÓVOA, A. Prefácio. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **Histórias de vida**: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 7-12.

_____. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000.

_____. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

_____; MATTHIAS, F. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde/Depto. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, ano XXII, n. 74, p. 28-42, abril, 2001.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Formação de professores: identidades e saberes da docência. In: _____. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

POIRIER, J. et al. **Histórias de vida: teoria e prática**. Trad. João Quintela. Oeiras-PI: Celta, 1999.

RAMALHO, B. L.; NUÑEZ, I. B.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

RIBEIRO, M. L. S. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. 17. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SANTIAGO, E. Formação, currículo e prática pedagógica em Paulo Freire. In: BATISTA NETO, J.; SANTIAGO, E. (Org.). **Formação de professores e prática pedagógica**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangara, 2006.

SCHEIBE, L. Formação dos profissionais da educação pós-LDB: vicissitudes e perspectivas. In: VEIGA, I. P. A.; AMARAL, A. L. (Org.). **Formação de professores: políticas e debates**. Campinas: Papirus, 2002.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

SOUZA, E. C. de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v.25, n. 11, p. 22 – 39, jan./abr., 2006.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VEIGA, I. P. (Coord.). **Docentes universitários aposentados: ativos ou inativos?** Araraquara, SP: Junqueira e Marin, 2007.

VELOZ, M. C. T.; SCHULZE, C. M. N.; CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento. **Psicologia: reflexão e crítica**, vol. 12, n. 2, Porto Alegre, 1999.

ZIBETTI, M. L. T.; SOUZA, M. P. R. Apropriação e mobilização de saberes na prática pedagógica: contribuição para a formação de professores. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 247-262, maio/ago. 2007.

ANEXOS

1. Trajetória escolar de Auri Sampaio Nery, professora aposentada, 73 anos, por ela mesma.

Eu morava no interior e meu pai me colocou para estudar aqui em União, no Fenelon, Unidade Escolar Fenelon. Naquele tempo a gente chamava Grupo Escolar. Foi em 1944 que eu vim para fazer a 1ª série, o 1º ano. E a professora, lembro-me muito bem, era d. Iraci Carneiro. Naquele início do Fenelon, só tinha professora formada. Era a d. Iraci Carneiro, a d. Anita Boavista, a d. Ordantina Rocha, a d. Bibi, que era a diretora na época. Então, depois, quando eu voltei, quando foi para a conclusão, voltei para o interior, porque achavam que tinha um professor lá do interior. Aí eu voltei para casa para essa escola do interior. Estudando lá, mas, sabe, estudo do interior só vai até aquele ponto: leu, escreveu, tirou conta. E minha mãe queria mais. Às vezes, é um milagre. Lá naqueles matos, todo mundo analfabeto, não sabiam de nada, mas eles já tinham uma visão, naquela época, que todo mundo tinha que estudar, aprender, para entender as coisas melhor.

Aí, quando foi em 48, eu voltei para o Fenelon novamente. Fiz a 4ª série, naquela época. Concluí a 4ª série. Não tinha ginásio. Mas, naquela época, minha mãe dizia que eu era inteligente e me levou para eu ser professora no interior, com a 4ª série. Lá eu ensinei o que eu aprendi para os meus irmãos e para os vizinhos, que moravam lá perto. Aí, eles lá ficaram sabendo o que eu aprendi, no ponto de fazerem a 4ª série. Era a Maria de Jesus, a Raimunda, a Teresinha e a Jovita. Eram quatro. Mas para vir para as casas alheias era muita gente. Aí criou um problema: como iriam assim quatro pessoas para a casa alheia. Botar de casa em casa era difícil. Mas aí, meu pai, com aquele entusiasmo, de que ele também teve um início de escola, que naquela época tinha o professor Benedito Moura e o professor Joaquim do Rego. Aí ele disse que ia comprar uma casa para botar os filhos na escola. Como é que essas meninas vão para escola? Ele disse: você vai com os meninos. Minha mãe: como é que eu vou lhe deixar aqui com os pequenos? Porque lá somos 17, um atrás do outro. Tirando os maiores, como é que ficava?

Hoje a pessoa com 15 anos não tem muita experiência. Naquela época... eu tomo conta da casa. Aí ele comprou a casa aqui, aquela que nós moramos, na Coronel Narciso. Vieram para ali a turma de menino.

Quando fiz a 1ª série foi com a professora Iraci Carneiro, mas quando voltei para fazer a 4ª série foi com a d. Anita Boavista que, naquela época, era uma das professoras do Fenelon. Na minha época, a diretora era a d. Bibi.

Fui para lá. Voltei para cá. Cheguei aqui, ainda não tinha ginásio. Elas fizeram a 4ª série. Aí a gente pensou em ir para a frente. Minha mãe gostava assim daquele princípio de igualdade: se você não foi, as outras vão? Não. Mas vai chegar a minha vez. Naquela época, tinha a seleção do exame de admissão. Aí foi a Maria de Jesus com a Raimunda fazer o seletivo da escola Antonino Freire, fazer o pedagógico a nível de ginásio. A Raimunda não passou. A Maria de Jesus passou. A Jesus ficou estudando na casa de d. Valdiza Torres e a Raimunda veio para cá. A Raimunda já tava com seus 17 ou 18 anos e foi trabalhar na Fundação de Saúde, no Posto de Saúde. E eu fiquei de dona da casa. Nessa época a d. Maria de Lourdes teve um problema na vista e quem estava com a escolinha particular dela era a d. Francisquinha Saraiva. Aí eu fui

ser auxiliar da escola da d. Francisquinha. Foi aí que começou, porque não tinha o que fazer. Eu fiquei estudando, sempre como auxiliar. Apareceram aqueles meninos do Patronato com dificuldade de aprender. Aí comecei a ensinar particular em casa.

Nesse andar de 48 a 57. Nesse período de nove anos fiquei sem estudar. Mas fiquei professora lá. Nesse período, desses nove anos, criaram aquela escola municipal Carlos Monteiro, que era ali onde é o IAPEP hoje. Aí me deram um cargo de professora. Já tinha entrado professora sem ser formada. Na época que eu comecei lá no Fenelon, pelo menos no Fenelon só entrava formada. Mas nessa escola do município podia entrar quem tinha prática. Eu já tinha muita prática, trabalhava com a d. Francisquinha e tal. Aí fiquei na escola Carlos Monteiro. Nesse período foi criado o ginásio. Formaram a turma. Foi feita aquela seleção do exame de admissão com professores de Teresina. O diretor, dr. Olavo, era médico. Seu Lucimar, que era de matemática, era do Banco do Brasil. Seu Vicente Fortes, que era de Geografia e História, era também do Banco do Brasil. Este estudou no seminário, foi quase padre, tinha uma formação muito boa. O Pe. Luís era professor de Latim. O seu Perico era professor de inglês. Era comerciante, gerente da Marc Jacob. A d. Haydée era professora de desenho, mas não era professora formada.

Seu Lucimar dava aula de matemática muito bem. Tinha didática. Ele sabia aproveitar o potencial dos alunos. Ele não era daqueles professores que chegavam para ensinar, dar tudo. Ele dava aquela explicação, achando que matemática... bancário geralmente estudava muito naquela época para passar. Aí, depois, pegava aqueles exercícios do livro e botava os alunos... ele chamava sempre os alunos que sabiam menos para poder ir ao quadro para se desinibir e aprender a desenvolver. De forma que, na época de seu Lucimar, que matemática era aquele bicho-papão, quase todo mundo gostava ou de matemática ou de seu Lucimar, porque eles iam sempre lá para casa, a turma de colegas cedo tava lá: a Teresinha da d. Bibi, a Lucirene, Pedro Craveiro, Pedro Coutinho... Como se Lucimar – eles sabiam que ele chamava todo mundo no quadro... No outro dia, cedo, eles estavam lá em casa para estudar, fazendo os exercícios, respondendo, porque se ele chamasse, eles sabiam alguma coisa.

Hoje eu tava dizendo: os alunos naquela época eram mais preocupados, mais atentos para pegar a coisa.

A primeira turma saiu em 61 e eu fiquei esperando que nessa época eu já era professora e trabalhava na Marc Jacob. Para eu entrar para a Marc Jacob, eu tive que deixar o município. Aí, quando a d. Helena, que era professora de francês, querendo ir para Teresina, porque o José Raimundo se candidatou a deputado e não deixar sem ninguém no lugar, ela propôs a ensinar. Todo mundo dizia que eu ensinava francês em União sem nunca ter saído de União. Mas como eu trabalhava na escola operária, cedo, no primeiro expediente, que era antes de eu assumir a Marc Jacob tinha horário o tempo todo, mas eu só tinha o horário cedo. Ela arranjou uma aula de rádio às seis horas da manhã. E eu seis horas da manhã tinha que está na casa da d. Helena para ouvir a aula de francês pelo rádio para depois ela me passar a explicação. Aí eu comecei a dar aula de francês no ginásio. Eu estudando no ginásio, já dava aula na

segunda série. A segunda série era mais fácil da gente começar do que a primeira. Mas eu gostava mesmo era de matemática. Mas aí pela necessidade, quando terminamos o ginásio, tinha aquele curso da Cades, que a gente passava aquele mês em Teresina, fazendo aquele treinamento, a gente não tinha opção para escolher. O dr. Antonio indicou a Maria José Igreja, da nossa turma, para matemática; eu para francês; a Maria Rego para estudos sociais. Era um curso promovido pela Seccional, era um curso de suplência, de emergência, para suprir as necessidades. Se fosse esperar construir um ginásio com professores formados, ia ser muito difícil. Quando foi da fundação, era inspetora da Seccional aquela irmã da d. Clívia, Borralho Boavista. E o dr. Paulo Nunes, que hoje é escritor, foi da fundação e eu lembro ainda do discurso dele; que era aquela dificuldade para levantar aqueles papéis; uns diziam que só faziam as coisas antes da hora. Ele dia que não, que se a gente for aprontar, deixar tudo arrumado, ia custar muito começar e que aqui a pessoa estava muito atrasado. O pessoal todo terminava. Quem podia ia para Belém, como a Carminha foi estudar o primário em Belém com a Vanda da Dedé. Outros foram estudar em Fortaleza. Só saía daqui quem tinha condição. Quem não tinha, tinha que esperar

Eu vejo hoje tanta gente grande, que se não tivesse o ginásio, não tinham saído daqui para lugar nenhum. Foi um avanço o ginásio aqui. Eu me lembro que eu me dava lá com o pessoal de seu Eudóximo. E eu ouvi a conversa deles de que não se achava mais uma empregada, porque todo mundo estava era no ginásio.

Eu tinha lecionado muito tempo na escola particular da d. Francisquinha, eu não tive assim muita dificuldade de manuseio de turma. Porque, eu me lembro que teve colega que era a maior dificuldade.

Quando, depois do dr. Olavo, foi o dr. Antônio o diretor, ele era muito exigente, às vezes era preciso ele ficar rondando na frente da sala de uma colega lá porque os alunos ficavam conversando, ficavam aquela coisa toda. Eu, graças a Deus sempre com meu manuseio de turma, procurei manter a disciplina. Eu procurava sempre, como é que se diz, manter eles de um jeito que dava certo. Eu me lembro que tinha um menino do seu Pierre – não sei o que é feito desse rapaz -, Paulo César, ele era uma coisa terrível. Todo mundo botava o Paulo César para fora da sala. Um dia, cheguei para dar aula. A gente fazia a chamada em francês: um, deux, trois, quatre... aí ele tinha pego a carteira e tinha virado de costas. Fiz a chamada e ele lá de costas. Terminei a chamada e disse: - Paulo César, se eu pudesse trocar o quadro para o seu lado, eu trocaria. Mas como não pode, vire a cadeira. Pois ele virou numa boa.

Antigamente a gente era mais comprometido com o aprendizado, porque eu lembro que, na época, do governo do... Helvídio Nunes, ele atrasou seis meses o funcionalismo. Não sei se era porque era na época da chamada ditadura. Ninguém fez greve. Ninguém deixou de dar aula. Todo mundo aperreado. Você sabe que professor sempre ganhou pouco e a gente dava aula normalmente. Todo mundo preocupado com suas tarefas. Todo mundo tinha tarefa para trazer para casa. Hoje a gente vê muito pouco isso. Eu digo é muito. Quando vejo hoje as greves, porque não tem aumento de ordenado, não-sei-o-quê... imagine no tempo que a gente nem recebia. A gente atravessou essa

dificuldade trabalhando. A escola nunca perdeu período, como depois, que a coisa melhorou. Teve época que a greve fez perder período.

No ginásio que não tinha curso superior, programaram um vestibular de licenciatura curta. Foi aberto para todo mundo. Isso foi na década de 70. Como era que a gente ia estudar? Quem ia ensinar? Novamente o Fenelon entrou em ação. Todo mundo aqui é professor – era só para professor – nós vamos pedir à diretora uma sala lá no Fenelon, sábado e domingo e nós vamos nos reunir lá para estudar. Nos reuníamos lá. Tinha aquela revista escola, que ainda hoje existe. Aí a gente se reuniu. Quem é que vai... não se preocupe. Você não é professor de matemática? Você dá aula de matemática. Você é professor de ciências?...aí terminamos cada um que era professor da matéria, ensina a matéria para as colegas. Olhe, tão querendo botar gente formada – nessa época tinha muita gente formada por aí -, eu vou dar a minha vaga, mas não é de bandeja, não. Eu vou fazer o vestibular. Nesse período, que foi um período meio curto, mas a gente estudou de verdade. Aí fomos fazer o vestibular para a Federal. Quando veio o resultado, eu passei e a Jesus, que era professora de português, não passou. Por quê? Nessa época eu já fui fazer para Técnicas Comerciais, contabilidade. Trabalhava na Marc Jacob e sabiam que eu tinha muita prática na contabilidade. Eu fui fazer o curso de Técnicas Comerciais. E Técnicas Comerciais, eram poucas vagas. Eram praticamente as vagas para os professores inscritos.

Eu trabalhava só à noite, porque durante o dia eu trabalhava na Marc Jacob, mas eu gosto sempre de dizer que Deus escreve certo por linhas tortas. No final da história, a Marc Jacob caiu. A Jesus passou num concurso e foi trabalhar no federal. Eu também passei num concurso mas não pude ir, porque eu tomava de conta da casa com os meninos e a administração dos irmãos que já tinham ido cedo para Teresina, que estavam fora. As coisas são assim. Terminei hoje, o meu vencimento melhor é o de professor. O que eu achava que era o bom, da Marc Jacob, ficou para segundo plano, porque hoje quem se aposenta com mais de um salário, a cada ano vai diminuindo. Me aposentei com cinco salários, hoje está em dois.

Dei aula de francês, de desenho, de história quando faltava professor. O dr. Antonio não deixava ficar o aluno sem aula. Ele botava a gente para estudar. Hoje eu sempre digo: quando o pessoal escolhe é porque não quer estudar, porque se a gente estudar, e a pessoa tiver manejo de classe, a pessoa tem condição de passar o recado para a frente. Mas hoje, não. É a minha cadeira ou não é a minha cadeira. Por isso é que eu acho que, de primeiro, o pessoal tinha mais empenho pelo estudo.

Quando chegou aquela lei que se aposentava aos vinte e cinco anos de serviço, eu já tinha vinte e nove. Aí eu entrei de férias para gozar as licenças e aí me aposentei. Praticamente do mesmo tempo do estado veio a da Marc Jacob, do INSS. Então, quando eu me aposentei, que já tinha levado aquela vida de dois trabalhos e tinha aquela atividade extra das propriedades de meus irmãos que moravam fora, eu disse: - Eu não vou querer mais, porque muita gente fez concurso, a Concebida ficou lecionando. Disse: - Não quero mais, não. Vou procurar outra atividade. Não quero ficar sem trabalhar. Aí programei para agricultura, morar perto das roças. Eu sempre gostei de campo, de

plantas. Mas como a gente já tinha essa chácara, o papai veio para União, mas a mamãe morreu logo que chegou. Disse: é melhor a gente ir para a chácara porque fica perto da cidade, gente de idade... aí eu fiquei aqui e não parei de trabalhar. Parei da educação, mas as outras atividades me encherem o tempo. Sempre com a casa, minha casa sempre é casa de estudantes. Comecei com os irmãos, depois foram os sobrinhos, depois os afilhados. Hoje eu andava – fui visitar a dona Valdiza – com o Edvaldo. Aí ela me perguntou: quem é esse rapaz? Eu disse: é o meu caçula. Eu chamo de meus caçulas o Edvaldo e a Patrícia, porque depois deles não vou mais querer criar gente, não. Hoje tenho cinco moradores, a família que mora ali. Mas não criei mais ninguém. Vi que a coisa mudou muito. Naquele tempo, que eu tava no ginásio, como professora e depois como diretora, o negócio já tava virando um pouco. Naquele tempo, já estava meio avançada, imagine hoje como é que não ta para o professor lidar com os alunos. As meninas já vinham pra aula, no turno da noite, com as camisetas dentro da mochila dos livros que quando saíam de lá, já estavam arrumadas para ir ao Balão; que o balão era novo, nessa época.

Mesmo assim teve aquele corte pela política. Podia até ter ficado mais que eu sempre gostei de lecionar, mas eu tava na direção e o partido que ganhou era contrário. E hoje fiquei decepcionada porque a gente não vai para um lugar no estado por competência. Vai porque o pessoal é daquele partido quando o Alberto Silva ganhou, me voltaram lá para a sala de aula e nem minha cadeira me deram ainda, que era a cadeira de Técnicas Comerciais. Não me botaram nem como auxiliar do professor de minha matéria. Me botaram como auxiliar de Técnicas Industriais que era o professor Zé Araújo que nem tinha formação pedagógica. Fiquei assim. Isso está errado. Me aposentei. O professor com a aposentadoria fica esquecido. A escola não lembra mais dele. Quando a gente tem um bom relacionamento ainda é lembrado. Mas tem uns que ficam totalmente no esquecimento. É uma desvalorização da experiência. Eu me dou com todo mundo, quase todas foram minhas alunas, lecionando francês, lecionava da primeira à quarta série. De tarde eu não podia sair do emprego, mas a gente conseguiu lá da Marc Jacob que me liberassem os horários da tarde para eu poder dar aula. De forma que essa turma mais velha, todos passaram por mim. E elas têm me aperreado um bocado. Estão sempre mandando uns meninos aqui para fazer pesquisa sobre a fundação do ginásio. Eu sou um caso à parte, dado o relacionamento com todo mundo. Mas muitos aí aposentaram e desapareceram do mapa.

Eu, Auri Sampaio Nery, atesto a autenticidade das transcrições acima, feitas a partir de entrevista, em áudio e vídeo, entre mim e o pesquisador Lourival da Silva Lopes ao qual autorizo a sua divulgação.

assinatura

2. Trajetória escolar de Maria de Jesus Rego, professora aposentada, 79 anos, por ela mesma

Eu iniciei meus estudos no Grupo Escolar Fenelon Castelo Branco, que hoje a gente chama de Unidade Escolar, naquela época não era, em 1937, aos sete anos de idade, todos tinham a mesma idade. Tinha uma única diretora: Bibi Castelo Branco Medeiros. Tinha só uma professora, uma moça de Teresina, que tinha vindo para cá. Era Aldenora Sampaio Siqueira. Só tinha uma zeladora: dona Madá. A gente respeitava a diretora, que era assim meio autoritária, a gente respeitava ela da mesma maneira que respeitava a zeladora. Hoje eu acho um pouquinho diferente. Saí em 1941 e a professora, que era de Teresina, a turma era pequena, ela ia de carteira em carteira. Ensinava assim direto com o aluno, observando o aluno, pegando na mão do aluno. Aquele aluno que escrevia com a mão esquerda, ela procurava tirar aquele defeito do aluno para ele escrever com a mão direita, embora ele não conseguisse, porque é muito difícil, o aluno escrevia com a mão direita só enquanto ela estava perto da carteira. Mas era um método muito bom e a gente aprendia. Ela marcou um tipo de sabatina, aos sábados, então ela distribuía um bônus pra gente, um bônus para cada aluno. Durante a semana, quando a gente acertava qualquer coisa ou a tabuada ou conhecimentos gerais ou qualquer disciplina, quem acertava ela dava um bônus. Quando a gente errava ela tomava um bônus. Quando era sábado, ela contava: quem tinha menos ia ser o rabicho, ia sentar lá atrás. Ninguém queria ser o rabicho. Não era assim propriamente um castigo, mas os meninos consideravam um castigo, porque ninguém queria ir lá para trás. E quem tinha mais bônus ia sentar bem na frente. Ela dava uma medalha grande, com uma fita muito grande e os meninos ficavam muito entusiasmados. Então não era palmatória, mas esse castigo ninguém queria.

Naquela época era uma única professora da 1ª à 5ª série. Agora muda, um ano é uma, no outro ano é outra, seis meses é outra. Naquela época não era. Era diferente. Só uma diretora, só uma zeladora, só uma professora. Ter uma só professora ajudava. Sabe por quê? Porque você pega um professor e com seis meses muda. Ela tem outra maneira de ensinar... eu não sei, eu gostei. As salas de aula não eram numerosas, eram pequenas, acho que por isso a professora ia de carteira em carteira, observava o aluno diretamente. Ela sabia qual era o mais inteligente, qual era o mais preguiçoso. E ela ia de carteira em carteira. Tomava a lição ali. Isso só no primeiro ano. Naquela época tinha dois primeiros anos: o primeiro ano atrasado e o primeiro ano adiantado. E não era só no primeiro ano, não. No segundo ano ela fazia aquilo ali, no terceiro ela fazia, no quarto. Eram cinco anos. Ao final dos cinco anos a gente sabia ler e escrever. Eu me lembro que eu tinha onze anos. Aí chegava um compadre da mamãe – eu sou filha única, não tenho irmã só tenho irmão – aí minha mãe

dizia: olhe, a minha filha já sabe ler. Vá, minha filha, buscar seu livro. Aí me botava para ler, embora não fosse assim tão bem, mas eu lia. E minha mãe ficava feliz, toda satisfeita. E a gente sentia que sabia. Depois do primário, só vim fazer o ginásio depois de dezoito anos. Quem era filho de pais pobres não tinha condições de estudar em Teresina. Começamos o ginásio ali onde hoje é a praça de eventos. Nós terminamos o primário em 1941 e terminamos o ginásio em 1961. Então, começamos o ginásio em março de 1958.

O primeiro diretor do ginásio foi o Padre Rego, filho de União. O seu Carlos Monteiro disse pra ele que se fundasse um ginásio, queria ele viesse ser o diretor. Eles eram vizinho, na época da infância e amigos. Aí ele disse que não vinha, porque era capelão do Hospital Getúlio Vargas e era diretor – ainda não era nem capelão – do Colégio Diocesano. Ele também deu assistência lá à juventude teresinense. Mas aí seu Carlos disse que nem que fosse só nos dias das provas. Ele fazia questão que ele fosse o diretor do ginásio. Aí ele veio ser o diretor. Então ele vinha assim no final de semana, ele vinha em dia de prova. Quer dizer não era diretamente aqui, não. Mas ele sempre dizendo que quando encontrassem outra pessoa, bote para ser o diretor do ginásio. Mas seu Carlos dizia: não, é você. Depois chegou um médico aqui, dr. Olavo Mendes de Carvalho. Aí o padre Rego insistiu para que seu Carlos convidasse ele. Ele convidou e ele aceitou ser o diretor do Ginásio, o segundo diretor. O terceiro foi o dr. Antônio.

Naquela época do ginásio, os professores não eram professores de formação. Por exemplo o Padre Luís de Castro Brasileiro foi um professor, ave Maria, eu nem sei o que eu posso dizer com ele, foi excelente. Era professor de Latim que naquela época existia. O seu Perico foi professor de Inglês. Tinha um bancário aqui que era professor de geografia e história. Tinha a d. Helena que foi de francês. O Lucimar foi de Matemática. O juiz que existia aqui, a gente gostava muito dele, era de Português. O nome dele era José Luís.

Quando nós terminamos o ginásio, primeiro foi uma filha do Osias Nery, que eu agradeço muito, a Laura Nery, que nos incentivou a fazer o ginásio. Ela nem terminou, mas nós ficamos; quando terminamos, a Iridam, que era filha também do Osias Nery, queria estudar em Teresina e ficou insistindo pra gente ir estudar em Teresina na Escola Normal Antonino Freire. Não era pago, era colégio público. O Ginásio Filinto Rego não era público. Quando eu estudei, era particular. A gente pagava. É tanto que eu nem ia estudar, porque, quando fundaram, que a menina veio aqui, que era particular, meu pai me disse logo que não podia pagar. Eu fiquei contrariada. Mas, naquela época, quando os filhos recebiam, por exemplo, se o pai dissesse que não podia comprar essa boneca, o filho ficava satisfeito. Hoje, não, o filho sapateia, insiste e termina ganhando a boneca, nem que sacrifique o pai. Aí ele me disse e eu fiquei muito triste. Mas eu tinha um irmão, que morava em coelho neto, era gerente da Marc Jacob, é pai daquela menina que eu lhe mostrei um artigo dela. Aí ele veio

passar o natal aqui em casa. Como ele soube que eu fiquei contrariada, ele, véspera do natal, ele botou debaixo de minha rede, quinhentos reais, eu não sei nem o que era naquela época, só sei que não era cruzeiro. Aliás era o cruzeiro novo. Aí ele escreveu assim: duzentos era para o papai e os trezentos era para eu pagar a inscrição e a primeira mensalidade. Com a entrada, o papai deu um jeitinho. O mais difícil era a entrada. Então foi muito difícil eu ter entrado no ginásio Filinto Rego. Agradeço a Deus e a meus pais. Aí fomos para Teresina. Ninguém queria ir para Teresina. Fomos fazer o vestibular para a Escola Normal. Lá os alunos não eram só de União, eram de todas as cidades do Piauí: Piracuruca, Piri-piri, Barras, Batalha, José de Freitas, União, Miguel Alves, quer dizer, era um número grande. Para você conseguir entrar lá, parece que só havia vagas para uma turma ou duas. No início, naquela época. Hoje, não, são muitas turmas, naquela época não era. A Iridam ficou insistindo, nós fomos. Não passou ninguém, mas não foi só de União. Passou mais foi de Parnaíba e de Teresina, porque só eram duas turmas. Aí nós voltamos. E eu tinha um parente em Teresina, parente do papai, ele veio me dizer que a gente não vivia só de magistério, mas eu vou falar com sinceridade, eu tinha a maior loucura para fazer o magistério. Eu pra mim que se eu não fizesse o magistério eu não iria para o céu. Eu não sei por quê. Eu queria ser de criança. Só que quem trouxe a minha transferência para cá foi o dr. Antonio Martins da Rocha, eu devo muitos favores a ele. Só devo a Deus e dentro de União a ele. Na minha presença ninguém diz que ele fede, que é separa da família, que eu me retiro, porque eu devo muitos favores ao dr. Antonio, a Deus e a ele. Mas essa pessoa, esse parente, veio me convidar para fazer contabilidade e como me ofereceu casa e tudo, porque é difícil a gente arranjar uma casa em Teresina, eu fui. Fui fazer contabilidade na Escola Técnica do Comércio do Piauí. Era o professor Moacir Madeira Campos. Lá fui estudar, comecei, mas o pensamento era no magistério. Eu encontro com uns senhores Fortes & Irmãos, eles moravam aqui vizinhos de meus pais e eram muito amigos. A amizade de agora não é como antigamente. Mas eles já moravam bem ali naquela casa que hoje é do Antonio Luís. Aí eu me encontrei com eles na rua: ei, o que é que você está fazendo aqui. Aí eu disse que estava estudando. Eu posso arranjar um emprego para você. Ora, todo mundo pede emprego e eu, sempre fui tímida, disse: quero. Mas foi um quero assim sem querer. Aí ele disse: olhe, Maria Rego, não é no meu escritório, mas eu tenho muito amigo aqui, eu posso arranjar, porque esse Luís Forte, a mulher dele é irmã do dr. Dirceu Arcoverde, que foi governador do estado. Então ele me disse isso, mas disse que não era na casa dele e tal. Eles eram amigos de meus pais. Resultado é que eu fui para a casa dessa minha parenta, que era Raimundo Coutinho, que era agrimensor, tem até uma filha que trabalhou aqui no Banco do Brasil, então eu fui pra lá. Comecei. Quando comecei, no dia seguinte, eu sei que era férias, eu tinha que vir embora. Não. Antes disso, eu terminei lá e fui para a Escola Normal Antonino Freire e me botaram a noite. Tinha assim aquele tipo vestibular. Era muito pesado, eu achava. Mas à noite, eu sei que nós

passamos. E aí nós fomos pra lá. Quando eu entrei de férias foi que eu encontrei com ele na rua, com esse Luís Fortes. Aí era dia de eu vir embora, quando entrava as férias, de tarde, a gente já vinha embora. No dia seguinte, ele chegou lá, dizendo: cadê a Maria Rego? Aí disseram assim: não está, ta de férias. Pois tem um emprego pra ela e é lá no nosso escritório. Aí a Luzia disse: eu mando dizer pra ela. E mandou me dizer. Ela veio e eu disse: minha irmã, eu não vou, não. Agora eu to no magistério, é o meu sonho. Aí ela disse: vamos, minha filha, você é filha de pais pobres. E tinha um vizinho aqui, muito amigo de meu pai, que era Matias Machado, funcionário do Banco do Brasil aqui de União, casado com Arabela. Aí ele veio aqui e me convenceu: Vá, Maria, aceite. A mamãe do lado dizendo que eu era filha de pais pobres e ele dizendo que emprego era difícil e uma pessoa te manda buscar de Teresina, eu devia aceitar. Aí eu fui. Fui aos correios telefonar dizendo que aceitava, mas numa tristeza enorme. Aí eu fui, quando eu cheguei lá, entrei. Elesme chamaram e disseram: olhe, o seu emprego é bem aqui no caixa. Eu nem conhecia direito dinheiro. A firma lá recebia muito dinheiro, mas também pagava muitas coisas. Saia dinheiro e entrava dinheiro, mas era muito bem. Aí eu fui, chegando lá, foram uns verdadeiros pais pra mim. Fui trabalhar no caixa, só que um dia – precisa muita atenção – chegou uma comitiva de Amarante pedindo dinheiro para uma festa lá, festa religiosa, aí eles chegaram ali e me pediram dez reais. Só que tudo que saía tinha que ficar registrado, mas muita gente ali no movimento, não registrei. Quando foi de tarde, o dinheiro faltava dez reais. Eu disse: meu Deus, o que foi isso, eu não tirei esse dinheiro. Aí ele, quem somava era o Zé Luís, muito caladão, recebeu o caixa e disse: falta dez reais. Somou a segunda vez: falta dez reais. Somou a terceira vez: falta dez reais. Aí quando ele se zangava, ele empurrava a máquina assim, uma facit, nesse tempo não tinha computador. Fui para o Colégio, só que lá, eu mandei fazer muita blusa, lá eu ia só mudando de blusa. Quando era cinco hora da tarde, eu saía, ia para a Escola Normal, a Fortes & Irmãos era bem pertinho do Armazém Paraíba. Eu ia direto para a Igreja, a igreja de Nossa Senhora do Amparo, assistia à missa até a hora da elevação e de lá é que eu ia pra aula. Quando eu chegava lá eu pedia ao vigia: moço, deixe eu telefonar. Ele dizia: não pode não, o diretor está para chegar. Eu digo: olhe, é uma coisa de necessidade, é uma coisa de doença. Era não, era mentira. Pois vá, eu fico aqui olhando, se o diretor chegar, você vem. Aí eu me lembrei dos dez reais que eu tinha dado. Telefonei pro Zé Luís, ele era zangado como o quê. Seu Zé Luís, me lembrei agorinha dos dez reais, foi aqueles dez reais que o senhor pediu para aquela comitiva, parece que era de Oeiras. Aí ele disse: eu me lembrei, eu não disse que é para você ter mais cuidado. Aí eu baixei o telefone. E esse Zé Luís era zangado como o quê. Aí eu fiquei, toda vez que faltava uma coisa assim, eu pensava. Passei uns oito anos lá. Mas eu dizia assim: me bote em qualquer outro lugar, até para limpar o chão, mas não quero mais o caixa, não. Eu vou falar com meus outros irmãos. Passou um ano, eu fui falar com o outro: olhe, me tire ali do caixa. Você pode me botar em qualquer lugar, só não

quero ficar no caixa. Aí ele disse: vou falar com meus outros irmãos. Eu sei que, quando foi no terceiro, você sabe por que eu lhei quero ali, porque seus pais são honestos. Olhe, às vezes os pais da gente são honestos e a gente é uma ladra. Mas você vai ficar ali até morrer. Fiquei doida de raiva com ele. Ave, Maria, foram bons demais pra mim. Vou dizer a bondade deles pra mim. Entrei ganhando o salário mínimo que era nove reais, com três meses, o salário mínimo passou para doze. E eu dizia: meus Deus, tomara que o meu passe para doze. Quando era na hora, ele chamava de um por um os funcionários e dizia: olhe, agora o seu ordenado é tanto. Quando ele me chamou, que eu fui. Ele disse: olhe – o ordenado era nove e eu queria que passasse para doze -, o seu ordenado agora é trinta reais e a gratificação sessenta. Aí subiu assim, nesse tempo eu não tinha esse negócio de pressão, mas eu tive a impressão que ela subiu um pouquinho. Eu falei: meu Deus, será que eu ouvi direito, será. Quando eu saí dali, corri até a agência Zuca Lopes, que era ali na Benjamim Constant, por ali, na rua mesmo de seu Zuca Lopes, fiz um bilhete para mamãe, dizendo que eu ia mandar mais dinheiro pra ela, porque eu tirava só o essencial, o resto eu mandava pros meus pais. Meu pai nunca foi empregado, minha mãe nunca foi empregada. Nunca conseguiu aposentadoria. Nunca. Morreu com oitenta e três anos e nunca conseguiu uma aposentadoria. Pois bem, terminei o magistério trabalhando lá para estudar, porque lá eram três sócios e eles ficavam ali tudo olhando. Eram três mulheres e vários homens. Então a gente não podia, se uma fosse estudar, a outra também queria estudar. Então você ficava sem estudar. Quando era dia de prova, nós tínhamos umas meninas que eram de Oeiras e a gente ia para casa delas. Passava a noite todinha estudando para aquela prova. Meu Deus, foi difícil. Hoje, as crianças têm tanta facilidade e eles não valorizam, não dão valor nenhum.

Minha mãe adoeceu, deu febre e mandou uma carta pra eles – eu estava com oito anos que trabalhava pra eles – mandou uma carta pra eles, agradecendo a eles por eles terem me convidado para trabalhar lá e pedia que eles me dispensassem do serviço, porque ela precisava de um bastão e não tinha outra filha. Aí eles acharam que fui eu que mandei dizer. Quando foi na hora, me chamaram e me mostraram a carta da mamãe. Olhe, a Benedita mandou – eles eram muito amigos de meus pais – mandou uma carta pedindo que lhei dispensasse do serviço, mas você só sai se deixar uma no lugar. Meu Deus, foi a maior luta pra eu deixar outra no lugar, porque todo mundo quer trabalhar para o estado, porque a pessoa não trabalha, sai na hora que quer. Lá, não. Você entrava na hora, tinha um relógiozinho para você marcar o ponto. Você entrava na hora e saía na hora. Tinha que ter responsabilidade mesmo. Aí eu encontrei uma menina, que estudava no Colégio das irmãs, não tinha pai nem mãe. Teresinha era o nome dela. Não me lembro o sobrenome. Aí eu fui lá na casa dela, perguntei se ela ficava. Aí ela disse: eu fico, Maria Rego. Pois tu vai que eu te oriento tudinho como é. A gente fazia o caixa, mas ajudava em outras

coisas. Por exemplo, lá tinha uns cartões de bater ponto, quem batia era a gente. Aí eu te oriento como é mais ou menos tudo. Ela foi. Com isso – eu ter deixado outra em meu lugar -, eles me dispensaram do serviço. Aí eu vim m'embora para a casa da minha mãe. Antes de vim, o Dr. Antonio me convidou se eu queria trabalhar no ginásio. Mas eu sabendo como era a política em União, que a partir de 2009, eu to achando a política muito diferente, a partir desse ano. Mas para trás era a mesma coisa. Sabe porque eu digo que a política é diferente a partir de 2009? Porque outro dia um deputado telefonou para o Zezinho Abílio dizendo que vinha tomar café com ele aqui. Zezinho disse na câmara que ele vinha tomar café e na rádio ele disse que o político vinha tomar café. E eu ouvi quando uma pessoa perguntou se as portas estavam abertas para os amigos. Ele disse: as portas estão abertas para os amigos. Tinha quarenta pessoas. Todos os vereadores de União, de todos os partidos, os eleitos e os não eleitos. Aí eu contemplei daqui: a política de União está muito diferente. Vários deputados de todos os partidos. Quer dizer, eu achei muito diferente, a partir desse ano. Porque antes era sempre igual.

Aí o Dr. Antonio me convidou pra eu vir e foi ele que fez a minha transferência. Antes disso quando nós terminamos o magistério, a gente foi receber o diploma. Recebemos, foi aquela festa. Afrânio Nunes é que era o diretor, mas teve que se afastar porque era político e ficou uma pessoa lá, era até mulher. Aí quando foi na hora, ela disse assim: menina, vamos arranjar para nós trabalharmos à noite. Aí nisso tinha uma menina que era parenta de político, arranjou pra Picos ou Oeiras, não tenho bem certeza. Aí o deputado nomeou ela para ir pra lá. Quando souberam que ele nomeou, vamos pedir também. Aí nós fomos. Chegamos lá. Foram as alunas todas. Aquelas que eram do interior tinham mais necessidade. Chegamos lá para pedir. Aí eles disseram que não podia. Mas como você nomeou fulano? Houve uma confusozinha com o deputado lá. Assim: os de Picos, os de Oeiras, cada um queria, os de Parnaíba, cada um queria. Aí ele se zangou. Pois então você tem que tirar a outra de lá. Ele não tirou, o governador não tirou. Quem era o governador parece que era o Helvídio Nunes. Aí ele não tirou a moça de lá, porque ficava chato ele nomear e depois tirar. Ele nomeou todas as concursadas daquele tempo. Aí Maria Rego foi nomeada. A mamãe, que pegou a nomeação pelo rádio, era no rádio, porque naquele tempo não havia televisão. Aí minha mãe mandou pedir que viesse para cá. Aí o Dr. Antonio, que já tinha me convidado e ela sabendo do convite do Dr. Antonio. Aí eu mandei dizer para o Dr. Antonio que eu vinha.

No Fenelon, naquela época a gente chamava era Superintendência, que era a Elisabete Xerez. Eu não sei por que, não sei se teve alguma briga de professor, eu não sei direitinho não. Eu sei que ela fazia um rodízio. Você trabalhava no Murilo Braga, ela lhe botava pro Maria Castelo. Andamos em todos os colégios. Foi assim que eu passei uma temporada no Fenelon. De lá o Dr. Antonio me

convidou para o ginásio, em 1969. fui primeiro professora de desenho, mas depois fui só de estudos sociais.

Aí houve um curso em Teresina, a Cades, que é assim como se fosse de curta duração, não é a plena não, curta duração. Então a cades lá, que nós fizemos era estudos sociais. Mas na hora de examinar era a Universidade Federal do Ceará. Então, tinha o padre José Gonzalez, Xavier, a Maria Alice, Eu, tinha outros mais que eu não me recordo. Foi em 1971. A Cades.

Eu trabalhei muito tempo no ginásio. De lá eu fui para aquele colégio Luís Carlos Boavista, onde funciona o Supletivo. Só que naquela época era ali na casa do João Araújo. Aí nós ficamos lá muito tempo e depois foi que construíram aquele prédio aí nós nos mudamos para lá.

O professor que mais me marcou foi o Dr. Antonio, que ele era professor quando faltava professor. Ele era professor de todas as matérias. Meu Deus, dando aula de geografia, com aquele mapa, ou você aprendia ou, então, desaprendia. Ele é o professor que mais me marcou e é um grande amigo.

Na época que fui professora no ginásio, o método que a gente ensinava lá naquela época era moderno. Os alunos tinham bons rendimentos, bons resultados e aprendiam. Era muito bom. O professor era lá no quadro, escrevendo e o aluno anotando. Depois é que apareceu aquele mimeógrafo. A gente fazia os testes distribuía para eles. Mas no início não era assim. Tudo era escrito no papel. A gente escrevia no quadro.

Agora eu vou dizer por que o Dr. Antonio me marcou. Tinha a filha do Joça Mota, a Dora e tinha a filha do Joça Rego, Maria Rego. Da maneira como ele tratava a filha do Joça Mota, que tinha posição social, posição política, posição econômica, tinha tudo. E eu não tinha. Pois da maneira como ele tratava a filha do Joça Mota ele tratava a filha do Joca Rego. Isso aí foi que me marcou. Em tudo ele marcou, mas isso aí eu não esqueço nunca.

Havia um garoto filho de um rapaz que trabalhava na Marc Jacob, eu não sei o que ele ia fazer lá. E aí ele tava no último ano e queria o diploma para ir para lá, mas sinceramente. Ele era assim desses meninos gaiatos, mas que não fazia tanta raiva a gente, não sabe. Quando era na hora da chamada ele dizia professora sou eu, estou aqui, só para pegar o canudo. Agora tinha uma coisa: o Dr. Antonio não parava um minuto. Era circulando. Então, na hora que o menino estivesse fazendo qualquer coisa, nem precisava o professor suspender o menino, deixa está que ele mandava o menino para casa. Eu achava a presença do Dr. Antonio certa em toda a sala. Mas naquela época, vou lhe dizer uma coisa, os professores eram amigos dos alunos e os alunos respeitavam os professores. Tá certo que no meio de trinta alunos tem que ter, nem todos são iguais, tem que haver uma diferença.

Hoje, de uns dez anos para cá, eu não sei se a educação melhorou ou piorou. Os métodos são bons, tem o computador já nos colégios. Tem muita facilidade. Eu não sei por que, mas eu achava que antigamente o ensino era melhor. Não sei se era porque a turma era pequena. Hoje a turma é de quarenta alunos, quarenta e tantos. Uns ficam conversando, outros ficam... naquela época não, eram pequenas as turmas, porque o número de habitante não era muito grande.

Eu fiquei esses anos todos parada, não é que eu quisesse. Pois, olhe, eu não sei o porquê, eu fui muito perseguida no ginásio. Fiquei esses anos tudinho, porque tinha um homem chamado Antonio Martins da Rocha. Eu não tenho nenhuma pessoa política na minha família. Meu pai não era político, nunca foram candidato a nada. Mas, não sei por que, meu pai se dava com Eudóximo Melo e achavam que meu pai era do MDB. Ainda hoje acho que acham. Apareceu o PT, mas continua ainda o PMDB. Então tinha uma pessoa lá, acho que era zeladora, aí achavam que eu era do MDB. Aí uma perseguiam, outras assim, tal e tal. Aí eu fui para a superintendência para completar. A Carminha veio aqui, querendo ir para Teresina para arranjar um emprego, porque já estava aposentada, veio me convidar para ficar na Superintendência. Quero não. Não quero, porque lá é lugar para político, você que é sobrinha do Carlos Monteiro, toda família é política, então lá dá certo para você. Oh, Maria Rego, são só dois meses, são só dois meses, dois meses passam rápido. Sentou naquela cadeira e saiu de tarde. Que a Carminha é assim, quando ela quer uma coisa... aí eu já queria que ela fosse embora. Então eu achei que dois meses se passam rápido. Eu já queria que ela fosse embora. Pois tá, Carminha, eu fico. Fiquei. Quando eu fui resolver um negócio na Secretaria de Educação. No que eu entro numa sala para falar com uma senhora, eu vi a Carminha sentada lá. Eu fiquei chateada mesmo. Se você me perguntar como foi que eu passei três anos na Superintendência do Complexo Escolar de União, eu não sei lhe dizer. Eu só sei é que o dinheiro, naquela época era pago em espécie, e era pago mesmo na Superintendência. Hoje é ótimo, embora na primeira vez que foi pago no Banco do Brasil teve uma briga entre duas professoras. Uma jogou o tamanco na outra que ficou pendurado lá em cima. Aí o gerente veio e disse que não ia aceitar mais pagar no Banco do Brasil. Eu me lembro disso aí. E lá quando – a Nelsina é minha parenta, a família Rego, Oliveira e Nery é uma só – quando ela ia receber o dinheiro, ela olhava assim e dizia: meu Deus, esse dinheiro dá para eu comprar uma bala para meter na testa do Alberto Silva. Eu não tinha nada a ver com a história. Nada, nada, nada.

Aí quando eu senti que não tava mais agüentando, aquela minha sobrinha, que morava lá do Rio, que não ganha bem, mas ganha mais que a Maria Rego, mandou as passagens pra mim. Eu tinha direito à licença. Mandei chamar a Maria Caetano e perguntei: Maria Caetano, tu quer ficar dois meses aqui no

meu lugar enquanto eu vou tratar de dentes. Menti também pra ela. Deus, na Bíblia, não quer que se minta. Ela disse: fico. Agora tem uma coisa: eu não tenho inteligência, eu sou ignorante, reconheço isso aí, mas eu nunca mandei um ofício para Teresina de devolvessem. Só que eu fazia assim umas quatro vezes. Graças a Deus, o Chico Oliveira comprou um bocado de máquina lá da Prefeitura e eu cheguei na casa dele, tinha umas quatro máquinas e eu disse: meu irmão, tu tá é vendendo. Ele disse: é, você quer comprar uma. Eu disse: quero. Aí ele mandou, depois é que eu paguei. Aí de noite eu fazia, tava de cabeça para baixo, eu rasgava. Fazia outro ofício, tava de cabeça para cima, rasgava. Até que, no décimo, eu dizia: esse aqui eu mando. Nunca mandei um ofício para Teresina – nessa época o secretário de educação era... João Henrique Almeida Sousa – que devolvessem, nunca. Vinha sem a resposta do jeito que eu queria. Aí eu fui para o Rio, tirei a licença-prêmio. Eu fui para passar uma semana, eu não vou mentir. Arranjei uma mulher do interior – as minhas meninas não são doidas – mas precisa de uma pessoa já de idade para ficar com elas. Aí eu fui. Quando eu cheguei lá, minha sobrinha me levou em São Paulo, no estado do Espírito Santo... foram dois meses, mas eu não fiz outra coisa, me senti gente lá. Andei todo o Rio de Janeiro, naqueles lugares turísticos, no Cristo Redentor, no Pão de Açúcar, em tudo. Aí, quando eu voltei, parece que eu tinha que fazer uma cirurgia... aí, quando eu cheguei, quiseram me botar para trabalhar no Felton Castelo Branco, quem era a diretora do Colégio era a Socorro Castro. A Socorro Castro, muito zangada, eu sou vizinha dela e conheço ela de perto. E aí eu tinha passado na Superintendência, disseram que iam me perseguir. Engraçado, uma pessoa de lá, amiga delas, ela é minha amiga, porque aqui em União todo mundo é amigo. Ela veio me dizer: olhe, Maria Rego, tu vai comer fogo. Os alunos tão tudo te esperando e a diretora também tá. Eu nunca disse para uma pessoa: eu não faço isso. Aí me botaram sabe aonde, a filha do Luquinha – eu estudei o primário com a mulher do Luquinha -, aí a filha do Luquinha disse: Não, mas a Socorro disse que você pode ir. Tá certo ela disse que eu posso ir, mas me bote em outro colégio. Aí ela me botou num bem longe, lá no Benedito Moura, tendo aqui o Murilo Braga. Aí eu aceitei. Hoje sou tão feliz. Não estou lecionando, mas arranjei uma turma de meninos para preparar para a primeira eucaristia. Apesar de meus 78 anos, dou aula aqui todos os domingos, preparando menino para a primeira eucaristia e sou missionária da Mãe Rainha. Eu tô feliz. Eu vou falar com toda a sinceridade: o meu maior sonho era ser professora, mas no final... não, eu tô feliz. Foi ótimo. Essas coisinhas assim é porque, na caminhada da vida, aparecem obstáculos, espinhos, pedras. Mas hoje eu me dou com todo mundo. Hoje, eu gosto de todo mundo.

Quando me aposentei, eu pensei que ia sentir mais saudade. Mas eu tenho, eu gosto muito do ginásio. Tenho muita saudade do ginásio. Outro dia fiquei chateada, porque me disseram que querem tirar a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. E eu quero ir lá nesse dia só para não tirarem.

No dia do meu aniversário, o primeiro telefonema que eu recebo é do Dr. Antonio Martins da Rocha. Então aquilo ali eu fiz esquecer todas aquelas pedras, aqueles espinhos, aqueles obstáculos, porque se Jesus sofreu, porque é que a Maria Rego não podia sofrer.

Se eu fosse nova, talvez eu fosse lembrada pela escola, mas como eu sou idosa – no próximo ano vou fazer oitenta anos... eu fiz um curso em Teresina, eu não queria, eu, a Nelsina e a Auri, PTIA (Programa da Terceira Idade em Ação), na Universidade Federal do Piauí, são dois anos. E elas vieram, insistiram. Eu dizia: não vou, não. Era uma dificuldade. Mas a Auri, não é nem parenta da Carminha, mas é assim. Tinha dia que eu dizia; hoje, eu não vou não. O quê, vou fazer a minha caminhada até aí, pode tomar banho e tomar café. Aí a gente ia. Lá, apesar que eu era a mais tímida, lá nós terminamos o curso, com direito a tudo: aula da saudade, festa dançante. Foi linda, linda a nossa festa. Eu não queria ir, mas no final eu gostei. Aí na hora, uma senhora lá, Teresinha, também já de idade, ela disse assim, na véspera da missa: Maria Rego, oh, Maria Rego, lê uma mensagenzinha. Eu, não, que eu sou tímida e pra ler em Teresina, se em União eu sou tímida, avalie aqui. Mas ela insistiu tanto, mandou o papel para eu ler. Aí, era no dia seguinte a missa. E, na missa, eu fiz assim, como se chama, vamos chamar de cabeçalho, fizemos assim uma coisinha antes da missa. Aí fomos para a missa. Chegamos na missa, eu pensei que eram só os concludentes. Chegamos lá, tinha a dona Helena, que também tinha feito esse curso PTIA e a Auri convidou e ela foi. A Nelsina levou o Dr. Delmar, porque cada um tinha que levar um padrinho, ela levou o Dr. Delmar. Oh, meu Deus, tomara que ela se esqueça de mim. Mas ela era muito da igreja. Quando foi na hora, chamou a concludente Maria de Jesus Rego para chegar até lá no altar. E o padre tinha sido nosso professor, lá no PTIA. A disciplina dele era: a afetividade plena na terceira idade. Era ótimo professor, Toninho Cruz. Ela me chamou, a mensagem era a diferença do idoso pra velho. Quando terminei de ler, era um pouquinho longo, a diferença do idoso para o velho. Idoso é melhor, velho, não. Aí, quando eu terminei de ler, você acredita que o Dr. Delmar chamou foi de discurso. Mas não era discurso, era uma mensagem que a menina tinha dado. Aí ele subiu: me dá teu discurso, me dá teu discurso. Não, Dr. Delmar, não é discurso. Ele arrancou de minha mão, levou, depois de uma semana é que ele devolveu, tirou fotocópia e tudo. Aí saiu dizendo: eu não quero ser velho, eu não quero ser velho.

Eu acho que eu fui até o fim, porque eu tinha amor.

Eu, Maria de Jesus Rego, atesto a autenticidade das transcrições acima, feitas a partir de entrevista, em áudio e vídeo, entre mim e o pesquisador Lourival da Silva Lopes ao qual autorizo a sua divulgação.

assinatura

3.1. Trajetória escolar de Maria de Jesus Caetano, professora aposentada, 63 anos, por ela mesma

Eu iniciei minha trajetória escolar no Patronato Maria Narciso, na década de 50. Nessa época, era um professor para todas as disciplinas. Eu tive uma professora da 1ª série até a 3ª: irmã Leocádia. E antes era até o 5º ano primário. O 4º e o 5º ano eu tive como professora a d. Clívia.

Para entrar no ginásio, você fazia um exame de admissão. Na época que eu terminei o primário aqui em União, não tinha o ginásio. Então eu me desloquei para Teresina e fiz o meu ginásio no Liceu. Como era muito perto, eu ia e vinha nos finais de semana.

Na primeira escola, o tratamento era carinhoso, dentro de um ambiente de respeito e preocupação com o desenvolvimento do aluno. Não tinha aquele professor de só jogar. Tinha aquele professor de ensinar e colher. Eu acho que eu fiz um primário muito bem feito que me ajudou muito a desenvolver também o primeiro grau. Eu sempre fui uma aluna que me saía bem nas tarefas escolares. Nessa época tinha castigo. Ah! Tinha castigo! Um exemplo é que você ficava sem o recreio. Exigiam muito a tabuada e a leitura correta. Então, se você não cumprisse aquela tarefa... Aos sábados havia uma sabatina só de matemática. E se você não se saísse bem ficava sem o recreio.

Para ir para o ginásio (nesse tempo não era ensino fundamental) tinha que fazer o exame de admissão que era uma prova pesada, com redação. Só que eles colocavam uma gravura para você descrever e muitos sinônimos retirados de textos, complementos de frases com concordância.

Quando começou o ginásio aqui em União, eu já estava terminando lá em Teresina. Lá o prédio era o mesmo. Lá eu notei assim que cada disciplina tinha um professor. Muitos professores não tinham formação acadêmica. Alguns até só tinham o ginásio. Mas o diretor tinha um plano bem observado que a gente como aluno gostava. Os professores não tinham formação pedagógica. A gente descobria e questionava. Só que naquele questionamento dava uma polêmica que o professor daqui sou eu, se você sabe mais do que eu, se retire. Sempre teve essa polêmica.

Quando terminei o ginásio, vim embora para União e praticamente tomei de conta de uma escolinha particular de d. Maria de Lourdes Craveiro e fiquei um tempo sem estudar. Quando eu fui estudar, fazer o pedagógico, já nos anos 70, 1973... Por quê? Eu comecei já trabalhar no Fenelon só com o ginásio, como professora. Peguei o 5º período que correspondia à 3ª série. Eram duas séries em um ano, com comunicação e expressão. Só que eu sentia que precisava saber mais. Eu fiquei assim até 1975 e surgiu o Logus. Mas eu achei que era

pouca bagagem porque era só nos finais de semana. Eu me deslocava daqui para Teresina com muita dificuldade na época. Sempre era o dia todo de sábado e eu notei que quase não tinha proveito. O Logus era uma formação pedagógica a nível de ensino médio. Era formação para professores leigos. A primeira etapa do Logus era para concluir o ginásio e depois é que tinha a segunda etapa que era professor. Mas antes de terminar a segunda etapa, me matriculei no Instituto de Educação em Teresina. Eu já era casada. Eu ia e vinha. Aí surgiu uma época que o Instituto de Educação estava oferecendo no período de férias. Eu passei ainda um ano. Eu já estava mais avançada com duas formações: uma pelo Logus e outra pelo Instituto de Educação. Depois, fui trabalhar no ginásio como professora de matemática, sem curso de matemática. Deixei português. Fui para o ginásio só com o curso pedagógico. Mas eu tinha uma turma no Maria Simplícia que eu dava aula de português.

Quando foi nos anos 80, 79, 80, fiz vestibular para Letras. Só que não passei, mas não desisti. No meio do ano, houve novamente. Foi assim: eu fui me inscrever e tinha muita gente na fila de Letras, então eu pensei de ir pela concorrência e peguei matemática que tinha menos gente. E fiz o vestibular. Quando saiu o resultado, eu estava em nono lugar. Fiquei feliz e fui a frente. Cursei. Era um curso de férias que fazia parte de um programa do governo do estado para qualificar professores. Era licenciatura plena. Lá eu já achei outro campo, que eu estava num campo mais vasto, de muita experiência e os professores tinham outra formação. Você sabe, a gente aprende muito com os outros em sala de aula. Se a formação for excelente, você poderá ser um aluno excelente. Essa formação me ajudou no meu desempenho na sala de aula. Mas eu sempre fui uma professora e uma aluna que sempre gostei de ler e procurava outras fontes de informação. Não ficava só na sala de aula. Só a formação universitária não basta, tem que buscar outras fontes. Quando a gente está estudando, você vê que eles não fazem nenhuma relação com o meio que você vai viver, só com o conteúdo em si. Quando a gente vai partir para a prática, a gente mesmo que precisa se aperfeiçoar.

No período em que comecei a dar aula no ginásio, tinha uma coordenação que funcionava mas não ajudava a gente nos trabalhos de sala de aula. A gente fazia aquele plano, porque era obrigatório ter aquele plano. Então a gente trabalhava esse plano e variava ele, procurando adequar melhor ao tipo de aluno que você tinha. E o relacionamento com o aluno? Ele era bom. Primeiro porque eu sempre procurei entrar na sala de aula com segurança. E essa segurança, esse saber, faz com que você tenha respeito na turma. Eu trabalhei até me aposentar e nunca achei um aluno que me desrespeitasse. Para manter a disciplina em sala de aula, tem que ter bastante atividade trabalhada, tanto aluno quanto professor. Era uma espécie de conversa. Minha aula sempre foi uma espécie de conversa amiga e perguntas também. No primeiro dia já digo: somos bons amigos, a gente tá no processo de crescimento, eu também quero

aprender com vocês. Logo que eu entrava em sala de aula, não dava conteúdo, passava uma semana conversando. E cada aluno falava o que ele esperava de mim naquela disciplina. Na minha trajetória escolar, achei aluno que quisesse que eu fosse punida por causa de reprovação numa disciplina que era física. Eu lecionei matemática, física, química e biologia. Você sabe que a gente sempre teve dificuldade de professor, mas nunca achei um que me desafiasse e me deixasse só, dando aula.

Em toda a minha trajetória escolar, houve uma professora que me marcou muito: foi a irmã Leocádia. Ela cuidou, assim, de mim não foi só como aluno, foi como uma pessoa dela, do tipo mesmo de crescer. Eu vinha de uma família muito humilde, embora tenha sido criada num meio melhor... mas eu vim de uma família muito humilde. E ela conversava muito comigo dizendo que as pessoas de famílias humildes tinham que procurar crescer, estudar bem para poder ser livre na sociedade e até hoje eu lembro disso aí que ela me disse. E ela dizia sempre para mim quando a gente procurava crescer, ter sabedoria, que a gente não precisava estar correndo atrás de político para pedir emprego. E eu lembro disso até hoje. E eu passo para os meus filhos. Eu nunca fui atrás de político para arranjar emprego para meus filhos. Sempre eu digo: vão estudar, que vocês procurem ser independentes.

E lá no Liceu, quem me marcou foi uma Osmarina Dias. Ela também já falecida. Me desenvolvi muito em comunicação e expressão com ela. Ela falava muito para a gente usar a língua para se expressar, se comunicar.

Para ser professor, é preciso ter vontade de ensinar. Não é vocação. Você vê muito professor por aí que não é vocação. Temos muito professor aí que vai só pelo emprego. Mas o ser professor hoje é ter aquela vontade, aquela disposição de ensinar. Ter um tempo para pesquisa para levar para a sala de aula, para levar para o aluno. Fui professora com muita satisfação. Conservo o que aprendi até hoje, porque acho que desenvolvi um trabalho bem feito e procurei aperfeiçoar este trabalho.

A gente tem vontade de se aposentar. Não vou dizer que eu nunca falei. Mas quando eu já estava perto de me aposentar, meu Deus, era tanta greve, tanto feriado que você achava que quase não ia para a sala de aula. Eu tenho amigas que entraram em depressão com a aposentadoria, mas o que elas dizem: saudade dos amigos, não era da sala de aula. Mas eu já via minha aposentadoria de outro modo. Quando eu me aposentei, me dediquei mesmo, coloquei uma escolinha particular e eu continuei o trabalho. E sempre... olha... eu não sabia nada de inglês... eu sempre estudei inglês para passar. Então eu comecei nesse tempo de aposentada aprender um pouco de inglês, que eu não sabia. O que eu não sabia eu fui aprender um pouco. Acho que a minha aposentadoria me afastou do trabalho, mas não me afastou dos livros e nem do modo de querer estar sempre informada.

Hoje, eu acho que quem está em direção, que foi até aluno da gente, eu até digo que ele é um mau professor, por esquecer aqueles que se aposentam. Olhe, em 2003, eu já aposentada, fui convidada para dar a disciplina educação física no Barão de Gurgueia. Por quê? Porque não tinha professor. O convite já foi dizendo que era só enquanto aparecia um novo professor. Eu passei o ano todo e não apareceu esse professor. No ano seguinte, fiquei em casa, mas não foi renovado o contrato.

Quando se fala em metodologia, eu digo o seguinte: se você é um professor e tem vontade de ser professor, tem vontade de levar alguma coisa pro seu aluno, você vai trabalhar dentro de uma metodologia, você vai fazer uma metodologia para aqueles que se desenvolveram. Esses que não têm dinamismo em sala de aula são esses que têm vontade de uma aposentadoria, que passam o tempo todo de licença. Hoje, eu não vou lhe dizer que eu tenha saudade, mas se eu fosse convidada para substituir um professor numa certa disciplina, dessas que domino, eu iria e eu ia procurar as técnicas mais fáceis que lhe conduziria.

Antigamente, o ensino era melhor, porque a base é o primário bem feito. E o que é o primário bem feito? É quando você aprende a ler bem e a escrever. E antigamente, como agente utiliza essa palavra, eles tinham essa preocupação. Até os professores que não tinham formação pedagógica tinham essa preocupação de levar o aluno a ler bem e a escrever bem. Hoje tem alunos nas universidades que não lêem bem. Aquele cálculo simples de números decimais eles não aplicam. Hoje, você vê, esses jovens fazem uma prova de vestibular, e a gente diz assim: como é que foi? Ah, caiu tanta coisa. Coisa como? Esses números assim... aí vão colocar no papel e o que a gente vê é uma soma de decimais, é uma divisão de decimais que ele não fez nada. E uma concordância de gênero, número e grau, que eles também não sabiam. Não é só um curso superior que vai melhorar a educação, é preciso uma melhor capacitação desse professor. Hoje nós temos também esses professores que estão aí se formando. Eles trabalham o dia todo e à noite vão às pressas para a sala de aula. O cansaço traz ele mais cedo para o repouso. Ele não tira um tempo, um dia, para uma ampla pesquisa. O professor não lê, não tem tempo. O professor é mais desleixado, porque ele mesmo não cria um tempo para se organizar como professor. Muitos professores amigos nosso entraram e até saíram porque a aposentadoria estava custando. Eles só visaram o quê? Só o dinheiro. Vê que um período de greve, os professores ficam à vontade. E o que é que essas greves vem resolvendo? Nada. E o governo não quer que seja resolvido.

Antigamente era bom em tudo: na disciplina, no respeito. Olha, hoje começa com quantos alunos nessa turma? Você recebeu aquele livro de chamada com 45 alunos. No meio do ano não tem mais a metade. Aquela metade não aprendeu nada. Enjoou o professor. E o professor não fez nada para saber o

porquê daqueles alunos desistirem. Nós trabalhamos no 2º grau. O aluno faltava e a gente ia atrás, saber por que faltou. Às vezes a gente até ajudava. Ele estava faltando por uma condição financeira. Hoje não tem essa preocupação, não. Eles acham é bom quando diminuem.

O professor novato, no primeiro dia de aula, já entra com conteúdo. Eu acho que em quinze dias ele deve estar na sala de aula como amigo, conversando, vendo a realidade de cada um, como ele vai, para poder trabalhar.

No ano passado (2008), eu queria fazer vestibular. Eu queria uma coisa assim que me ajudasse na formação dos netos. Não é mais um curso para eu ir para sala de aula. É para me informar mais.

Eu, Maria de Jesus Caetano, atesto a autenticidade das transcrições acima, feitas a partir de entrevista, em áudio e vídeo, entre mim e o pesquisador Lourival da Silva Lopes ao qual autorizo a sua divulgação.

assinatura

4. Trajetória escolar de Maria do Socorro Sales, professora aposentada, 66 anos, por ela mesma:

Eu sou Maria do Socorro Sales. Estudei no Fenelon Castelo Branco, foi a primeira escola pública na nossa cidade. Naquela época – eu gosto muito de frisar – que era menos tempo, mas em comparação com a época de hoje que o período de sala de aula é mais prolongado, eu acho que a gente, comparando os alunos daquela época com os de hoje, a gente aprendia mais. Por quê? Nós entrávamos às sete horas no Fenelon Castelo Branco. Antes de a gente entrar, se formavam todos os alunos naquela fila no pátio. A dona Mundica Ferreira era a inspetora... a gente cantava o hino nacional. Todo aluno sabia o hino nacional. Aí a gente entrava para a sala de aula. A educação física era como hoje, felizmente fizeram a mesma coisa. A gente também fazia educação física. Hoje é no mesmo período, se é de manhã é de manhã. A gente também fazia educação física e a gente ia pra dentro da sala de aula. Na sala de aula, nós não tínhamos livro. A gente tinha um caderninho. Eu me lembro que às vezes a gente costurava até umas folhas. A Maúda fazia muito isso pra nós. Costurava as folhas para a gente copiar ponto. Nós copiávamos ponto, por isso a gente sabia escrever, tinha uma boa caligrafia. A gente fazia era copiar os pontos. Tínhamos alguns professores, mas a minha professora, que sempre foi, a dona Francisquinha, que era chamada de dona Francisquinha de seu Onofre Saraiva. Ela me marcou. Toda vida ela foi minha professora. Ela era dinâmica. Naquela época, ela fazia as atividades na sala de aula, era impressionante como ela fazia as festinhas na sala de aula, mas era dentro da sala, fazia parte da aula. Ele obrigava cada um fazer um discurso. Para aprender aquilo ali. Ela gostava muito dessas coisas. Cada um no final do ano, na colação, fazia um discurso bem pequenininho.

A sala era disciplinada, porque naquela época(1957) a gente obedecia aos professores. Ela era dinâmica, a sala de aula. Ela gostava dos alunos obedientes. E a gente só ia um período para fazer educação física com a dona Nazi Barros na quela época. A diretora da época era Anita Boavista, Ana Carvalho Boavista. E a gente aprendia. Nos sábados, pela manhã, a gente ia fazer a sabatina. Esta sabatina era só pra burrada. E ai de quem... não tinha palmatória. Ela dava as casas da tabuada, de multiplicar pelo menos. A gente trazia na semana, ela dizia: - no sábado vai ser por dois, por três. E você trazia para estudar. E na hora ela reunia os alunos ao redor da mesa. Naquela época a professora era mais alta, tinha aquele estrado que ficava mais alto. E a gente ao redor da mesa, ela chamava por grupo. E aí ia perguntando salteado a tabuada. E a nota da sabatina era colocada nas costas, com lápis vermelho. Quer dizer todo mundo se obrigava a estudar para não vir com a nota ruim nas costas. Ela escrevia seis, cinco, zero... Nesse tempo não se usava livro didático, os pontos eram copiados no quadro e a gente copiava no caderno. A

professora era normalista e elas se orgulhavam disso. Naquela época só ia fazer o normal quem tinha uma condição financeira mais ou menos. E elas eram normalistas: A dona Francisquinha, a dona Nazi Barros, a dona Anita, a dona Elita. Eram do quadro da escola. A diretora era a dona Anita, antes era a dona Bibi. A maior festa da escola era o dia vinte e um de setembro, que era o dia da árvore. Era a maior festa da escola. Nesse dia a escola era de festa, convidavam todas as escolas para participar, porque era a maior festa, o dia da árvore. Só faziam essa festa na escola. Aquelas carnaúbas que tem na frente do Fenelon foram plantadas nessa época, na comemoração do dia da árvore.

Eu me lembro que antes da dona Francisquinha de seu Onofre, eu tive como professora a dona Elita Sousa. Eu estudava de tarde no 1º ano C. Ela era muito granfina. E eu me lembro... isso aqui me marcava muito e eu chegava e dizia aqui em casa. Ela ficava na parte mais alta e a gente levava o abc. Você sabe que o abc tinha as letras, sílabas, tudo. E ela sentava muito bem vistosa, bem arrumada. E ela dizia todas às vezes para a gente, só gente pobre que estudava lá, que a gente tava fedendo a mijó. Ela dizia: Madalena – Madalena era a zeladora da escola – faz um algodão com álcool. Aí ela colocava o algodão no nariz. Aí quando eu chegava em casa eu dizia para a Maúda. Todo dia antes de sair, a Maúda me dava um banho com sabão, naquela época sabonete era difícil. Aí as mães sempre faziam isso. Ela colocava o algodão no nariz para não sentir o cheiro dos alunos. Isso massacrava a gente.

Com a dona Francisquinha de seu Onofre era assim. Toda sexta-feira era uma aula assim diferente. Ela sempre dava um verso – naquela época a gente chamava verso – para a gente decorar. Aí a gente ia apresentar na sala de aula para os outros alunos. Outra vez ela levava a gente para a casa dela pra gente ensaiar cantos para a gente cantar na escola. Dia de sexta-feira era isso. Sábado era a sabatina. Sábado não se perdoava, era a sabatina. Só que era rápido a sabatina. A gente chegava cedinho, sete horas e às nove horas a gente saía. Era só revisão da tabuada. Agora na sexta-feira era declamar, cantar, era apresentação. Era assim as aulas dela, naquela época levava a gente até pra casa dela para a gente ensaiar.

Depois do primário, fiz o exame de admissão ao ginásio. Nessa época os professores faziam parte da sociedade. Não eram professores de fato. Eram médicos, juizes, padres, bancários, comerciantes. E ainda havia alguns professores que vinham de Teresina. Eu terminei o Ginásio em 1962. Os professores não tinham nem formação pedagógica. Mas tinha um professor de matemática, gerente do Banco do Brasil, que era igual o Osvald de Sousa. Eu fui da segunda turma do ginásio. Nessa época tinha um professor de inglês, que era comerciante, que não sabia nada de inglês. Foi colocado porque não tinha outro. Nessa época havia Latim, que era o padre que dava, inglês e francês no currículo.

Nós terminamos o ginásio e aí não tinha mais nada para fazer aqui. Fomos para Teresina. Com muito sacrifício, eu me matriculei, a Dada foi para o Instituto de Educação e eu fui para o colégio Leão XIII. Lá no Leão XIII era pago. Na escola normal não era. Nós estudávamos à noite. Lá, como sempre surge a politicagem, o professor... nessa época o governador era Petrônio Portela e Itamar Brito era Secretário de Educação... surgiu a necessidade de professores. Aí eles, a Secretaria de Educação, iam fazer um curso de emergência. Aí mandaram para as cidades. Só que estávamos estudando em Teresina. Aí como sempre os políticos escolheram só, para fazer o teste, a Maria Francisca, A Milagre, que era filha da Penha, uma filha do Tianguá, eu não me recordo quem era a outra pessoa. A dona Francisquinha de seu Onofre soube e disse para a Vovó e a mamãe mandou dizer para nós. E conseguimos nos matricular para fazer o teste e passamos. Aí fomos fazer o curso de emergência. Era um curso pedagógico, mas não era parcelado. Todos os professores eram bons professores, vinham de São Paulo, alguns professores. Os de Teresina eram o professor Cláudio Ferreira, a professora Delfina Boavista, a professora Temis e ou outros que não recordo. Fizemos o curso de emergência. Era intensivo, não tínhamos férias. Foi um ano de curso que preparava para dar aula. Era um curso com todas as disciplinas, com tirocínio. No período que foi de férias, eles formavam turmas lá no Instituto de Educação para fazer o tirocínio. O tirocínio era dar aulas para os alunos, com a presença do professor. Era a prática de ensino. No tirocínio, você dava aulas de todas as disciplinas, português, matemática, história, geografia, de ciências para aqueles alunos. Eles iam em Teresina, era no período de férias, e porque a gente preparava uma aula bem e os alunos tiveram essas aula no Instituto de Educação. As turmas eram no Instituto de Educação Antonino Freire e lá no Arquivo Público. Muito bom o curso, muito proveitoso. Quando nós terminamos o curso, nós já saímos com a nossa nomeação efetiva. A minha nomeação já veio para o Colégio Murilo Braga e para o Fenelon Castelo Branco. Nós entramos no magistério dessa forma sem concurso. Só que depois exigiram o pedagógico e nós tivemos que fazer o parcelado. Aí o Instituto de Educação chamou e nós fizemos no período de férias. O curso que nós fizemos era para formar professores para uma situação de emergência. O nome era Curso para formação de professores de emergência. Depois nós fizemos o curso pedagógico parcelado, no Instituto de Educação, já era ali onde é hoje. Aí como nós já éramos efetivas, já tínhamos recebido a nossa nomeação. A minha para o Murilo Braga e a Dada para o Fenelon Castelo Branco. Isso foi na década de sessenta. A admissão da Conceição foi no dia 23 de abril de 1964. E a minha foi no dia oito de maio de 1964. Nessa época, inicio da ditadura militar, teve muita confusão. Nós estávamos em Teresina. Teve muita confusão, o povo na rua, um alvoroço. Eu quase morro de medo por causa do boato de que iam botar todas as professoras para desfilar nuas. Aí diziam assim: aonde tu vai botar tua mão. Umas diziam: eu vou botar nos peitos. Mas

na sala de aula, dentro dela, não me lembro de ter acontecido alguma mudança nessa época.

No Murilo Braga, onde comecei, a diretora era muito minha amiga, muito boa, isso dependia muito da direção. Você dava aula direitinho, no período, você ia para a sala de aula, você ia pra lá. Às sete horas batia a campã, os meninos cantavam o hino nacional. Quando o aluno ia para a sala, a gente já estava lá. Antes de entrar, a gente conversava com o aluno. Pelo menos a diretora fazia isso. Primeiro cantava o hino, depois a gente ia pra sala de aula. Quando a gente ia, de oito até nove horas era aula mesmo, copiando ponto, às vezes fazendo exercícios, estudando matemática. Nove horas batia a campã do recreio. Aí eles ficavam à vontade. Às nove e meia a gente voltava para a sala de aula.

Na minha época de professora primária e ginásial, pude vivenciar diversas transformações na sala de aula. O Dr. Antonio, no ginásio, quando ia para a sala de aula, só levava a caderneta. Não copiava nada. A gente tinha que se virar de qualquer jeito para anotar alguma coisa que ele falava as suas aulas eram inteiramente expositivas. Vivemos todas as transformações na escola. Naquela época, a gente não sabe onde se diz que foi bom ou que foi ruim. Se a gente comparar naquela época, aquelas escolas técnicas que tinham no ginásio mesmo. As escolas técnicas agrícolas, todas. Aí acabaram. Hoje, os alunos, comparando os alunos de hoje com os daquela época. Os daquela época faziam aquilo ali, era tão bom para o aluno. Eu acho que se hoje tivesse um negócio daquele ali, eu acho que a gente controlaria mais o aluno. Os alunos hoje, é difícil controlar um aluno. Já na década de 70, as escolas começaram a exigir planos, planejamento. Inicialmente, os professores acharam ruim, porque entendiam que estavam perdendo a confiança. Era muita fiscalização em cima do professor, muita exigência. Só que com a continuação começou a ficar bom, planejar em grupo para saber. Eu me lembro que uma vez, lá no ginásio, em geografia, tinha uma parte da geografia que a ciência também dava. Então, o que que nós fazíamos? Nós combinávamos: tu vai dar essa parte e eu vou dar esta, porque havia coisas que se dava em Ciências e em Geografia. Se a gente planejasse dava certo. A gente num primeiro momento achou ruim, achou que era fiscalização, que não acreditavam na gente. Mas hoje a gente tá vendo que planejar é bom, que você ter o livro didático é bom. Só a gente não tem que se bitolar só no livro didático, porque os alunos, hoje, com internet, eles querem muito mais. Quando a gente vai falar uma coisa de ciências, no ano passado eu dei ciências o ano todinho, eu estudei junto com meus alunos, porque eu nunca tinha dado ciências, ciências de 7ª. Até porque eu fiz curso de Estudos Sociais. Me aposentei e fui recontratada para estudos sociais mesmo. Eu dava aula de geografia sempre. Só que no ano passado me deram ciências, uma disciplina completamente diferente da minha. E ainda me deram de 7ª série, o corpo humano. A gente ia

aprendendo dando aula. Pelo menos se a gente começasse da 5ª série, que os alunos estão iniciando e a gente também. Mas, não. Eles pegam a gente e botam lá na oitava. A primeira aula que eu fui dar foi sobre o continente africano. Eu quase me acabo de estudar. Não havia um critério de formação, mas de necessidade, tanto da escola como da gente.

A nível de aluno era melhor, porque disciplina de aluno. O aluno era mais disciplinado, a gente conseguia conversar com o aluno, saber da vida dele. Hoje, com a tecnologia que tem aí, é diferente os alunos. Naquela época, os alunos eram... a dificuldade pra gente era muito mais. E tou dizendo assim: o aluno é assim indisciplinado, eles falam qualquer coisa dentro da sala de aula. É uma liberdade sem controle. Esse tipo de aluno que eu tou dizendo é horrível, eles não respeitam, um aluno na sala de aula não respeita uma velhinha na vista do professor. Essa frouxidão de hoje faz o ensino ficar mais relaxado.

Na minha turma lá do ginásio de Ciências, eles têm curiosidade demais sobre sexo. Eu vou contar aqui um fato, não sei se pode. No meu primeiro dia de aula de ciências, eu nunca tinha dado aula de ciência, de 7ª série, meus alunos de 6ª de geografia. Adolescentes. É selecionada a turma, a idade é a mesma, tudo adolescente. Duas turmas. Aí eu cheguei na primeira turma. Os livros chegaram, os livros novos. Eu peguei um antes para dar uma olhada. Aí, no dia da distribuição do livro, entreguei pra eles. A outra turma tava sem aula. Eu disse para eles: agora vocês vão receber esse livro, abram, olhem as figuras, o autor, olhem o que o autor quis falar para o aluno, o que ele quis falar para o professor. Eu vou aqui na outra turma entregar os livros também. Quando eu cheguei na turma que eu tinha entregue primeiro, tava uma confusão tão grande, porque eles começaram a folhear o livro e viram logo a parte sexual masculina, feminina, os órgãos, e começaram a dizer coisa, dizendo todo tipo de palavra obscena. Que história é essa. Deus nos criou com o nosso corpo. Eu vou perguntar a vocês: quem é que tem um pau pendurando aí no corpo, me digam quem é que tem aí um pau pendurado no corpo. Não é nem um pau. Deus nos criou com todas as funções. Isso que vocês chamam pau não é pau. Não é esse o nome. Não é isso. Aí eu disse para as mulheres. Os nomes que vocês chamam não é nenhum. Nós vamos estudar. Isso aqui nós vamos ver. Deus criou as nossas partes íntimas. É natural em nosso corpo. É como o meu braço, a minha perna, tem uma função. Só que nós fomos acostumados a cobrir uma das partes. Os índios nem cobrem e não tem coisa nenhuma. Aí eu comecei a conversar com eles, dizendo tudo direitinho. Olhe, eles nunca mais. Nós até desenhávamos. Eu fiz um trabalho em que os homens desenhavam os órgãos genitais femininos e as mulheres, os masculinos. E estudamos tudim. E eles nunca mais falaram nada de imoralidade na sala de aula, desde o dia que eu expliquei que não existe nada de imoralidade, que quem faz a imoralidade somos nós. Eles nunca mais. Nós estudamos o livro todinho, eles desenharam,

eles apresentaram trabalho e pronto. Eu acho que vai muito do professor, do controle da sala de aula com eles. Antigamente, isso ninguém nem pensava. Uma vez, eu fui com eles orientado por mim, mandei as meninas fazerem uma pesquisa com todas as coisas escritas no banheiro dos homens, os desenhos que tinham, todo tipo. Aí todo mundo com medo de entrar no banheiro dos homens. Mandei. Por incrível que pareça, no banheiro das meninas tem muito mais coisas imorais do que no banheiro dos homens. O aluno de cada época é diferente por causa das informações que são mais. Tem o computador, tem uma televisão, naquela época não tinha. Eles estão ouvindo, estão vendo. Então eles estão ouvindo. Uns ouvem tudo aquilo e vão por em prática, outros não. Tem de diferentes tipos na sala de aula.

Os alunos não tinham livro. Eu fazia muito isso. Minhas primeiras aulas do ginásio, que a gente ia com medo, nervosa. O que eu fiz? Arranjei um livro e estudei, fiz um resumo com apresentação de um mapa. Eu apresentei primeiro no mapa e depois eu dei o resumo pra eles terem alguma coisa. Era assim.

Se o professor souber lidar bem com o livro didático, se não se bitolar só no livro didático que o aluno tem, é melhor. Por quê? Para o aluno e para o professor. O professor tem uma sequencia, uma orientação de sequencia de tudo que você vai dar e a programação pede. E o aluno tem vezes, tem aula que a gente nem usa o livro didático, porque a gente vai fazer outras atividades, uma pesquisa, manda pesquisar outra coisa. Mas eu acho que ajuda um pouco, dependendo da orientação do professor, se ele souber lidar com o livro didático. O livro didático acomodou o professor, porque ele, eu tou falando de um modo geral, mas existe professor que se bitola só nos exercícios porque já vêm respondidos no livro do professor. Há professores assim. Eu acho que acomoda. Mas se o professor souber lidar com o livro didático, é muito bom, porque ele tem uma coisa a se apoiar. Eu tenho meu livro aqui para saber até onde eu vou, até onde eu posso chegar.

Nós nos aposentamos muito cedo, porque nós fizemos o censo escolar do Brasil, na época. A diretora tinha que escolher a professora e a diretora da escola. Eles davam três meses de afastamento. Como eu era muito amiga da diretora da escola, ela me convidou. No primeiro o momento, eu não queria ir, porque era para fazer o censo de casa em casa. Eu não quis ir, mas como ela era muito minha amiga, nós fomos. Quer dizer: Trabalhamos três meses para o IBGE e ganhamos oito anos e 126 dias. Eles não pagavam em dinheiro, pagavam em contagem de tempo de serviço. E aí nós contamos o nosso tempo de se aposentar. Naquela época, eu tinha seis meses de licença-prêmio. Quando a gente não gozava a licença-prêmio, eles contavam o dobro. Isso tudo aconteceu com a gente. Me aposentei cedo. Passei um ano sem trabalhar. Mas foi um ano de angústia, porque você está habituada a todo dia sair de casa a ter uma outra atividade, a lidar com o aluno, com o professor, com o colega. Aí, de repente, você passa um ano dentro de casa sem saber o

que vai fazer. Horrível. A sensação é ruim, porque a sua vida é aquilo ali como estudante, como professor, você saindo todo dia. Você se habitua àquilo ali. Você está acostumado àquilo ali. De repente, pronto, acaba o vínculo com aquilo ali. Assim, além do convite que nós tivemos, da necessidade da escola, a gente também, chega a gente respirou. Mas o aposentado hoje, eles não são lembrados nem nas festinhas da escola. Eu ouço minhas colegas que são aposentadas dizerem. Eu não, porque eu ainda estou na escola. Eu participo. Mas minhas colegas, quando fazem festas na escola nem se lembram. A gente é esquecida pela escola que a gente passou uma vida trabalhando. A gente é esquecida pelo governo que a gente passa uma vida trabalhando, foi trabalhando mesmo que a gente viveu. E aí dá um aumento, para os inativos no próximo mês. Agora que estão lutando para os inativos receberem do mesmo jeito dos ativos. A aposentadoria aumenta a saudade do tempo que a gente trabalhava. Só a palavra aposentado já tá dizendo: acabou, é o fim. As pessoas dizem assim: fulano não serve mais não, está aposentado. Eu conheço colegas minhas que estão aposentadas e elas estão necessitando de ajuda, porque estão com a família toda nas costas, as filhas sem emprego, a mãe doente, para viver só do ordenadinho da aposentadoria. E ela uma professora que deveria estar na ativa, porque tem muita coisa a colaborar com a educação. Mas a maioria julga assim: não sabe mais de nada, tá aposentado, pensam que a gente fica doido. Agora tem aquele Amigos da Escola. Tem uma pessoa, eu já conheci um, e as pessoas nem ligavam porque não era mais professor. Já foi professor da escola, mas como amigo da escola ninguém ligava. Não deram muita atenção. A gente se sente envergonhada, rejeitada quando chega a uma escola que a gente se doou, deu a vida por aquilo ali. Quando você chega na escola, você sente a frieza da secretaria, a sala dos professores congelada, a gente se sente, assim, rejeitada. O aposentado é um rejeitado.

Eu, Maria do Socorro Sales, atesto a autenticidade das transcrições acima, feitas a partir de entrevista, em áudio e vídeo, entre mim e o pesquisador Lourival da Silva Lopes ao qual autorizo a sua divulgação.

assinatura

5. Trajetória escolar de Maria da Conceição Sales, professora aposentada, 80 anos, por ela mesma.

Meu nome é Maria da Conceição Sales. Estudei no Fenelon, na década de 30 (1937). Minha professora, de saudosa memória, era dona Aldenora Sampaio Siqueira, morava na casa da dona Santinha Sampaio. Foi um período bom. Naquele tempo tinha livro, já tinha livro. O nome do livro era A Infância Levítica. Esse livro trazia todas as disciplinas: português, matemática, ciências, história... Cada aluno recebia um livro. Naquele tempo não havia professor. Aqui só havia um, não me recordo o nome dele, trabalhava em Teresina na educação. Ninguém queria ser professor. Minha professora chamava-se Aldenora Sampaio. Era normalista. Era muito fina, muito delicada. Ela não era muito rigoroso com o aluno, dependia do aluno. Houve até um caso em que ela puxou uma menina da carteira para por no castigo porque desobedeceu e a unha dela roçou o pescoço e feriu a menina que fez um escândalo porque sangrou. Mas ela era boa, a gente era muito pequeno, sete, oito anos. Eu ainda não tinha nem sete anos completos quando fui para a escola. Nessa época todo mundo podia freqüentar a escola, não eram apenas os ricos, os pobres também. Nós íamos para a escola de camisa manga comprida e de tamanco, na época era moda as pessoas usarem tamanco.

As avaliações eram feitas em forma de provas com perguntas e respostas. A gente ficava nessa luta de estudar para melhorar a situação. Os alunos vinham de longe. Aqui quem morava lá no Raiz, a gente dizia que vinha de longe. Às vezes, alguém vinha deixar na escola. O nível dos alunos era variados. Acho que era porque a gente tinha começado atrasado na escola, quando morava no interior. Nessa época o horário de entrada era sete horas, com recreio de meia hora. A dona Aldenora Siqueira foi a professora que mais me marcou, porque foi a minha primeira professora. E no primário foi ela que me marcou como o primeiro amor. Mas eu quero dizer mais coisa. Criança é boba e a minha professora me marcou negativamente. Tem uma marca negativa dela, porque um dia ela foi dar uma explicação de matemática e ela achou que tinha um grupo lá que não acompanhava o que ela queria explicar. E ela... eram cinco meninas e ela chamou o grupo em redor dela pela folha de chamada e me deixou com essas outras. Isso eu não esqueci. Ela já morreu. Na verdade, ela me deixou no meio das alunas mais fracas e eu não me considerava uma aluna das mais fracas. Eu não tinha nenhuma nota seis. Minha nota era sempre acima de seis. Eu acho que ela me discriminou.

Essa minha professora dia de quinta-feira era desenho e trabalhos manuais.

Depois que terminei o primário, fiquei muito tempo sem estudar, porque aqui em União, naquela época, não tinha o ensino secundário. As minhas colegas que tinham condições foram estudar em Teresina. Foi a Jesus Santana, minha

colega de Fenelon, que me perguntava: “Tu não vai, não”. Naquele tempo para estudar em Teresina era muito difícil, não tinha família. Só voltei a estudar na década de 50, quando foi fundado o ginásio. Antes de entrar no ginásio, tive que passar um mês estudando, me preparando para o exame de admissão. Já pensou, depois de tanto tempo sem estudar, voltar novamente. Era o exame para a formação da primeira turma do ginásio. Nessa época, quase nenhum professor tinha formação pedagógica. Para poder implantar o ginásio aqui em União foi necessário trazer professor de Teresina. Mas depois, os professores eram mesmo daqui. Era o Padre, o Gerente do banco, o Juiz, o Comerciante. Os professores eram sempre pessoas da cidade.

Da época que eu estudava na década de 30 para a década de 60 quando comecei a ser professora, esse período, a diferença lá, que eu pude sentir, era só de uso de material para a gente. Nessa época não havia a figura do coordenador, que cuidava de tudo na escola era o diretor e a secretária. A gente já recebia uma programação pronta da secretaria de educação e cada professora preparava as suas aulas num caderno. Eu preparava, porque eu, no Fenelon, como sempre, me achavam engraçadinha, já peguei uma turma em que estudava o filho da Diretora. Ela preparou uma turma, selecionou os alunos. Eram os pierot, o Gonzaga... Como era a turma do filho dela, ela sempre ia fiscalizar a turma do filho dela e ele não queria. Ele dizia: mamãe, não venha. Não, meu filho, só quero ver como está funcionando. Mas não tinha muita coisa, porque o menino não era vaidoso para ter a mãe dele lá. Ela era quem insistia.

Os alunos daquele tempo não eram como os de agora que não têm medo, nem da Maria, nem do Padre, nem da mãe, nem do pai, nem de ninguém. A maioria é assim. Naquele tempo, a criança tinha medo, tinha respeito.

A minha experiência no ginásio foi assim. O Dr. Antonio escolheu as alunas que eram mais maduras para ensinar no ginásio. Eu fui convidada. Nessa época, eu lecionava nas duas escolas. Naquela época, eu tive muita dificuldade. Uma delas era ficar na frente da turma, dizer alguma coisa, porque as aulas eram mesmo expositivas. Não tinha livro, tinha que colocar tudo no quadro. E o pior é hoje você pode, inclusive a gente foi aconselhada pelo Dr. Antonio. Ele dizia: leve o seu plano de aula na mão. Na hora que você tiver dando aula, o plano está na mão. Mas os alunos ficavam criticando. Eles diziam que o professor não sabia de nada. O dr. Antonio era o primeiro que dava o exemplo. Só para a sala de aula com a caderneta, botava a mão para trás e pronto. Botava a caderneta lá em cima da mesa e aí era só exposição. Alguns temas eram considerados tabus, por exemplo, educação sexual. A gente falava por alto, para não constranger ninguém. Hoje os livros trazem tudo. Antigamente não tinha isso. O professor tinha que se virar.

Eu fiz curso de ciências e quando cheguei para dar aula ainda me deram uma turma de 3ª série de matemática. Naquela época, a gente não tinha muito escolha. A gente aprendia dando aula.

Outra coisa: eu acho que todo professor agora devia ter um curso de computador. Em vez de ter só o livro, devia ter um computador. Era mais fácil.

Ouve uma caso lá, mas não foi assim, porque os alunos estavam fora da sala de aula e ficou um dentro da sala, daqueles que ficam pra bagunçar, quebrando carteira. E aí no período que eu fiquei lá... aí eu fui, quando eu cheguei, me chamaram, aí eu falei: ei, rapaz, o que é isso, rapaz. Mas esse pessoal não quer ser chamado a atenção. Era até um sobrinho da Socorro. Saia daí, deixe a sala em paz. Vá brincar. Vá ficar lá fora. Ele não quis sair. Sai, porque senão eu vou chamar alguém pra te tirar daí. Tu está anarquizando. Ele saiu, mas saiu zangado. Pois vá para casa. Naquele tempo tinha aquele negócio de mandar para casa. E ele saiu, mas continuou zangado, dizendo: na hora que a Senhora sair daí, eu vou quebrar a sua cabeça com uma pedra. Pois eu vou mandar chamar a sua mãe. O vigia foi chamar a mãe dele. Aí ele me disse: eu vou ligar pra secretaria de educação. Aí a mãe dele veio. E disse que ia pra secretaria de educação. Era para amedrontar e intimidar o professor. Então eu disse: pois deixe ele em casa por três dias. Mas foi só esse incidente que aconteceu comigo durante toda a minha trajetória como professora.

Quando eu dava aula no ginásio, mandava eles lerem os livros. Aí eu fazia um questionário, e às vezes eu mandava fazer um resumo. A gente preparava os conteúdos com as leituras dos livros, fazia esquemas e botava tudo no quadro. Eu preparava tudo e depois ia transmitir aos alunos, explicando. Estudava de dia e de noite. A gente pegava os conteúdos de um livro aqui, outro acolá. Um dia, o Dr. Antonio passou um trabalho e dizia: olhe, eu não quero cópia, não. Aí eu andei, virei, peguei livro daqui, acolá para fazer esse trabalho. A Maria pegou um resumo de um livro, eu me lembro do livro de história do Joaquim Silva, um grande autor de história. A Maria procurou um resumo copiou e tirou nove. E eu tirei oito que tinha pesquisado em vários livros. E ele tinha dito que não queria cópia. E ele engoliu.

Eu acho que o uso do livro didático, hoje, ajuda, se o aluno estudar. Mas eles estudam. A gente fica dizendo essas coisas, mas eles estudam. Eu acho que é bom o livro, porque, às vezes, eles decoram alguma coisa, mas quando a gente pede na prova, tem alguma coisa que a gente observa que ele decorou, mas não aprendeu outra.

A gente quando recebe a aposentadoria, toma um susto. Mas eu fiquei um tempo achando bom, depois a gente vê que não é muito bom, não. Porque, primeiro não sei se é por causa da idade, algumas doencinhas chatas que aparecem. Agente sente a necessidade de sair, de conversar, ter liberdade de

entrar, de chegar. E na aposentadoria você não pode fazer isso. Mesmo quando você chega lá você não se sente bem, não. Você fica assim meio desconfiado, porque a maioria das pessoas não tem mais aproximação com você, outras nem lhe conhecem. A gente vai na escola visitar, rever os amigos que estão lá. Às vezes dá uma saudade, principalmente quando a gente vê as pessoas reclamando. Mas a aposentadoria, em relação à escola, me deixou no anonimato, porque ninguém visita a gente para dizer assim: o que que há, vim te ver. Mas eu ainda hoje tenho aluno que sempre vêm a União vem me visitar. São poucos, mas vem. A gente deixa sempre uma marca positiva ou negativa.

Eu, Maria da Conceição Sales, atesto a autenticidade das transcrições acima, feitas a partir de entrevista, em áudio e vídeo, entre mim e o pesquisador Lourival da Silva Lopes ao qual autorizo a sua divulgação.

assinatura

6. Trajetória escolar de Antonio Martins da Rocha, professor aposentado, 86 anos, por ele mesmo

O primário e o chamado secundário eu fiz em Parnaíba. O primário, na Unidade Escolar Miranda Osório, nome tradicional até da história piauiense e o ginásio, naquela época, ginásio de cinco anos, no Ginásio Parnaibano. Após o término do ginásio, eu fiz o curso pré, um ano, no Colégio Pernambucano, em Recife, Pernambuco e outro no Colégio Marista, Salvador, Bahia. Fiz vestibular para a Universidade Federal da Bahia. E uma coisa interessante: o primeiro ano que a escola foi federalizada. A partir daí que eu entrei que ela passou a ser federal. Lá eu fiz o curso de Cirurgião Dentista, terminando (o curso) em 1946.

No meu período, o professor era considerado como um elemento superior, coisa que não acontece hoje. Muitas vezes o aluno quer levar o professor até no deboche, os mais avançados. Mas era um respeito. O Ginásio Parnaibano, onde fiz o curso ginásial, era um colégio de primeira classe. Não só o estudo em si como o próprio prédio. As instalações eram para ninguém reclamar. Tudo era próprio para aquilo. O gabinete de química era química, o de física era física. Tudo, tudo era desse jeito, coisa que muitos colégios não possuem hoje.

Fui para Parnaíba. Eu nasci em 1923. Seis anos depois, eu deixei União. Minha família, porque meu pai – a firma que meu pai trabalhava com ela era uma firma inglesa que comprava produto de exportação, era jaborandi e outros, para exportar, ela faliu. Então, meu tio, que era um dos altos comerciantes e industriais de Parnaíba, José Narciso da Rocha Filho, convidou meu pai para trabalhar com ele. E ele foi para chefiar a fábrica Aliança. Era uma fábrica de J. Narciso e Cia. Trabalhava com Jaborandi, algodão, arroz, telha, tijolo, tudo mecânico. Então, aí é que eu passei para Parnaíba. Cheguei lá com sei anos. Fui primeiro pro estudo oficial, porque acredito que aqui ainda não tava lá essas coisas. Era uma escola pública, Miranda Osório. Nessa época era um, dois ou três professores, no máximo, por turma. Então, por exemplo, um professor, dois professores, suponhamos na 4ª série primária, um tomava conta de duas matérias, o outro tomava de conta de três matérias, quer dizer, para formar o conjunto. Já, quando passamos para o ginásio, era um professor por matéria, no Ginásio Parnaibano. Eu fiz o primário e o secundário em Parnaíba. O primário, no Miranda Osório. Miranda Osório, você sabe pela história do Piauí, foi educador importante e que meu tio, quando prefeito, José Narciso da Rocha Filho, trouxe de São Paulo para lecionar como trouxe também Luís Galhardo. Nunes que é nome hoje importante na história da educação parnaibana. Galhardo Nunes e Miranda Osório.

Fui nomeado chefe de saúde do município de Valença do Piauí. Ao chegar em Valença, eu tinha muitos amigos, inclusive colegas de pensão na Bahia como estudantes, por exemplo, Alcides Martins Nunes, do Tribunal de Contas do Estado, ex-deputado estadual. Tinha também Djalma Martins Veloso – nós éramos assim meio políticos por causa de besteirinhas – outro elemento de Valença. De certo que eu cheguei a Valença a convite do Alcides, quer dizer, o cargo era dele, veio aqui, me convidou pra Valença. Disse que não me preocupasse que lá tinha casa, tinha tudo. Era para ocupar o cargo de chefe de saúde em Valença.

Meu ingresso no magistério deu-se assim. O padre Marque era dono de uma escola em Valença. Chegou, foi me visitar e me convidou para lecionar. Disse o seguinte: olhe, sei que você em geografia, história, que lá no meio dos estudantes era elemento de destaque, lá em Salvador, lá no bloco dos piauienses, então eu vim lhe convidar, me ajude no colégio. Essa foi a expressão do Pe. Marques. Nessa época eu já era dentista, fui para lá para assumir a saúde pública. Eu fui para lá por que o Dr. Ângelo Pereira ia se aposentar. Aí eu entrei. Eu não era formado em geografia, só depois. O Alcides Nunes informou ao Padre Marques: olha, esse aí era o mais atualizado do nosso bloco, e tanto de geografia como de história.

Na escola pública, eu entrei pela Fundação União. Eu entrei na pública em 49, no dia 14 de janeiro de 1949, eu entrei na pública. Lembro que não tive muita sorte, porque eu entrei e dois ou três dias depois me designaram para fazer parte da segunda época do Colégio Marcos Parente. Eu fui. A banca era eu, a dona Clívia e a dona Haydée. Chegou um rapaz que era filho da chefe dos Correios aqui, rapagão. Chegou, naquela época, tinha uns pontos com três sessões. Meteu a mão, tirou o ponto, me devolveu. Na primeira sessão zero, na segunda zero, na terceira zero. Ainda hoje me lembro, eu disse: meu amigo, vou lhe entregar um pedaço de buriti, faça de conta que você ta morrendo afogado, eu vou lhe dar um pedaço de buriti. O que foi que você estudou? A pergunta, diga. Aí ele disse o que ele tinha estudado. Eu disse: você quer falar? Quer dizer o que sabe? Ele disse: já sei, pode perguntar. Perguntei, ele não respondeu nenhuma. Eu disse: tou satisfeito. Saí, botei zero na ficha. Passou, a dona Clívia e a dona Haydée disseram que estavam satisfeitas, deram dois, cada uma, dividido por três. Aí, meia hora depois, eu peguei a primeira esculhambação como professor da vida: tava na secretaria do ginásio, quando entrou a mãe do rapaz. Eu reprovei, não tinha que fazer outra coisa. Eu tive que responder à altura. De certo que o meu primeiro dia de ginásio foi desse jeito.

Na época, o Carlos Monteiro, eu me lembro muito bem, o Carlos Monteiro com a dona Jacira me disseram: o quero explicar a situação. Rocha, você sabe, nós não temos elemento preparado pra enfrentar essas coisas. Temos que preparar. Você vai fazer. Eu fui fazer o curso, me deram casa, até casa deram. O curso era toda equipe de fora, não tinha nada do estado, nada, nada, nada. A documentação não era dada pelo estado, era dada pela equipe do local de origem. Aí eu fui fazer. Lembro que era muita gente. Me lembro até da decepção do rapaz que eu me dava muito com ele. Não me recordo o nome. Eu sei que da turma que tinha todinha foi indicado nove para prestar o exame final. Nós éramos 46, ficaram nove. Foi o pior período, o que eu perdi mais tempo na minha vida, porque depois me deram catorze reais de aumento. Era um curso superior, equivalente a uma licenciatura plena. Era um curso intensivo de 120 dias. Eu andei até dois dias, o professor acompanhado, eu com quatro ou cinco elementos, fazendo classificação de vegetais. Tipo de folha, tipo disso, tipo daquilo. Tudo tomado nota. Me lembro muito bem, o elemento que se dizia mais avançado foi o primeiro a “entrar em pau”, afastado da equipe por falta de condições. Era chefe de setor federal. Esse cabra fez um zoadá dos diabos. E foi afastado, o primeiro a ser cortado. Mas era gozado a maneira de julgamento. Você ia para uma lousa, o examinado numa carteira, outro lá no outro lado, tomando nota. Tinha muita coisa. O material deles era

bom, muito colorido, em cartazes. Eles tinham um conjunto de cartazes muito bonito. Por exemplo, eles iam fazer um trabalho sobre um rio, mostravam o rio, mostravam o lugar em que ele era encachoeirado, mostrava a posição, se aquele rio, fazer um estudo se aquele rio era aproveitado, se aquela cachoeiras, aquela nivelção era possível de aproveitamento industrial, transformar água em energia. Era um trabalho pesado. Eu me lembro que o – como é o nome do diabo, é até nome de colégio hoje em Teresina – mandaram ele fazer uma explanação, rapaz, esse caboclo disse doidice de todo jeito.

Um professor que me marcou, eu diria um que me exigiu mais do que os outros. Foi um professor em Pernambuco. Eu tava com a caneta soltado tinta, eu pedi a ele para trocar de prova, e ele me disse, me saiu com certas grosserias, que fosse “pescar” noutra lugar. Eu respondi do mesmo jeito, levantei e rasguei a prova. Só não fui expulso, fora do colégio, porque o diretor era amigo de um tio meu, que era inspetor fiscal do Estado de Pernambuco. Aluno é aluno em qualquer época. E eu larguei as outras matérias para tomar conta da dele. Eu considero isso até uma coisa positiva, porque me obrigava a estudar, senão eu ia levar as matérias assim na esportiva.

Logo no início, o tempo vai passando e vai modificando as coisas. Inicialmente, com o aluno, professor sentia mais autoridade, em virtude do próprio respeito do aluno. O tempo vai passando, o respeito vai caindo e muitas vezes cria problema entre o professor e o aluno. Eu lembro, por exemplo, você conhece o Leite, conhece?, o Leite foi aluno do ginásio e um dia ele quis criar problema num treinamento para o 7 de setembro. Chamei a atenção. Chamei uma vez, não atendeu. Chamei a segunda, não atendeu. Aí eu o afastei dos treinamentos. Quando eu cheguei no ginásio, no dia que soube que estava afastado, ele foi meio grosseiro e eu o suspendi por 15 dias. Ele criou mais problemas. Aí eu dobrei para trinta dias a suspensão. Quer dizer, já automaticamente já o eliminava em falta. Aí entrou a turma do deixa disso. Lá vai o Leite me pedir desculpa, dizendo: não sei onde eu estava com a cabeça. Tá certo, você vai cumprir os 15. Os 15 ele vai cumprir. Pois bem, depois o Leite transformou-se num elemento cem por cento. E um dia, chegou lá em casa, se lastimando, que não tinha onde trabalhar e nós estávamos precisando de professor, vamos fazer a experiência com o Leite, enquanto ele faz aí um curso de professor. E assim quem convocou o Leite fui eu. O primeiro elemento que eu suspendi pesado que depois se transformou em professor. O outro que, esse eu fiz questão de tirar, na seção de Técnicas agrícolas. Eu suspendi uma vez, suspendi a segunda. Soube que ele estava lá na porta para me dar uma pisa. Aí eu disse: rapaz, o físico dele é mais ou menos igual ao meu, vai dar para equilibrar mais ou menos a coisa. Se ele fosse mais forte... Ele era técnico da seção de Técnicas. Era professor, foi afastado depois.

Eu comecei no ginásio em 59, porque em 58 eu estava em Valença. Aqui a situação do Ginásio era uma coisa esquisita. Aqui tinha um médico: Olavo Mendes de Carvalho. Veio para cá como médico e para ser Diretor do Ginásio, mas o Olavo era doente, ele tinha umas crises pesadas de nervos. Ele nunca assumiu direito. Ele entrava no ginásio um dia, dizia que era o diretor, desaparecia mais tarde, passava um mês sem ir lá. Era desse jeito. E eu entrei lá: era vice, mas quem pegava o abacaxi era eu. Eu assumi a vice em 59 e logo depois assumi a direção, porque o Olavo não ia.

Naquela época tinha dificuldade para arranjar professor, porque precisava curso da inspetoria, precisava treinamento. Muitas vezes, o sujeito não tinha experiência nenhuma. Chegava lá assistia uma aula, quatro ou cinco dias de aula. Eles perguntavam de uma vez só a parte didática, pegava um giz, o sujeito ficava parado, a maioria ficava parada na frente do quadro. Havia professores sem formação, às vezes desenvolviam bem o seu papel. Eu peguei, eu assumi a diretoria com alguns professores desse tipo. Peguei uns dois funcionários do banco. Um, mais ou menos, Melquisedec. O outro zero à esquerda em tudo.

Nessa época quem fazia tudo, tudo na escola era o diretor. Tudo, tudo, tudo. Resolvia, às vezes, até os absurdos. Eu peguei o ginásio com um abacaxi e tive que afastar o Juiz. Eu me lembro que menos de 24 horas depois, a cara do Carlos Monteiro entrando no meu gabinete, com as mãos na cabeça, dizendo: você ficou louco. Fiquei não. Foi feito, fiz o que devia fazer e se acontecesse de novo, faria a mesma coisa. O Juiz era professor. Preste atenção. O Juiz fez uma prova parcial. E aí ele completou a maior parte da prova do filho com letra verde, tinta verde, você sabe que é proibido escrever com letra verde. E deu nove ao filho. A dois amigos do filho ele respondeu quesitos em branco e deu a nota tal, tal. Este foi o caso do Dr., eu não me lembro o nome. Quando eu peguei a prova, alguns alunos reclamaram, que achavam que tinham feito prova melhor, com nota três, nota quatro. Aí eu fui fazer uma revista e pedi a Elisabeth Saraiva: Elisabete, venha cá, você é professora de português. Aqui e acolá a Elisabete dava uma gargalhada, Dr. Antônio, isso aqui é uma maluquice. Fausto Lustosa Sobrinho era o nome do Juiz. Passei o dia todinho com a Elisabete. Elisabete, me dá a sua opinião sobre isso aqui. Chamei o Dr. Fausto. Dr, sei que o senhor tá muito aperreado, era período pré-eleitoral, o senhor tá muito aperreado, leve essas provas, veja com mais cuidado. Olhe, por favor não use mais essa tinta verde, mesmo sendo a cor da esperança, mas aqui não dá esperança coisa nenhuma, leve. Levou uma vez, duas. Aí é que a bagunça ficava, porque ele pegava, riscava. A terceira vez, ele devolveu as provas. Não é possível, eu pedi ao senhor para rever isso, assim, assim, assado. Eu sei que o senhor tá muito aperreado, que é período eleitoral, mas vamos resolver isso aqui. Até que um dia ele zangou-se: é assim, tá feito e tá feito e pra não vale mais nada. Tudo bem. Ele saiu, eu larguei os paus. Mandeí bater uma petição, agradecendo os serviços prestados. Resultado, poucos dias depois veio um ofício do Tribunal, determinando o afastamento do professor Fausto Lustosa Sobrinho. Quinze dias depois, estava o irmão do Lucimar Sobral, Juiz para presidir o inquérito. Aí é que foram me dá razão. Antes, era loucura minha.

Não era tão difícil conciliar as coisas. Eu tive poucos problemas. Tive com o Juiz, tive com a filha do Aurílio Viana, irmão da Socorro Viana. Essa eu afastei mesmo, agradei os serviços prestados. E gozado que depois – eu acho que ela compreendeu que estava errada – um dia, numa festa na casa do Aulírio Viana, pai dela, eu estava lá, ela me abraçou e disse: como é que vai, Dr. Antônio, o senhor ainda tá zangado comigo. Quer dizer, eu não entendi muito bem. Mas os casos foram poucos.

Além de diretor do ginásio, eu dava aula de história, geografia, estudos sociais. Nessa época não se usava livro didático. Era o professor expondo. Às vezes se

indicava um. Aqui, por exemplo, nós usamos muito, principalmente quando eu criei o exame de admissão. Outro problema meu. Passou três anos. O curso de admissão, aqui não tinha exame não. Aí me deram, era o curso mais moderno ginásio do Piauí foi o nosso, durante três anos. Um belo dia chegou aqui, fui abrindo a porta, foi entrando a senhora Delfina Borralho Boavista mais um cidadão que eu não conhecia. Recebi, até me espantei, seis horas da manhã. Isso no mês de agosto, eu me lembro muito bem que era o período – pensei até que tavam visitando era por causa da festa, festa de agosto -, me disseram que tinham um problema e que eu iria resolver esse problema. Aí quem falou foi o representante da Secretaria de Educação e disseram o seguinte: que o nosso pré-ginásio, foi assim que nós batizamos, pré-ginásio, ginásio, pré-ginásio. Nós já tínhamos quatro turmas. Três em União e uma em David Caldas e estávamos criando uma em Novo Nilo. Quando veio a bomba: fechar, porque estava criando problema em todo o estado. Parnaíba, Campo Maior, Piripiri, Floriano, todo bicho queria implantar o pré-ginásio e o estado não teria condições de arcar com as despesas. Se criar essa leva, para o ano vai ser outra leva. Vamos acabar com o exame de admissão. Aí eu disse: mas não é possível. O senhor tem carta branca, resolva como quiser. Chamei a dona Bibi, Chamei a Concebida, chamei a Teresinha, filha da dona Bibi, chamei a menina do Chico Irene que era lá de David Caldas. Expliquei a situação, façam o possível, não deixem ninguém fora, vamos reprovar quando tiver na primeira série. Se nós deixarmos esses alunos fora, não vamos criar problema pra eles. Vão mudar de um sistema para outro completamente diferente. Só aqueles que tiverem reprovados por falta, mas o resto é para aprovar todo mundo. E assim nós encerramos o ano e encerramos o pré-ginásio e aprovamos todos os alunos que estavam com frequência normal. Tiramos apenas aqueles com frequência anormal. Desapareceu o pré-ginásio, sendo de União, porque os outros municípios queriam o pré-ginásio igual o de União.

O ensino antigamente se não era melhor, pelo menos se exigia mais. Se não era melhor, a exigência era maior. Eu não vou dizer que era melhor, porque os programas geralmente são programas padronizados, não é. São programas padronizados. Então, se são programas padronizados, variam de acordo com quem desenvolve tal programa. O professor é a viga-mestre daquele programa. É verdade que muitos casos, naquela época, era mais fácil se cumprir do que hoje. Hoje, há uma liberalidade excessiva, um negócio assim fora do rumo. Aqui e acolá, durante mais de vinte anos que eu estive no ginásio eu peguei muita incompreensão de aluno, às vezes de pai de aluno. Mas isso é coisa natural, porque, quando entrava um pai de aluno, você tinha, em primeiro lugar, de fazer mais ou menos o cálculo.

Você sabe que essa questão, tudo na vida, todo trabalho é uma questão de início. Quer dizer, eu desde o início, eu comecei a pautar a disciplina que o aluno compreendeu. Quem nos criava problema era o elemento que vinha de fora. O elemento que vinha de fora, geralmente, aqui e acolá, nos criava problema. Mas os daqui, eles já estavam bitolados, já estavam treinados naquilo. Quer dizer, o professor entrava, o aluno levantava, sentava, por uma questão de respeito. Hoje, praticamente não se faz nada disso. Tudo é uma questão de começo. Quer dizer, aquilo padroniza. Cria uma espécie de jurisprudência a respeito, de modo de ação a respeito. Se perder o fio da meada, o negócio dificulta, dificulta, dificulta muito. Você veja, por exemplo, a

minha filha assumiu ali a direção do Barão, me convidou, passei um mês, dois, aí não vai com essa indisciplina não fico, de jeito nenhum. O aluno, nem educação escolar ele tinha, se levantava, saía, não dava satisfação, sem pedir, licença não se usava. De certo que eu não tava habituado com aquele negócio. Eu não vou ficar num negócio desse de jeito nenhum.

Mas tudo é uma questão de começo. Quer dizer eu não tive muito trabalho, porque comecei. Começasse no meio do caminho talvez não tivesse conseguido. Isso é o que eu acho. Muitas vezes, sem saber a matéria, mas ele deduz muita coisa dele mesmo. Sabe porque ele tá fazendo aquelas deduções. Saber a matéria influi na disciplina, que influi, influi. Eu vou lhe dizer com toda a franqueza, o professor – o diretor é responsável pela organização geral -, mas o professor é quem é responsável pela educação, pela escola em si, pela aprendizagem em si, é o professor. Se ele não tiver manejo de classe, fica difícil, porque aqui e acolá aparece um aluno, como diz o caboclo, mais saliente, gosta de perguntar tudo, porque não tem condições de responder se zanga. Às vezes, toma como uma indisciplina a pergunta do aluno, quando a falha é dele. Quando o aluno percebe que o professor não domina a disciplina, aí lasca tudo. É o caso do Dr. Repita. Você sabe como é o Dr. Repita? O Juiz que foi afastado, Fausto Lustosa Sobrinho. O aluno perguntava isso assim, assim. Aí ele dizia: repita, repita, repita. O aluno começou a batizá-lo de Dr. Repita. Aqui e acolá, um aluno, por ignorância ou pensar que era o nome dele, chegava pra ele: Dr. Repita.

Eu vou lhe dizer, eu me aposentei mais porque achei que estava na hora de eu me aposentar, porque achei que não ia ler muito dentro da cartilha que estavam implantando, me aposentei mais por isso. Eu podia ter ficado mais dois, três anos e acabei indo lecionar lá no Anchieta. Uma vez também me convidaram para lecionar na Maria Caetano. Eu fui. Mas quando eu cheguei lá que vi a coisa, eu digo: não dá, não. Só agüentei um mês.

Mesmo aposentado, eu vivo totalmente atualizado, dentro da minha matéria, principalmente geografia, eu vivo totalmente atualizado. Atualizado, porque eu não deixo de ler. Eu tenho um livro aqui, que eu considero de alto valor, até para conhecimentos gerais, eu acho que é um livro que deve ser lido, é um livro sobre o Pós-Guerra, a partir de 1945. Eu não tenho o que fazer, tenho que ler. Só não leio mais porque a vista tá assim meio ruim. Eu sou tenho um olho, o outro já se foi, você sabe disso.

Eu sinto a falta do contato com o aluno, principalmente do aluno que gosta de perguntar, às vezes, eu até digo, de encher o saco. Hoje a maioria não compreende o que está lendo.

Depois de aposentado, são raros os casos de um convite para fazer alguma coisa na escola. E isso só acontece, quando não encontram outra pessoa para resolver o problema. Ai você é lembrado. Mas se encontrarem outro, você continua no ostracismo. Concordo também com uma coisa: acho que cinqüenta por cento dos professores que estão em sala de aula não deviam está lá dentro, porque não têm condição. Ele não gosta daquela coisa. Ele tá ali é por obrigação, porque não encontra outra saída. Muito professor está em sala de aula, porque não encontra outra maneira de ganhar a vida. Ele não gosta

daquilo, ele não faz aquilo com satisfação, mas é obrigado a fazer de conta que gosta para poder receber o tutu no fim do mês, senão...

Eu acho o conjunto numérico de professores, eu acredito que vinte por cento nasceram para ser professor e oitenta por cento são apenas oportunistas que estão lutando pela vida. Não encontram outra saída, eles vão pra aquilo. Eu lhe digo com toda a franqueza, às vezes ser professor pode ser até castigo. A pessoa desempenhar uma função que não nasceu praquilo, não gosta, tá naquilo por obrigação para poder viver, porque muita gente está ali para poder viver.

Eu comecei numa escola, Ginásio Santo Antonio, em Valença/PI, eu comecei a lecionar. Cheguei lá, o Djalma Veloso que me meteu na cabeça, não foi nem o Alcides Nunes, o Djalma Veloso meteu na cabeça do diretor do colégio. Disse: Olha, esse rapaz foi colega da gente na Bahia. Ele é em geografia, ele vive quase atualizado todo tempo. Ele gosta da coisa, ele vai atrás mesmo, esmiúça. De certo que se você conseguir esse rapaz, você vai ter uma boa aquisição. O Pe. é ligado a União, o Pe. Marque é daqui de União, foi me fazer uma visita. Olhe, eu tenho informações, Djalma Veloso, porque o padre não se dava com o Alcides Nunes por causa de política. O Pe. Era meio político. Mas, de certo, é que foi assim que comecei.

Eu, Antonio Martins da Rocha, atesto a autenticidade das transcrições acima, feitas a partir de entrevista, em áudio e vídeo, entre mim e o pesquisador Lourival da Silva Lopes ao qual autorizo a sua divulgação.

assinatura